

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Ana Raquel Novo Henriques**

Lisboa, julho de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico  
Estágio Profissional I, II e III

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Ana Raquel Novo Henriques**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano Caldeira

Lisboa, julho de 2013

## **Agradecimentos**

Este Relatório permitiu concluir o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, e por isso começo por agradecer a todas as pessoas que me apoiaram ao longo deste período da minha vida.

Quero agradecer à Escola Superior de Educação João de Deus, local onde me formei, e ao diretor da mesma, Professor Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho. O empenho e dedicação que é demonstrado na formação de docentes tornam esta escola um local de prestígio. Não esquecendo todos os docentes desta escola, quero agradecer por tudo o que me ensinaram, e as experiências que me proporcionaram. Sem dúvida que levo muitas recordações de todos.

Agradeço à Professora Doutora Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano Caldeira, pela orientação que me prestou neste Relatório e por estar sempre disponível para ajudar.

Quero também agradecer a todo o corpo docente e não docente do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, onde realizei o meu estágio profissional, com destaque às Educadoras e Professores das salas onde estagiei. Um especial obrigada pelo carinho, por tudo o que me ensinaram e pelos conselhos transmitidos ao longo do estágio. Não poderia deixar de agradecer a todas as crianças, que, sem elas, tudo isto seria impossível.

Agradeço às minhas colegas de turma pelos momentos que passamos juntas, muitos deles de partilha de opiniões, pela força que sempre transmitimos entre nós e pelos bons momentos.

Em último lugar mas não menos importante, quero fazer um agradecimento especial à minha família e amigos por todo o apoio e auxílio que sempre me deram.

Obrigada!

## Índice Geral

Índice de Quadros .....	XIII
Índices de Figuras .....	XV
INTRODUÇÃO .....	1
1. Identificação do local de estágio.....	1
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional .....	1
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional .....	2
4. Identificação do grupo de estágio .....	2
5. Metodologia utilizada .....	3
6. Pertinência do estágio profissional .....	4
7. Cronologia .....	5
 CAPÍTULO 1 – Relatos Diários .....	7
Descrição do capítulo .....	9
1.1. 1. <sup>a</sup> Secção: Sala dos 5 anos .....	9
1.1.1. Caracterização da turma.....	9
1.1.2. Caracterização do espaço .....	10
1.1.3. Rotina diária.....	11
1.1.4. Horário da turma .....	13
1.1.5. Relatos diários.....	14
1.2. 2. <sup>a</sup> Secção: Sala dos 3 anos .....	33
1.2.1. Caracterização da turma.....	33
1.2.2. Caracterização do espaço .....	33
1.2.3. Rotina diária.....	34
1.2.4. Horário da turma .....	35
1.2.5. Relatos diários.....	36
1.3. 3. <sup>a</sup> Secção: Sala dos 4 anos .....	55
1.3.1. Caracterização da turma.....	55
1.3.2. Caracterização do espaço .....	55

1.3.3. Rotina diária.....	56
1.3.4. Horário da turma .....	56
1.3.5. Relatos diários.....	57
1.4. 4. <sup>a</sup> Secção: Seminário de contacto com a realidade educativa .....	78
1.4.1. Caracterização da turma.....	78
1.4.2. Caracterização do espaço .....	79
1.4.3. Rotina diária.....	79
1.4.4. Relatos diários .....	80
1.5. 5. <sup>a</sup> Secção: 2.º Ano.....	81
1.5.1. Caracterização da turma.....	81
1.5.2. Caracterização do espaço .....	82
1.5.3. Rotina diária.....	83
1.5.4. Horário da turma .....	83
1.5.5. Relatos diários.....	83
1.6. 6. <sup>a</sup> Secção: 1.º Ano.....	103
1.6.1. Caracterização da turma.....	103
1.6.2. Caracterização do espaço .....	103
1.6.3. Rotina diária.....	104
1.6.4. Horário da turma .....	104
1.6.5. Relatos diários.....	105
1.7. 7. <sup>a</sup> Secção: 4.º Ano.....	127
1.7.1. Caracterização da turma.....	128
1.7.2. Caracterização do espaço .....	128
1.7.3. Rotina diária.....	129
1.7.4. Horário da turma .....	129
1.7.5. Relatos diários.....	130
1.8. 8. <sup>a</sup> Secção: 3.º Ano.....	152
1.8.1. Caracterização da turma.....	152
1.8.2. Caracterização do espaço .....	153
1.8.3. Rotina diária.....	154

1.8.4. Horário da turma .....	154
1.8.5. Relatos diários.....	154
CAPÍTULO 2 – Planificações .....	177
Descrição do capítulo .....	179
2.1. Fundamentação Teórica .....	179
2.2. Planificações .....	182
2.2.1. Área Curricular – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	183
2.2.2. Área Curricular – Conhecimento do Mundo.....	187
2.2.3. Área Curricular – Estudo do Meio .....	191
2.2.4. Área Curricular – Matemática.....	195
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação.....	199
Descrição do capítulo .....	201
3.1. Fundamentação Teórica.....	201
3.2. Dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	206
3.2.1. Contextualização .....	206
3.2.2. Parâmetros e critérios de avaliação .....	206
3.2.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	207
3.2.4. Grelha de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	208
3.2.5. Apresentação dos resultados e gráfico .....	210
3.2.6. Descrição do gráfico.....	210
3.3. Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática.....	211
3.3.1. Contextualização .....	211
3.3.2. Parâmetros e critérios de avaliação .....	211
3.3.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	213
3.3.4. Grelha de avaliação do Domínio da Matemática .....	214
3.3.5. Apresentação dos resultados e gráfico .....	215
3.3.6. Descrição do gráfico.....	216
3.4. Dispositivo de avaliação da área de Matemática .....	216

3.4.1. Contextualização .....	216
3.4.2. Parâmetros e critérios de avaliação .....	216
3.4.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	217
3.4.4. Grelha de avaliação da área de Matemática .....	218
3.4.5. Apresentação dos resultados e gráfico .....	219
3.4.6. Descrição do gráfico.....	219
3.5. Dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio .....	220
3.5.1. Contextualização .....	220
3.5.2. Parâmetros e critérios de avaliação .....	220
3.5.3. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	222
3.5.4. Grelha de avaliação da área de Estudo do Meio .....	223
3.5.5. Apresentação dos resultados e gráfico .....	224
3.5.6. Descrição do gráfico.....	225
Reflexão Final.....	227
Considerações finais .....	229
Limitações.....	231
Novas pesquisas .....	231
Referências Bibliográficas.....	233
Anexos .....	243
Anexo 1 – <i>Dispositivo de avaliação do Domínio da linguagem e abordagem à escrita</i>	
Anexo 2 – <i>Dispositivo de avaliação do Domínio de matemática</i>	
Anexo 3 – <i>Dispositivo de avaliação de Matemática</i>	
Anexo 4 – <i>Dispositivo de avaliação de Estudo do Meio</i>	

## Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos momentos de estágio no Ensino Pré-Escolar .....	5
Quadro 2 – Distribuição dos momentos de estágio no 1.º ciclo do Ensino Básico ...	5
Quadro 3 – Horário da turma dos 5 anos .....	13
Quadro 4 – Versos das figuras geométricas .....	14
Quadro 5 – Horário da turma dos 3 anos .....	36
Quadro 6 – Horário da turma dos 4 anos .....	56
Quadro 7 – Horário do 2.º Ano .....	83
Quadro 8 – Horário do 1.º Ano .....	104
Quadro 9 – Horário do 4.º Ano .....	129
Quadro 10 – Horário do 3.º Ano .....	154
Quadro 11 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem .....	182
Quadro 12 – Plano de aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	183
Quadro 13 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo .....	188
Quadro 14 – Plano de aula de Estudo do Meio .....	192
Quadro 15 – Plano de aula de Matemática .....	195
Quadro 16 – Escala utilizada na avaliação .....	205
Quadro 17 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	207
Quadro 18 – Grelha das citações da proposta do anexo 1 .....	209
Quadro 19 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Matemática .....	212



Quadro 20 – Grelha das cotações da proposta do anexo 2 .....	214
Quadro 21 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação na área de Matemática .....	217
Quadro 22 – Grelha das cotações da proposta do anexo 3 .....	218
Quadro 23 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação na área de Estudo do Meio .....	221
Quadro 24 – Grelha das cotações da proposta do anexo 4 .....	223

## Índice de Figuras

Figura 1 – Sala dos 5 anos .....	11
Figura 2 – Cartilha Maternal.....	18
Figura 3 – Sala dos 3 anos .....	34
Figura 4 – Construção do Presépio .....	51
Figura 5 – Sala dos 4 anos .....	56
Figura 6 – Material usado na área de Domínio da Matemática .....	67
Figura 7 – Sala do 2.º Ano .....	82
Figura 8 – Relógio usado em Matemática .....	93
Figura 9 – Sala do 1.º Ano .....	104
Figura 10 – Estratégia de comportamento .....	115
Figura 11 – Livro .....	115
Figura 12 – Sala do 4.º Ano .....	129
Figura 13 – Sala do 3.º Ano .....	153
Figura 14 – Livro “A Vaca” .....	190
Figura 15 – Vaca .....	190
Figura 16 – Gráfico da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	210
Figura 17 – Gráfico da avaliação do Domínio da Matemática .....	215
Figura 18 – Gráfico da avaliação da área de Matemática .....	219
Figura 19 – Gráfico da avaliação da área de Estudo do Meio .....	224

# Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I, II e III. Teve início a 27 de setembro de 2011 e terminou a 25 de janeiro de 2013. Realizou-se durante três dias por semana, sendo estes às segundas, terças e sextas-feiras, com uma carga horária de quatro horas/dia, das 9h às 13h. Durante este período percorri todos os níveis de ensino, pela seguinte ordem: educação pré-escolar, na sala dos 5 anos, sala dos 3 anos e sala dos 4 anos. No 1.º ciclo do ensino básico, estive presente nas salas do 2.º ano, 1.º ano, 4.º ano e 3.º ano, pela ordem apresentada.

Este Relatório de Estágio foi redigido segundo o novo acordo ortográfico.

## **1. Identificação do local de estágio**

O Estágio Profissional I, II e III realizou-se numa escola de Lisboa.

O edifício é composto por doze salas de aula (duas para cada faixa etária), um salão, um ginásio, uma sala de informática, uma biblioteca, uma sala multiusos, uma sala de professores, um gabinete da direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, casas de banho para as crianças e os adultos e dois espaços exteriores.

Este Jardim Escola abrange as valências do Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com crianças de idades abrangidas entre os três e os dez anos.

## **2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional**

Este Relatório de Estágio apresenta-se estruturado pela seguinte forma: introdução, capítulo 1, capítulo 2, capítulo 3 e, por fim, a reflexão final.

Na introdução, encontra-se a caracterização do local de estágio, a descrição e estrutura do relatório, a importância da elaboração do mesmo, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio profissional e, por fim, a cronologia referente ao relatório.

No capítulo 1, estão inseridos os relatos diários, com os acontecimentos presenciados nos dias de estágio. A maior parte dos relatos serão completados com inferências e sustentações científicas relativas a práticas observadas nas diferentes salas de aula.

No capítulo 2, serão apresentadas as quatro planificações das três áreas, cada uma delas fundamentada com as respectivas estratégias utilizadas.

No capítulo 3, serão apresentados quatro dispositivos de avaliação elaborados por mim relativos às três áreas curriculares do ensino Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para finalizar, na reflexão final, serão apresentadas as considerações finais, as limitações e as novas pesquisas.

Também será apresentada, no final deste relatório, uma lista de referências bibliográficas e os anexos.

### **3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional**

A elaboração deste trabalho tem uma relevância bastante importante para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, e também porque é um suporte que inclui muitas vivências e aprendizagens que fui adquirindo ao longo da sua elaboração.

Este conjunto de experiências que fui tendo a oportunidade de presenciar, foram bastante importantes, pois com elas os nossos saberes aumentam e preparam-nos para a vida futura como docentes. Tal como é defendido por Bogdan & Biklen (1994), este relatório pode ser benéfico “quando a abordagem qualitativa começa a fazer parte do treino dos futuros professores, facilita-lhes o tornarem-se observadores mais atentos do meio escolar como um todo, auxiliando a transformar a sua formação num esforço mais consciente” (p.285).

As inúmeras leituras e pesquisas que realizei tornaram-me mais atenta, mais crítica e reflexiva.

### **4. Identificação do grupo de estágio**

Durante todo o período de estágio realizado, estive inserida num grupo com colegas, no entanto, este não teve sempre o mesmo número de elementos.

Já conhecia as colegas da Licenciatura em Educação Básica, e por isso, a integração foi fácil e até mesmo motivadora. Enquanto grupo tivemos uma boa relação,

ajudámo-nos sempre que necessário, e a força e determinação que transmitimos umas às outras foi visível. Para além disto, e na minha opinião, foi bastante importante termos partilhado experiências e discutirmos pontos de vista diferentes.

É fundamental a ajuda e apoio de todas nesta fase crucial para o nosso futuro profissional, pois, tal como referem Flores e Simão (2009), a educação, tanto para os alunos como para os professores, é uma aprendizagem cooperativa de conhecimento (p.44).

## **5. Metodologia utilizada**

Para a realização deste relatório de estágio, foram utilizados os seguintes instrumentos para a recolha de dados: observação e análise documental, que fazem parte de uma investigação qualitativa. Podemos encontrar cinco pontos que caracterizam esta investigação, de acordo com Bogdan & Biklen (1994):

“Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; a investigação qualitativa é descritiva; os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.” (p.47)

Podemos definir observação, segundo Afonso (2005), como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (p.91).

Este método possibilita um contacto directo com o grupo, de forma a proporcionar uma melhor observação do que se passa. Ao longo do mestrado, fui realizando as minhas observações durante os estágios. A este tipo de observação, quando aquele que observa está inserido no grupo e vivencia o mesmo, dá-se o nome de observação participante. Segundo Mann (1970, citado por Sousa, 2009), “a observação participante é uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles” (p.113).

Em concordância com o autor anterior, também Bogdan & Biklen (1994) defendem que nesta observação “o investigador introduz-se no mundo das pessoas que

pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa” (p.16).

A observação é complementada com a análise de dados. Tal como é afirmado por Sousa (2009), “depois de recolhidos os resultados brutos com os diferentes instrumentos, nas diferentes observações (...) há a necessidade de se proceder ao seu estudo para se poder chegar a inferências que irão ou não validar as hipóteses da investigação” (p.291).

Tal como afirma Sousa (2009), “os dados ou indicadores são as variáveis – caracteres ou características da investigação (sexo, idade, peso, altura, cotação de um teste, resultado de uma observação)” (p.295). Estes dados referem a documentos, como por exemplo, as caracterizações das turmas que estão contempladas no Projeto Curricular de Turma, o horário das mesmas, os *dossiers*, entre outros. Estes documentos foram fornecidos pelas Educadoras e Professoras cooperantes das respetivas turmas.

Esta metodologia possibilita-me, enquanto futura docente, encontrar uma resposta para cada comportamento observado e, dessa forma, instruir-me. Também retiro de cada momento de estágio alguns bons exemplos de educadoras/professoras que podem fazer parte da minha vida profissional, futuramente.

## **6. Pertinência do estágio profissional**

A prática pedagógica é uma parte essencial na formação de professores. Esta possibilita uma noção da realidade, fundamental para este processo de aprendizagem, preparando-nos o futuro. Segundo Alonso & Roldão (2005, p.36):

“(...) é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de reflectir sobre essa realidade, de comunicar experiências e, sobretudo, saber que a aprendizagem de um professor nunca termina”.

O estágio profissional permite vivenciar situações e realidades diferentes, alargando assim, horizontes a nível profissional. Esta formação também nos proporciona adquirir vastos conhecimentos para um dia mais tarde, no terreno, serem colocados em prática. De acordo com Loureiro (2000), “espera-se que a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional” (p.33).

Ter podido realizar tantas horas de estágio e ter partilhado tantas experiências foi extremamente positivo.

## 7. Cronologia

Os quadros 1 e 2 apresentam as datas da duração de cada momento de estágio. O primeiro relativamente ao estágio realizado no ensino Pré-Escolar e o segundo relativo ao estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No ensino Pré-Escolar estive primeiro na turma dos 5 anos, depois na turma dos 3 anos, e por último na turma dos 4 anos.

No estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico comecei pela turma do 2.º ano, depois 1.º ano, seguido do 4.º ano, e por último, a turma do 3.º ano.

Gostaria de referir que nesta escola muitas vezes designa-se a turma das crianças pela cor do bibe que vestem.

Quadro 1 – Distribuição dos momentos de estágio no Ensino Pré-Escolar

<b>5 anos</b>		<b>3 anos</b>		<b>4 anos</b>	
<b>(Bibe Azul)</b>		<b>(Bibe Amarelo)</b>		<b>(Bibe Encarnado)</b>	
27 de setembro de 2011	4 de novembro de 2011	7 de novembro de 2011	16 de dezembro de 2011	2 de janeiro de 2012	10 de fevereiro de 2012

Quadro 2 – Distribuição dos momentos de estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico

<b>2.º Ano</b>		<b>1.º Ano</b>		<b>4.º Ano</b>		<b>3.º Ano</b>	
<b>(7 anos)</b>		<b>(6 anos)</b>		<b>(9 anos)</b>		<b>(8 anos)</b>	
5 de março de 2012	27 de abril de 2012	8 de maio de 2012	27 de junho de 2012	25 de setembro de 2012	16 de novembro de 2012	18 de novembro de 2012	25 de janeiro de 2013





# **Capítulo 1**

## **Relatos Diários**



## **Descrição do capítulo**

Este capítulo está dividido em oito secções, cada uma referente a cada momento de estágio, incluindo assim os grupos do ensino Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico e o Seminário de contacto com a realidade educativa. Cada secção está identificada com a data de cada momento de estágio, seguindo essa mesma ordem. Assim sendo, a primeira secção diz respeito ao grupo dos 5 anos, a segunda secção é relativa ao grupo dos 3 anos, a terceira secção diz respeito ao grupo dos 4 anos, a quarta secção é relativa ao Seminário, a quinta secção diz respeito ao 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (faixa etária dos 7 anos), a sexta secção é referente ao 1.º ano de escolaridade (faixa etária dos 6 anos), a sétima secção refere-se ao 4.º ano de escolaridade (faixa etária dos 9 anos) e, por último, a oitava secção que diz respeito ao 3.º ano de escolaridade (faixa etária dos 8 anos).

O registo das observações será feito pela ordem acima descrita, seguidas de inferências e fundamentação científica. De forma a não serem reconhecidos os professores titulares das turmas por onde passei, encontram-se identificados por uma letra.

### **1. Relatos diários**

#### **1.1. 1.ª Secção**

**Período de Estágio:** de 27 de setembro a 4 de novembro de 2011

**Faixa etária:** 5 anos

**Educadora Cooperante:** M

##### **1.1.1. Caracterização da turma**

Esta caracterização foi fornecida pela educadora titular da sala de aula.

A turma dos 5 anos é composta por 28 crianças, 14 do género feminino (das quais 4 têm quatro anos e 11 têm cinco anos) e 14 do género masculino (das quais 6 tem

quatro anos e 8 têm cinco anos). Uma destas crianças frequenta pela primeira vez esta escola.

Estas crianças pertencem a famílias maioritariamente estruturadas, cujo nível sócio-económico é médio e médio/alto e os seus pais possuem na sua grande maioria formação académica superior.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica da Escola, que fomenta a organização do ambiente educativo de modo a que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. Pressupõe, igualmente o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. O educador estabelece uma relação individualizada com cada criança facilitadora da sua inserção no grupo e da sua relação com as outras crianças. Essa relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada.

A nível afetivo-emocional a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

De uma forma geral as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, interessadas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

### **1.1.2. Caracterização do espaço**

A sala dos 5 anos é grande e para além das mesas, também contém um espaço, junto à porta, onde as crianças podem sentar-se em roda para fazerem alguma atividade.

É uma sala acolhedora, decorada com materiais coloridos e apelativos. Esta é uma forma de cativar as crianças e para que se sintam confortáveis no sítio onde passam grande parte do dia. Tal como está inserido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, a que as crianças podem fazer e aprender” (p.37).

Esta sala, que se visualiza na figura 1, dá acesso à casa de banho e tem uma porta para a rua, que as crianças utilizam frequentemente quando vão para o recreio. Para chegarmos à sala, temos de passar pela sala da turma.



Figura 1 – *Sala dos 5 anos.*

### **1.1.3. Rotina Diária**

- **Acolhimento**

O acolhimento é realizado todos os dias de manhã, logo às 9 horas. Cada educadora e professora junta-se com a sua turma e formam uma roda que começa com o grupo dos 3 anos, no centro, e vai até ao 4.º ano, que fica na periferia da mesma. Aqui as crianças cantam canções, em conjunto.

À medida que as crianças vão chegando, são acolhidas pelas educadoras ou professoras e juntam-se na roda. Os estagiários também ocupam o seu lugar na mesma, cantando e interagindo com as crianças.

A última canção que é cantada é o Hino de João de Deus. De seguida as turmas dirigem-se para as suas salas, ficando apenas o grupo dos 4 anos no salão.

- **Higiene**

A higiene é controlada nas idas à casa de banho. Estas realizam-se sistematicamente depois da roda, antes do almoço, após o almoço e antes do lanche. Para além das vezes em que vão por necessidade própria.

A higiene é bastante importante, prevenindo assim o aparecimento de doenças. Nos Jardins-Escolas deve ser ensinado como proceder para fazer a higiene diária das crianças, não esquecendo outras formas de higiene, menos regulares, tais como: cortar as unhas, cortar o cabelo, etc.. Neste espaço apenas conseguimos controlar a lavagem e secagem das mãos.

A lavagem das mãos é indispensável numa ida à casa de banho, pois segundo Cordeiro (2010), “uma lavagem das mãos bem feita e nos momentos em que deve ser, poderá impedir três dos principais modos de transmissão de doenças: fecal-oral, contacto indirecto com secreções respiratórias e contacto directo com fluídos corporais” (p.105).

Não menos importante é a secagem das mãos, que tal como defende o mesmo autor (p.108), a secagem das mãos é bastante importante pelas seguintes razões:

- “- Ajuda a prevenir as fissuras das mãos;
- Reduz a contaminação das mãos (as mãos molhadas contaminam-se mais facilmente);
- Remove algumas bactérias e vírus.”

## • **Recreios**

Os recreios são realizados a meio da manhã, depois do almoço e à tarde. Quando o tempo está favorável, o recreio é feito na rua, quando está a chover, as crianças brincam com os brinquedos da sala ou fazem jogos com a Educadora.

O recreio é bastante importante, pois possibilita momentos de descontração para as crianças e, ao mesmo tempo, momentos de convívio entre elas. Para além disto, quando a educadora quer retomar ou começar uma aula, as crianças vão estar mais relaxadas e com a atenção da concentração mais direccionada para a aula. Ou seja, como defende Cordeiro (2010), “são várias as vantagens de brincar, para além do gozo puro e simples e do prazer físico, psicológico e emocional” (p.329). Os mesmos são sempre acompanhados pelos educadores e professores. Este acompanhamento também lhes permite observar a forma como as crianças brincam para aumentar o conhecimento das mesmas.

## • Almoço

O almoço desta turma é feito no refeitório do Jardim-Escola, ao contrário dos outros bibes da infantil, que são feitas no salão. O almoço é servido a partir das 12h.

O almoço é sempre composto por sopa, o prato principal e a sobremesa que é, na maioria das vezes, fruta. A bebida é sempre água. O prato principal varia entre o peixe e a carne.

As refeições são adequadas para uma alimentação saudável, contendo sempre verduras (mesmo no prato principal) e fruta. Segundo Cordeiro (2010), “os frutos e verduras devem ser incluídos na alimentação da criança desta idade, mesmo que seja – como acontece frequentemente – uma das maiores razões de lutas e recusas alimentares” (p.59).

As crianças são estimuladas para comerem de forma autónoma e cuidada.

### 1.1.4. Horário da turma

O horário da turma dos 5 anos encontra-se de seguida, no quadro 3, onde podemos observar como está organizada a semana.

Quadro 3 – Horário da turma dos 5 anos

Bibe Azul A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30-10.00	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e Escrita	Cartilha e escrita
10.00-10.30					Informática/ Biblioteca
10.30-11.00	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	
11.00-11.30	Educação Física	Matemática - material	Educação Física	Matemática	RECREIO
11.30-12.00	Matemática - material	Matemática - escrita	Educação Musical 11.35-12.05	Conhecimento Mundo	Conhecimento Mundo
12.00	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.00	Matemática - material	Conhecimento Mundo		Desenho/Pintura	Inglês 14h 30/15h 20
15.00-15.30	Dobragens/Fitas	Pintura/Modelagem	Matemática - material	Lenga-lenga/Destra. Lín.	
15.30-16.00	Matemática - escrita	Desenho de série	Dobragens/Fitas	Matemática - escrit	
16.00-16.30	Desenho/Pintura	Dramatização	Dramatização	Desenho/Pintura	Assembleia de Turma
16.30	LANCHE				
17.00	SAÍDA				

Educadora Mariana

(Horário sujeito a Alterações)



### 1.1.5. Relatos diários

**Terça-feira, 27 de setembro de 2011**

Ao chegarmos ao Jardim-Escola, fomos recebidas pela diretora que fez uma breve apresentação e lembrou como a organização dos grupos de estágio estava feita. Depois de conhecermos o jardim-escola, fomos para esta sala.

Nesta primeira aula, fomos apresentadas à Educadora e à turma. De seguida a Educadora iniciou as lições de Cartilha com um grupo de crianças e, enquanto isso, outras terminavam algumas propostas de trabalho do dia anterior ou começavam uma nova. Nesta manhã a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática com os Blocos Lógicos. Começou por perguntar às crianças quais eram as diferenças entre as peças deste material, ao qual responderam o seguinte: cor, espessura, tamanho e forma. De forma a aprofundar a última diferença que foi mencionada, mostrou as quatro formas geométricas deste material e com a turma cantaram uma música adequada a cada uma delas.

No quadro 4 apresenta-se os versos cantados com as figuras geométricas.

Quadro 4 – Versos das figuras geométricas

“Eu sou o triângulo, Tenho três biquinhos Sirvo de chapéu Para os palhacinhos”	“Eu sou o círculo Sou igual à lua E o mais bonito Lá da minha rua”
“Eu sou o retângulo Cresci mais de um lado Para fazer inveja Ao senhor quadrado”	“Eu sou o quadrado Bonito demais Tenho quatro lados Todos iguais”

Depois de todas as formas lembradas, a Educadora colocou no quadro uma linha fechada, para servir de linha fronteira e para fazer um conjunto. O nome deste conjunto, U, foi escolhido por uma criança.

A Educadora pediu a outro aluno para colocar naquele conjunto uma peça cor-de-rosa. Este chegou à conclusão que não havia e por isso, chamaram àquele conjunto, conjunto vazio. Para que todos entendessem, a educadora deu o exemplo de um bolso: quando não tem nada lá dentro, está vazio. Logo, vamos dar esse mesmo nome ao conjunto.

Foi dada a noção de que, também aqui, usamos símbolos, e o cardinal ( $\#$ ), é um deles. E no conjunto anterior colocaram  $\#U = 0$

De seguida, a Educadora formou outro conjunto (I) que foi ocupado por uma peça azul, escolhida por uma criança. Então,  $\#I = 1$ . Podemos chamar a este conjunto, conjunto singular, por só possuir uma peça.

Foi entregue uma proposta de trabalho sobre formas geométricas.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na minha opinião, este material é bastante apelativo devido às cores e formas que apresenta. Com o mesmo, podemos desenvolver nas crianças o raciocínio lógico-matemático.

Segundo Simons (2007, citado por Caldeira, 2009b), “o conhecimento lógico-matemático é construído através da acção, a partir de relações que a própria criança cria entre os objectos; a partir dessas relações, vai criando outras e, assim sucessivamente” (p.363)

Através das peças deste material, as crianças vão tomando consciência das formas, cores, espessuras e tamanhos, criando uma relação entre elas. Segundo

Canals (1992, citado por Caldeira, 2009b), “o raciocínio lógico-matemático inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos “ (p.364).

O raciocínio que vai sendo desenvolvido, permite à criança uma maior destreza e capacidade para relacionar e cruzar conhecimentos matemáticos.

**Sexta-feira, 30 de setembro de 2011**

Logo pela manhã, a educadora começou a dar as lições de Cartilha a grupos de quatro crianças. Estes grupos estavam formados tendo em conta o ritmo de cada uma.

Mais tarde, a educadora deu uma aula com o material Geoplano. Começou por colocar algumas perguntas sobre o material. Depois de uma pequena abordagem ao mesmo, desenvolveu a noção de horizontalidade (esquerda para a direita) e verticalidade (cima para baixo). Para isso pediu a uma criança para contar quantos piquinhos havia na horizontalidade da placa do Geoplano. Essa criança falou muito baixinho e a educadora apelou para que falasse mais alto. Depois de algumas crianças contarem em voz alta e de se certificarem que havia 11 piquinhos, a educadora contou com a turma quantos espaços havia entre os piquinhos.

De seguida, contaram na vertical levando-os a concluir que a placa do Geoplano tem a forma de um quadrado porque tem os lados todos iguais, com o mesmo número de piquinhos e espaços.

Posteriormente, a educadora deu as indicações para fazerem uma construção. Em primeiro lugar dividiu a placa do Geoplano em duas partes iguais pedindo às crianças para contarem 5 piquinhos da esquerda para a direita e colocarem o elástico no 6.º piquinho. Ao puxarem o elástico para baixo vão dividir a placa ao meio. À medida que a educadora ia dando novas informações, circulava pelas mesas para confirmar se o elástico estava colocado corretamente.

De seguida, trabalhou simetrias. Deu indicações às crianças para que fizessem um quadrado num dos lados do Geoplano e tornassem a fazê-lo do outro lado como se dobrássemos o Geoplano ao meio. A educadora exemplificou com uma folha de papel e tinta. Depois de todos perceberem fizeram o seu quadrado. A educadora elogiou um menino que tinha feito bem.

Depois apelou à imaginação das crianças e pediu, para que com um só elástico, completassem a sua construção e imaginassem o que era.

A educadora mostrou o Geoplano de alguns que fizeram uma casa, um laço, etc. A educadora fez o seu: um gelado.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

No meu ponto de vista é bastante importante apelar à imaginação e criatividade das crianças. Como é defendido por Ostrower (2008), a criatividade é “um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades” (p.5), ou seja, a criatividade faz parte do ser humano e é essencial que seja desenvolvida.

Ao nível do Domínio da Matemática é explorado quase diariamente, constituindo assim uma área de extrema importância para desenvolver nestas idades. Tal como é defendido por Abrantes, Serrazina & Oliveira (1999), “seria impensável que não se proporcionasse a todos a oportunidade de aprender matemática de um modo realmente significativo, do mesmo modo que seria inconcebível eliminar da escola básica a educação literária, científica ou artística” (p.17). Assim sendo, o educador deve adquirir um vasto conhecimento ao nível de matemática, de forma a transmitir os conteúdos corretos. Segundo Serrazina (2002), “o professor precisa de ter instrumentos de análise e reflexão sobre a sua prática, sobre o seu significado, sobre o tipo de conteúdos a trabalhar, sobre como aprendem os seus alunos e sobre como ensinar” (p.14).

Pude observar que os alunos estavam interessados e motivados no decorrer desta aula.

## **Segunda-feira, 3 de outubro de 2011**

Visto que foi o primeiro dia de aulas do mês de outubro, a Educadora falou um pouco sobre o novo mês e escreveu a data no quadro.

Como é habitual, a Educadora deu as aulas de Cartilha, enquanto o resto da turma terminava propostas de trabalho pra contextualização das lições sobre a mesma.

Começaram uma proposta de trabalho do Domínio da Matemática sobre a adição mas não terminaram, pois foram almoçar.

Apresenta-se na figura 2 a Cartilha Maternal.



Figura 2 – *Cartilha Maternal*

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

É importante que as crianças estejam ocupadas enquanto outras vão às lições da Cartilha. Esta é feita em grupos que três ou quatro crianças e para isso é necessário que todas tenham trabalhos para fazer, na maioria de contextualização das letras já aprendidas. Segundo o Guia Prático da Cartilha Maternal (1997), “as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças, (...). Esta pequena equipa, que funciona como tal, torna as lições mais vivas, e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: rápidos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes” (p.19). Os grupos são formados de acordo com o ritmo de aprendizagem das crianças para que estas se sintam apoiadas.

### **Terça-feira, 4 de outubro de 2011**

A educadora ensinou como se escreviam algumas consoantes.

Trabalhou o Domínio da Matemática com o 3.º e 4.º Dom de Froebel. A Educadora começou por colocar algumas perguntas sobre o material, tais como: “que material é este?”, “estas caixas estão vazias?”, “o que têm lá dentro?”. Relembrou algumas regras para a sua utilização: a abertura da caixa e o movimento das peças com os dedos em forma de pinça. Fez uma distinção entre as duas caixas, referindo o sólido geométrico que continha cada uma e a sua quantidade. De seguida, e separadamente, foi

referido o número de faces do cubo e do paralelepípedo e a figura geométrica que cada face apresenta.

Esta pequena abordagem ao material foi feita com perguntas, algumas dirigidas, de forma a testar o conhecimento que cada criança retinha do mesmo.

De seguida, contou uma história, e no seguimento da mesma, as crianças fizeram a construção da ponte (primeiro o tabuleiro e depois os pilares).

A educadora a partir daqui trabalhou algumas noções de quantidade (dúzia, meia dúzia), a soma, algarismos com valor par e ímpar e teoria de conjuntos.

Por último, a educadora desenhou uma linha fronteira à volta dos “mergulhadores” que tinha utilizado num cálculo anterior e chamou a este o conjunto V. Depois de escrever o cardinal do conjunto, explicou que, como temos todos os elementos neste conjunto, chamamos conjunto Universal.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O 3.º e 4.º Dons de Froebel são um material apelativo e de fácil manuseamento. Com ele as crianças podem fazer diversas construções. De acordo com Caldeira (2009b) pode-se realizar as seguintes construções: as mobílias de sala e de quarto; pontes baixa e alta; poço; camioneta; cadeira; lareira; templos da cruz baixa alta e sem cruz; helicóptero e estátua.

Para além disto, este material desenvolve algumas capacidades na criança, o que vem ao encontro do que defendem Moreira e Oliveira (2003), “com as actividades realizadas que envolviam construções específicas, pretendia-se que as crianças explorassem as propriedades de objectos a três e a duas dimensões, (...)” (p.33).

### **Sexta-feira, 7 de outubro de 2011**

Hoje as turmas dos 5 anos foram a uma visita de estudo e como não puderam ir todas as estagiárias a acompanhá-los, trocámos de bibe neste dia.

Fomos para a sala dos 3 anos. Visto que ficámos muitas estagiárias na mesma sala, a educadora aproveitou para fazer, pela primeira vez, picotagem com as crianças, visto que é necessário muita atenção e cuidado a ter com os picos.

Depois desta tarefa, a educadora sentou as crianças no chão, em roda e trabalhou com o 1.º Dom de Froebel.

Contou a história de um senhor que gostava muito de crianças e gostava de fazer alguma coisa para elas. Então um dia tirou madeira de uma árvore e fez uma caixinha. Nela colocou bolinhas das cores do arco-íris que pediu à sua mãe para fazer. A educadora mostrou a bola amarela e passou por todas as crianças.

Como as crianças estavam sentadas em roda, não pôde trabalhar lateralidade. Distribuiu a bolacha e depois tiveram música com o professor P. De seguida foram almoçar e depois dormir a sesta.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Tal como defende Almeida (1998), podemos definir visita de estudo como “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos.” (p.51).

As visitas de estudo são muito importantes, pois as crianças muitas vezes podem observar na prática e no concreto, os conteúdos que deram teoricamente. Tal como afirma o autor atrás referido, “as visitas de estudo têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem, reunindo o consenso de professores, alunos, autores de livros de texto, investigadores em desenvolvimento curricular e responsáveis por instituições de natureza muito diversa...” (p.19). Para além disto, são produtoras de entusiasmo e interesse por parte dos alunos, o que facilita o ensino.

### **Segunda-feira, 10 de outubro de 2011**

Hoje uma das minhas colegas deu aula durante a manhã sobre a temática os ossos do corpo humano. A minha colega sentou as crianças em forma de U e começou por dialogar sobre o fim-de-semana e sobre a visita de estudo que fizeram na passada sexta-feira. Entretanto levantaram-se, e em pé cantaram “Eu mexo um dedo tiriri tiriri”, referindo assim algumas partes do corpo.

De seguida voltaram a sentar-se no chão e a colega foi perguntando quais as partes do corpo que falou e colou as palavras no tampo da mesa que serviu de quadro. Foi pedindo a algumas crianças que identificassem as letras que já conheciam da Cartilha e fez a leitura da palavra “pé”.

Quando terminaram esta atividade dinâmica, sentaram-se nos lugares onde já estava uma folha em tamanho A3 e tampas de 3 cores diferentes. A colega explicou que um menino gostava muito de gelados e todos os dias, depois do lanche, pedia à mãe um, mas só os obtinha com uma condição: se pedisse os sabores dos gelados sem repetir a sua ordem. Pretendeu que as crianças fizessem combinações com as três tampas de cores diferentes. Elas escolheram um sabor para cada tampa (bola de gelado), e depois de colocadas corretamente na folha, a colega passou por cada mesa e colou-as.

Depois de Educação Física, quando voltaram para a sala, a colega trabalhou a área de Conhecimento do Mundo sobre os ossos do corpo humano. Sentou as crianças no chão em roda e no meio colocou uma folha de papel cenário. Colou o esqueleto, que tinha o tamanho de muitas crianças da turma, e os nomes dos ossos dos membros superiores e inferiores. Chamou uma menina, deitou-a em cima do mesmo e contornou a sua silhueta. O resultado final ficou muito engraçado e foi colado na porta da sala.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

No Domínio da Matemática, a minha colega realizou uma atividade que pode acontecer no nosso quotidiano: combinar de diferentes formas as bolas de gelado dos diversos sabores. Poderá contribuir para que as crianças adquiram a noção e a capacidade para resolver dificuldades que possam surgir ao longo da vida, tornando-se mais aptas para tal.

Caldeira (2009b), refere uma das seguintes vantagens da utilização de materiais manipuláveis na sala de aula: “proporcionam situações mais próximas da realidade, permitindo uma melhor compreensão na resolução de problemas” (p.58).

Assim, nas nossas aulas, devemos apelar às experiências vividas pelos alunos, podendo dialogar sobre problemas e respetivas resoluções que lhes dizem algo. Para Serrazina (2002), o professor deve ser um profissional capaz de “priorizar as experiências dos alunos, procurando que desenvolvam uma aprendizagem da matemática baseada na acção e na reflexão.” (p.12).



Assim, a construção de uma aprendizagem associada ao cotidiano, fortifica o interesse e os conhecimentos que os alunos adquirem.

### **Terça-feira, 11 de outubro de 2011**

Neste dia lecionei a minha manhã de aulas. O tema principal foi a higiene do nosso corpo.

Para começar, e trabalhando a iniciação à leitura, sentei as crianças no chão em forma de U. Comecei por dialogar um pouco com elas sobre a data e de seguida, apresentei dois cestos pequenos, cada um com uma cara diferente: uma triste e outra feliz. Para além destas, tinha também tampas que representavam as crianças. As tampas foram colocadas na cesta com a cara feliz e o objetivo ao longo da manhã seria não terem nenhuma tampa com a cara triste.

Seguidamente, apresentei um fantoche de uma menina que se chamava Camila (personagem da história que ia ler de seguida) e contei a história intitulada por “Camila não quer tomar banho”. Esta história fala de uma menina que não quer tomar banho e, depois de muitas tentativas para não o fazer, decide limpar-se com a luva de banho apenas onde tinha manchas de sujidade. Não li a história toda pois quis dialogar com a turma sobre esta atitude da personagem, (se tinha sido correta ou não e qual teria sido a atitude da mãe perante uma situação destas).

Quando dei por terminada esta parte de exploração da história, dialoguei com as crianças sobre outros hábitos de higiene tão importantes como tomar banho.

De seguida utilizei um flanelógrafo e letras móveis para apresentar, separadamente, três palavras à turma. Na primeira palavra, “Camila”, identificaram as letras que já conheciam da Cartilha, recordaram como se lê a letra no fim de palavra e a diferença entre vogal e consoante. Na palavra “luva”, fizeram a sua leitura e uma frase com a mesma. Posteriormente, troquei uma letra às escondidas e tiveram de adivinhar qual foi, e era a palavra: “leva”. Por último seguiu-se a palavra “tia”. As crianças tinham estas três letras soltas (*t*, *i* e *a*) no flanelógrafo. Identificaram-nas e com a minha ajuda formaram a palavra correta.

Mais tarde, as crianças sentaram-se nos seus lugares e expliquei a seguinte atividade: apresentei à turma oito sacos de pano que continham uma imagem, um ou mais objetos e uma adivinha. Tudo isto estava relacionado com os diferentes hábitos de

higiene. A atividade realizou-se da seguinte forma: uma criança escolhia um saco, abria e eu tirava a adivinha. Lia para todos adivinharem a que hábito se referia. Para confirmar a resposta pedia à criança para retirar do saco a imagem e o/s objeto/s, e assim sucessivamente para cada um dos oito sacos. As imagens foram colocadas no quadro para que todos as pudessem visualizar. À medida que íamos falando de cada hábito, referia a regularidade com que deviam ser feitos e a sua importância.

Antes do intervalo, fizemos um jogo de dramatização, gestualizando os diferentes hábitos e cantámos a canção “Um copo com água”.

Depois do intervalo, quando regressaram à sala, iniciei a aula do Domínio da Matemática para trabalhar a noção de conjuntos. Desenhei uma linha fronteira no quadro e as crianças responderam o que era e para que servia.

Ao longo desta aula formei conjuntos com imagens plastificadas e trabalhei: a soma e a subtração, utilizando a simbologia de maior, menor e igual.

Por fim dei a cada duas crianças um puzzle com as imagens dos hábitos de higiene e pus música.

## **Inferências**

Esta aula será apresentada e comentada no Capítulo 2 deste Relatório de Estágio Profissional.

## **Sexta-feira, 14 de outubro de 2011**

Neste dia uma das colegas deu aula sobre os cinco sentidos. As crianças começaram no chão, sentadas em forma de U e ela dialogou um pouco sobre regras de bom comportamento na sala de aula. De seguida contou uma história sobre os sentidos. Foi fazendo pausas ao longo da história para abordar cada um deles.

O primeiro sentido foi a visão em que fez um jogo de mímica com as crianças. Um menino simulou duas profissões e os seus colegas tinham de adivinhar a que profissão se tratava. No sentido da audição, quatro crianças tocaram um instrumento cada uma, e outro menino teve que os identificar com os olhos vendados. No sentido do olfato, as crianças cheiraram, de olhos tapados, vinagre e gel de duche, reconhecendo

assim um cheiro desagradável e outro cheiro agradável. Para o sentido do paladar, as crianças provaram caju e pipocas, de forma a tomarem noção da grande diferença de sabores. Para o sentido do tato, a colega levou um saco com água quente e gelo embrulhado num pano para sentirem a diferença de temperatura.

Depois das crianças irem para os computadores e para a biblioteca, a colega deu uma proposta de trabalho com desenhos sobre os 5 sentidos para colorirem.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O livro de história que a colega usou era muito pequeno, dificultando assim, a observação das imagens que eram necessárias para identificarem e chegarem aos diferentes sentidos.

A utilização das imagens deve ser uma prática constante no jardim-de-infância e estas devem ser apelativas, de grandes dimensões e com boa qualidade. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem contar um excesso de detalhes, para que elas possam se concentrar no que é importante” (p.335)

Para Coquet (2002), “nós somos consumidores compulsivos de imagens, procura-mo-las por toda a parte, e quantas mais vemos, mais queremos ver. Quanto mais diversificadas, mais diferentes, mais sofisticadas, mais apelativas elas são, mais nos deixamos manipular por elas.” (p.180).

As imagens devem estar contextualizadas com o tema que vamos trabalhar. A mesma autora, afirma que: “tal como o texto escrito, as imagens têm uma morfologia e uma sintaxe própria que necessita ser conhecida para poder ser habilmente utilizada.” (p.180). A exploração da imagem deve ser trabalhada previamente, de forma a fazermos perguntas pertinentes sobre a temática, levando as crianças a atingirem os objetivos pretendidos.

As imagens podem ser aplicadas em qualquer tipo de tema e unidade curricular. A autora acima referida defende que: “é muitíssimo importante ensinar todos, crianças e adultos a ver e ler imagens, todas as imagens, todo o género de imagens.” (p.182). Assim, devemos atentas a este aspeto e não voltar a cometer o mesmo erro.

## **Segunda-feira, 17 de outubro de 2011**

A educadora deu uma aula do Domínio da Matemática com palhinhas e algarismos móveis. O primeiro exercício foi feito apenas com as palhinhas. No segundo, a educadora inseriu palavras novas nos problemas: dados, indicação e operação. Para este segundo exercício contou uma história, colocando os dados no quadro e, de seguida, a indicação da operação que tinham de realizar.

A educadora realizou a operação e o algoritmo, colocando as palhinhas ao lado dos algarismos. Explicou como escreviam no papel quadriculado e, mais tarde, realizou outro exercício.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O uso das palhinhas e dos algarismos móveis funcionam como um suporte à contagem e na sua associação à quantidade e sentido do número. Como refere Caldeira (2009b), “a criança no jardim-de-infância desenvolve o sentido do número, isto é gradualmente vai tendo uma compreensão global e flexível dos números e das operações, de modo a perceber o número e as suas relações, em diferentes significados e em múltiplos e diversificados contextos.” (p.331). É essencial na educação Pré-Escolar trabalharmos com as crianças o sentido do número.

## **Terça-feira, 18 de outubro de 2011**

A educadora lecionou uma aula com os 3.º e 4.º Dons de Froebel. Começou por questionar a turma sobre as características do material: quantas faces tinha a caixa, qual o sólido que estava representado, qual a forma da face do cubo, se abrissemos a caixa que tem o algarismo três o que iriam encontrar lá dentro. Realizou o mesmo para a caixa que tem o algarismo quatro. De seguida, contou uma história. As crianças realizaram a construção do poço, onde efetuaram cálculos com flores e baldes de água fazendo posteriormente a construção da camioneta.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Este material é útil para desenvolver nas crianças o cálculo mental e a criatividade. O cálculo deve ser desenvolvido desde cedo. Serrazina (2005, citada por Caldeira, 2009a), refere que “deve-se desenvolver o cálculo mental desde o pré-escolar de uma forma que os alunos se interessem” (p.140). À medida que se vão interessando, também adquirem destrezas e capacidades para resolver situações através do cálculo mental.

### **Sexta-feira, 21 de outubro de 2011**

Hoje a educadora deu o material *Cuisenaire*. Falou das diferenças entre as peças: cor, tamanho e valor. Pediu às crianças que fizessem as escadas no sentido crescente (da peça branca para a peça laranja) e depois no sentido decrescente (sentido inverso à anterior). Também fizeram a escada das peças que representavam os valores pares e depois ímpares. De seguida, reveram os sinais de maior, menor e igual.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Com a utilização do *Cuisenaire*, a educadora pôde desenvolver nas crianças a compreensão da noção de número e a noção de par e ímpar que, mais tarde, poderá aplicar nas operações. Segundo Caldeira (2009b), “as crianças precisam de ter o sentido do número, para o poder utilizar de forma diferente no mundo que as rodeia.” (p.129)

Esse material é bastante atrativo para as crianças uma vez que tem diferentes tamanhos e cores. Como é referido por Alsina (2004), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p.34). Para além disto, Caldeira (2009b), refere que “as peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação.” (p.126).

A utilização deste material pode ter vários fins, pois de acordo com Palhares e Gomes (2006, citado por Caldeira, 2009b), podemos trabalhar conteúdos entre os quais:

“fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e “resolver problemas”. (p.129)

Os conteúdos referidos são desenvolvidos tendo em atenção o nível de aprendizagem das crianças.

## **Segunda-feira, 24 de outubro de 2011**

Neste dia realizou-se a prova final de uma colega que estava a fazer o mestrado. A aula teve como temática: os castelos.

Cada mesa tinha um brasão que as crianças colocaram ao pescoço e as identificava para o jogo que fizeram no final.

A colega expôs uma apresentação em *Powerpoint* onde falava sobre o tema da aula: o que são castelos, para que serviam, quem vivia no castelo, nome de algumas partes do castelo, alguns castelos de Portugal, etc..

De seguida as crianças fizeram um exercício no domínio de iniciação à leitura em que tinham uma palavra incompleta para colocarem a letra em falta, podendo escolher entre três delas, a certa.

Mais tarde fizeram o jogo, que foi realizado na rua, mas devido à chuva teve de ser feito entre as duas salas dos 5 anos, visto que a outra estava vazia. O jogo consistia em utilizarem duas bandeiras, cada uma identificada com o brasão que as crianças tinham ao peito. Dividiram-se em dois grupos. O objetivo do jogo era apanharem os colegas da equipa adversária e “prendê-los” na bandeira com o brasão correspondente.

De seguida realizaram uma proposta de trabalho sobre itinerários com o material *Cuisenaire*.

As crianças tiveram Expressão Motora e, já na sala, a Educadora continuou a ler a história “A menina do mar” de Sophia de Mello Breyner Andersen.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O exercício que a minha colega propôs foi acompanhado e corrigido no quadro. No entanto as letras não estavam bem visíveis para quem estava sentado mais atrás na sala. Como docentes devemos ter a preocupação com o material que usamos, pois este deve ser visível por todas as crianças, em todos os ângulos da sala. Por vezes, a difícil observação do material, ou o que estiver no quadro, pode facilitar à distração dos alunos.

Segundo Boujon e Quaireau (2001), “nem todas as crianças têm as mesmas capacidades para fixar a sua atenção” (p.9). Se, pelo contrário, a letra for visível por todos os alunos, eles próprios terão mais interesse, pois, segundo os mesmos autores, “uma pessoa é atenta quando se concentra, e aplicada quando deseja mostrar o seu interesse.” (p.7).

Devemos utilizar material que apele à motivação e consequentemente à concentração das crianças. Segundo O'Meara, Shirley e Walshe (1988) a “concentração não é mais que pensar numa coisa sem distrações” (p.69). Para Boujon e Quaireau (2001), “a atenção é a acção de se concentrar, de se aplicar, ela tem então como sinónimo a vigilância, mas é também um indício de afecto ou de interesse.” (p.7). As crianças, por vezes, têm dificuldade em concentrar-se, e durante a aula, o seu pensamento pode afastar-se do tema da mesma.

Neste dia, penso que também seja importante referir que a colega, ao deparar-se com a impossibilidade de realizar o jogo na rua, devido ao estado do tempo, teve de optar por outras estratégias. Como educadores/professores, devemos ter a capacidade de improviso sempre que for necessário.

### **Terça-feira, 25 de outubro de 2011**

Dei aula sobre o Sistema Solar. Comecei a aula no ginásio, com a apresentação dos planetas. Começámos por imaginar que íamos fazer uma viagem até ao Sistema Solar, onde estavam o Sol e os planetas. Todas as crianças fecharam os olhos e quando os abriram viram o Sol, que estava colocado no centro do ginásio, com linhas tracejadas no chão para delinear o movimento de translação de cada planeta.

Os planetas estavam seguros pelas crianças, e estas colocavam-se em cima da respetiva linha. Quando terminou a apresentação de todos os planetas, coloquei algumas perguntas acerca dos mesmos: qual o maior planeta e o menor, qual estava mais afastado do Sol e o mais próximo. De seguida, para demonstrar o movimento que os planetas realizam à volta do Sol e sobre si próprios, as crianças andaram à volta do sol (movimento de translação) e rodaram o seu planeta ao mesmo tempo (movimento de rotação). Assim, pudemos observar qual era o planeta que demorava menos tempo a dar uma volta completa, e aquele que demorava mais tempo.

Já na sala, realizámos uma proposta de trabalho, onde colocavam os planetas pela ordem correta.

Quando terminaram foram comer o pão e depois tiveram intervalo e deslocaram-se para o recreio.

Mais tarde, na sala a educadora deu uma aula com o material Tangram. Começou por contar uma história em que a princesa perguntava ao seu espelho se havia alguém mais bela que ela. Ela montou no quadro, com as peças, o espelho, e, de seguida, a vela que a princesa teria encontrado. As crianças recortaram as peças do Tangram de uma folha de papel e colaram numa nova folha, pintando a seu gosto.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O Tangram é um material bastante antigo, conhecido pelo puzzle chinês. Segundo Caldeira (2009b), “são obtidos basicamente a partir da dissecção de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas” (p.391).

É um material fácil de manusear e, devido às suas formas e cor, criam grande entusiasmo nas crianças. Como é referido por Santos (2008, citado por Caldeira, 2009b), o Tangram “possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio” (p.391), que passa pela construção das figuras, construindo assim o puzzle.

Pude verificar que as crianças estavam atentas e interessadas quer com o material quer a realizar a construção.



## **Sexta-feira, 28 de outubro de 2011**

Hoje uma das minhas colegas deu aula sobre os dias da semana. Começou com as crianças sentadas no chão em forma de U. Dialogou com a turma e leu um poema para que adivinhassem qual seria o tema da aula.

Posteriormente, sentaram-se nos lugares e a colega explicou a atividade que iam realizar. Cada criança tinha um saco com imagens e uma folha com uma tabela. Cada imagem representava uma atividade diferente que têm ao longo da semana (Educação Física, Música, etc.) e, a tabela, representava um calendário semanal. A colega tinha o mesmo material com grandes dimensões no quadro, e foi colocando as atividades desta turma.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega sentou as crianças em forma de U, para que todas conseguissem ver da mesma forma o que iria ser exposto. Quando necessário, devemos optar por uma disposição da sala diferente, em que todas as crianças tenham o mesmo campo de visualização.

A forma como organizamos a sala deve depender das atividades programadas. Segundo Spodek e Saracho (1998), “a sala deve estar organizada de modo que diversas atividades tenham o espaço, os materiais e os equipamentos necessários à disposição” (p.124). Assim, a forma como a colega as sentou foi um dos elementos fundamentais para uma boa prática educativa.

## **Segunda-feira, 31 de outubro de 2011**

Neste dia, a colega deu uma aula sobre os continentes. Começou por dialogar um pouco com a turma sobre o tema e, de seguida, com um mapa-mundo no quadro, identificou os continentes. Posteriormente, entregou a cada criança uma folha azul, e um envelope com os continentes cortados, para que os colassem na folha e no local certo, colorindo por fim o desenho.

Depois da biblioteca e da informática, a colega colocou um chapéu de pirata, e disse que tinha escondido um mapa que nos indicava o caminho para o tesouro. As crianças, através das pistas, tiveram de procurá-lo, dentro da sala, pois estava escondido. Esse mapa, continha pistas para definir o trajeto. Para tal, utilizaram as peças do material *Cuisenaire*, e, juntamente com as pistas, descobriram os passos que teriam de dar para descobrirem o tesouro.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega utilizou uma linguagem pouco adequada para esta faixa etária, e esta, deve ser adaptada, para uma fácil compreensão por parte das crianças.

Segundo Coll & Edwards (1998) “o discurso está no centro do estudo psicológico do ensino e da aprendizagem, não somente porque a linguagem é o principal meio de comunicação entre professores e alunos, mas também por outras razões.” (p.13). Ou seja, é essencial que a linguagem do docente seja adaptada à idade das crianças, pois é o principal meio de comunicação entre ambos, por isso deve ser clara e concisa.

No entanto, também devemos ter atenção, que a utilização de vocábulos mais complexos, torna o vocabulário das crianças mais amplo e diversificado. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (2009), “a aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objectivo fundamental da educação pré-escolar” (p.66).

A fonte acima referida, também refere que é “no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação.” (p.67).

Esses vocábulos mais complexos, utilizados na comunicação com as crianças, devem ser devidamente explicados, para que as mesmas interiorizem o seu significado de forma clara.

Ao desenvolvermos um vocabulário mais completo com as crianças, estas vão mais tarde compreender os textos literários e a informação transmitida. É fundamental

existir na educação a literatura infantil, e ajudarmos as crianças a descodificarem a informação difundida.

No entanto, segundo Magalhães (2009), “com base na premissa de que certas obras literárias consideradas clássicas são essenciais na educação infanto-juvenil, são feitas alterações, de estrutura e de linguagem, de modo a torná-las acessíveis ao público” (p.127). Isto deve-se ao facto do vocabulário das crianças ser limitado, e necessitar de sinónimos menos complexos que façam parte do quotidiano das mesmas.

### **Sexta-feira, 4 de novembro de 2011**

Neste dia a colega deu a sua manhã de aulas. Começou por dar Cartilha a um grupo de crianças, enquanto as restantes terminavam propostas de trabalho do dia anterior.

De seguida, deu uma proposta de trabalho que continha uma lengalenga para as crianças circundarem as sílabas e fazerem um desenho sobre a mesma. As lengalengas foram lidas algumas vezes e repetidas pelas crianças.

Após o recreio, deu uma aula com o material *Cuisenaire*, e realizou o comboio utilizando os valores 4 e 5, com uma folha quadriculada por baixo, a servir de base para colocarem as peças.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

As lengalengas são muito usadas no ensino pré-escolar, podendo ser uma forma de adquirir conhecimento através da repetição de frases. Como refere Agüera (2008), “as lengalengas repetitivas, pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.” (p.29). O educador deve usá-las sempre que possível, pois também desperta nas crianças interesse e diversão pela forma como as lengalengas são ditas.

## **1.2. 2ª Secção**

**Período de Estágio:** de 7 de novembro a 16 de dezembro de 2011

**Faixa etária:** 3 anos

**Educadora Cooperante:** B

### **1.2.1. Caracterização da turma**

O grupo dos três anos é constituído por 28 crianças, das quais 14 são do género masculino e 14 do género feminino.

No mês de setembro entraram na escola 6 crianças ainda com dois anos de idade.

Segundo as informações da educadora titular, neste grupo existem crianças com algumas dificuldades ao nível da linguagem, havendo uma que apresentou um relatório de avaliação feito por técnicas do Centro de Desenvolvimento Infantil (Estimulopraxis), a pedido do pediatra, no qual se verificou que, com exceção da área da comunicação e linguagem, já adquiriu todas as competências dos três anos de idade.

Algumas crianças, por vezes demonstram dificuldade na perceção das tarefas a desempenhar, assim como em todas as rotinas diárias da sala dos 3 anos e nas atividades escolares.

A maioria revela pouca autonomia e uma grande dependência do adulto nas idas à casa de banho, na hora da refeição, em vestir, despir, entre outras.

Não foi detetado neste grupo, nenhum caso de alunos com Necessidades Educativas Especiais.

### **1.2.2. Caracterização do espaço**

A sala dos três anos é bastante espaçosa e com grande luminosidade. Tem um cantinho da leitura, uma carpete onde as crianças se sentam, o cantinho da cozinha e fatos para se mascararem e brincarem ao “faz de conta”.

Esta sala (figura 3) dá acesso à sala do outro grupo e ao pátio.



Figura 3 – Sala da turma dos 3 anos

### **1.2.3. Rotina diária**

- **Acolhimento**

O acolhimento é feito na roda com todos os bibes. As turmas dos 3 anos são as que ficam ao centro da mesma.

Quando chegam à sala, as duas turmas de 3 anos ficam juntas numa sala e as crianças vão sendo recebidas à medida que as educadoras as acolhem, conversam ou contam uma história.

- **Higiene**

A higiene passa principalmente pelas idas à casa de banho e pela lavagem das mãos sempre que necessário.

Logo de manhã as crianças vão à casa de banho. Voltam a ir durante a manhã (sempre que necessitam), depois de almoço e à tarde.

- **Recreios**

Os recreios deste grupo são realizados a meio da manhã, às 10h 30m ou às 11h, dependendo da hora da biblioteca e da informática.

Quando o tempo não permite, as crianças brincam dentro da sala de aula, nos cantinhos existentes na mesma.

- **Almoço**

A hora de almoço é às 12h, e a refeição é realizada e servida no salão.

- **Sesta**

Seguidamente ao almoço, as crianças vão à casa de banho e dirigem-se para a sala, onde vão dormir a sesta.

De acordo com Cordeiro (2010), “a sesta deve ser um passo da rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores, como lavar as mãos para ir comer.” (p.306)

O mesmo autor, refere ainda que “a hora de dormir a sesta deve ser falada como uma hora boa e desejada.” (p.306)

Enquanto as crianças não adormecem, o educador tem a oportunidade de manter uma relação afetiva com as crianças, através do aconchego e do beijinho, e de uma forma mais individualizada.

#### **1.2.4. Horário da turma**

No quadro 5, observamos o horário desta turma.

Quadro 5 – Horário da turma dos 3 anos

Bibe Amarelo A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30-10.00	Act. Desenvol. Verbal	Conhecimento Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento Mundo	Act. Desenvol. Verbal
10.00-10.30	Informática/Biblioteca	Grafismo	Estimulação à leitura	Iniciação à Matemática	Estimulação à leitura
10.30-11.00		Educação Física	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.00-11.30	RECREIO	RECREIO	Iniciação Matemática	Educação Física	Educação Musical
11.30-12.00	Act. Desenvol. Verbal	Trabalho de Grupo	Desenho	Desenho	Recorte e Colagem
12.00	ALMOÇO				
13.00	SESTA				
15.00-15.30	Iniciação Matemática	Grafismos	Estimulação à leitura	Picotagem	Modelagem/barro
15.30-16.00	Recorte e Colagem	Pintura	Dobragens	Desenho	Jogos
16.00-16.30	Cantinhos	Jogos	Cantinhos	Jogos	Cantinhos
16.30	LANCHE				
17.00	SAÍDA				

### 1.2.5. Relatos diários

#### Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

As crianças reuniram-se numa das salas dos 3 anos, onde dialogaram sobre o que tinham feito no fim-de-semana. Quando fomos para a nossa sala, as crianças sentaram-se no tapete onde cantaram uma canção. Posteriormente, pudemos apresentar-nos à turma.

De seguida as crianças tiveram atividades de informática e biblioteca.

Quando voltaram, foram brincar para a rua e, mais tarde, a educadora trabalhou com o 1.º Dom de Froebel. Relembrou-lhes qual foi a primeira bola que saiu da caixa – amarela, seguiu-se a encarnada e deu uma nova – a laranja. A educadora utilizou tinta amarela e encarnada para fazer a mistura das duas e assim descobrir qual era a cor da bola seguinte. A bola retirada da caixa, passou por cada criança, como se fosse um ovo e não o pudessem deixar cair. A educadora informou-nos que sempre que dá uma bola nova, mostra outros objetos do dia-a-dia que tenham essa mesma cor, fazendo a correspondência e a respetiva associação (ex.: a bola encarnada ser da mesma cor do laço de uma menina). Quando apresentou a bola de cor laranja, não teve tempo de desenvolver muito a aula, e disse às crianças que à tarde iriam fazer um desenho com aquela tinta.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A utilização deste material é bastante importante, para assegurar a aquisição do conhecimento das cores. O 1.º Dom é composto por seis bolas, de cores diferentes: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Este material não ensina apenas as cores mas também pode desenvolver nas crianças, de acordo com Caldeira (2009b), a lateralização, a memória, a contagem, a estruturação espacial, etc.. No entanto, nas primeiras abordagens, apenas se recorre à aprendizagem das cores. Visto serem crianças pequenas, temos de tentar desenvolver a curiosidade para descobrirem o que contém a caixa. Segundo Caldeira (2009b), “tentamos criar algum mistério à volta da caixa do 1.º Dom” (p. 244). Desta forma, não devemos mostrar o que está na caixa, mas sim retirar de lá a bola da cor que queremos.

Para uma maior eficácia na aprendizagem da cor, a educadora deve pedir às crianças para identificarem na sala de aula, objetos da mesma cor da bola. Mas antes, esta deve passar pela mão de todas as crianças. Segundo esta autora, “a criança explora-a, rebolando a bola, conhecendo a sua textura mostrando a mesma cor em objectos da sala, em peças de roupa, enfim, relaciona a cor da bola com outros objectos do quotidiano.” (p.244). Esta forma de corresponder, classificar, comparar a cor a objetos do quotidiano, desenvolve a memorização, entre vários aspetos.

### **Terça-feira, 8 de novembro de 2011**

Hoje a educadora leu um livro que uma das crianças levou. Explicou-nos a importância das aulas surpresa quando nos é pedido para lermos um livro, e que isso nos ajuda a preparar profissionalmente.

Posteriormente as crianças sentaram-se nas cadeiras e a educadora deu uma folha branca a cada uma e um lápis de cera, para desenharem uma linha fronteira. Com os Blocos Lógicos colocaram dentro da linha fronteira o número e a cor de peças que a educadora pediu, como por exemplo: duas peças azuis, duas peças circulares, etc.. Repetindo o exercício com peças e cores diferentes.

Quando voltaram para a sala, depois da Educação Físico-Motora, a educadora entregou uma proposta de trabalho sobre grafismos, e enquanto isso, foi dizendo lengalengas que as crianças já conheciam. Na atividade tinham de passar com o lápis



por cima do tracejado, que era formado por quatro quadrados. De seguida recortaram papel de cor e colaram num quadrado maior.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Apesar das crianças serem muito novas, têm capacidades para trabalharem com diversos materiais, desde que as atividades sejam bem adaptadas à idade. Com os Blocos Lógicos, a educadora desenvolveu nas crianças a percepção visual, o reconhecimento das figuras, a coordenação motora, entre outras. Segundo Not (1991), “é essencial fornecer uma informação estruturada de tal modo que seja assimilável pelos procedimentos intelectuais que os alunos já dominam, ao mesmo tempo que suscita a génese de novos procedimentos por diferenciação, simplificação, formalização, etc.” (p.67). Assim, a informação que é transmitida deve ser simples, e adequada e partir dos conhecimentos das crianças.

Com o material Blocos Lógicos pode desenvolver-se as noções de figuras geométricas entre outras. Apesar das peças deste material serem consideradas sólidos geométricos, pois são apresentados em 3 dimensões, quando nos referimos a elas, temos o cuidado de reforçar que estamos a contemplar a face maior da peça, ou seja, a figura que pretendemos dar.

As figuras também são aprendidas no ensino pré-escolar, pois segundo Moreira e Oliveira (2003), “os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade” (p.18)

No entanto, à medida que vamos trabalhando determinados conteúdos, devemos ter em consideração que todas as crianças têm níveis de desenvolvimento diferentes e, por isso, devemos ter cuidado em garantir que todas elas, de uma forma ou de outra, atingiram os objetivos esperados.

Segundo Not (1991), “é essencial fornecer uma informação estruturada de tal modo que seja assimilável pelos procedimentos intelectuais que os alunos já dominam, ao mesmo tempo que suscita a génese de novos procedimentos por diferenciação, simplificação, formalização, etc.” (p.67). Também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), referem que “há diferentes factores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como, as características individuais

das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças e a dimensão do grupo.” (p.35). De acordo com este último, não é apenas a capacidade de aprendizagem de cada criança que influencia o ensino na sala de aula mas, também, fatores externos como o número de crianças, as idades, entre outros.

Também é referido por Schmuck e Schmuck (1992, citado por Amado, 2000), que as crianças são todas diferentes entre si, pelas características particulares da sua personalidade, pelos graus de desenvolvimento já percorridos, pelas experiências passadas, pelas competências e habilidades, pelo modo como interpretam as situações que vivenciam.

Portanto, o docente deve fazer uma autoavaliação sobre a forma como transmite conhecimento, pois, Serrazina (2002), defende que “o professor deve ser um profissional que, perante uma proposta de currículo oficial, tem a capacidade de o interpretar, adaptar e planificar para os alunos concretos que tem um determinado contexto e meio social.” (p.12)

O docente deve ter em conta todos os aspetos acima referidos, de modo a aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem que lhe compete.

### **Sexta-feira, 11 de novembro de 2011**

Hoje, o meu grupo de estágio juntou-se com o grupo da outra sala para apresentarmos uma pequena dramatização com dedoches (fantoques de dedo).

Quando voltaram para a sala, a educadora trabalhou com o 3.º Dom de Froebel. Explicou às crianças como tinham de abrir a caixa e a forma como tinham de pegar nos cubos. Fizeram as construções do muro baixo e de seguida do muro alto, dinamizadas com uma história.

De seguida, contei uma história às crianças intitulada “Pedro tem medo de fantasmas”, de Sandrine Deredel Rogeon e Gustavo Mazali. Posteriormente, comeram o pão e tiveram aula de música com o professor P.

Antes de almoço a educadora deu uma proposta de trabalho para treinarem os grafismos.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O 3.º Dom de Froebel é composto por 8 cubos guardados numa caixa de madeira com a forma de cubo. Este material desenvolve o equilíbrio, a construção, a imaginação, a motricidade fina, entre outros. É utilizado para realizar exercícios que envolvam o raciocínio matemático. Tal como refere Caldeira (2009b), as construções devem surgir a partir de histórias ou situações problemáticas contadas. Essas construções devem servir para a resolução de problemas que vão emergindo na história. Segundo a mesma autora, numa atividade “devemos selecionar três ou quatro construções, das onze predefinidas e com elas elaborar uma pequena história que permita ao aluno fazer raciocínios matemáticos.” (p.256). No entanto, para crianças de tenra idade esses raciocínios matemáticos devem ser simples e guiados pela educadora.

## **Segunda-feira, 14 de novembro de 2011**

Hoje houve aulas surpresa pedidas pelas Professoras da Equipa de Supervisão. Assisti a uma aula de estimulação à leitura, nos 3 anos e a uma aula com o material Calculadores Multibásicos, no grupo dos 5 anos.

Nos 3 anos, a professora coordenadora deu um livro à colega para que ela contasse e explorasse a história.

Nos 5 anos, pediu uma aula com os Calculadores Multibásicos, e que realizasse exercícios de subtração com empréstimo.

A reunião com todas as alunas, educadoras e professoras da Equipa de Supervisão, realizou-se à hora marcada e durou até às 13h.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Nos 3 anos, a colega conseguiu manter a disciplina e a curiosidade nos alunos, mantendo sempre um bom tom de voz. O livro tinha imagens com tamanho grande e a história era adequada à faixa etária.

A tonalidade da voz de um educador ou professor é bastante importante. Temos de nos fazer ouvir por todos os alunos. Segundo Spodek e Saracho (1998), “ler em voz

alta para crianças também é importante, e qualquer turma de pré-jardim ou jardim de infância deve ter um bom estoque de livros infantis bem escritos e bem ilustrados”. (p.246).

Também para Jean (2000), “a actividade puramente oral é fundamental para o imaginário infantil” (p.122) e “é essencial criar momentos em que a criança ouve a língua materna correcta e viva, sem demagogia nem pedantismo” (p.123)

Para além da voz, a ilustração do livro é crucial para o interesse das crianças, daí a importância que referi anteriormente.

Relativamente à aula no grupo dos 5 anos, a colega manteve uma boa relação com os alunos, mas cometeu um erro na explicação de um dos passos da subtração. No entanto, quando terminou a aula e as crianças saíram, as estagiárias que se encontravam na sala, simularam o mesmo exercício, de forma a encontrarem e corrigirem o erro cometido.

### **Terça-feira, 15 de novembro de 2011**

Neste dia, as crianças fizeram um harmónio com as fitas de papel pela primeira vez.

Enquanto umas crianças fizeram este exercício, outras realizaram uma proposta de trabalho no Domínio da Matemática, para trabalhar o número dois.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Foi visível a grande dificuldade que a maior parte das crianças teve em fazer os harmónios, pois a sua motricidade ainda não está muito desenvolvida.

Os harmónios são muito importantes para o desenvolvimento da motricidade fina nas crianças. Obrigam a um manuseamento muito cuidado das tiras de papel, de maneira a ficarem bem dobradas e de forma correta. Como está referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos” (p.59). É essencial que a motricidade fina seja trabalhada logo nas primeiras idades, para as crianças adquirirem destreza e coordenação manual.

A “exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior.” (p.58).

Existem diversas atividades que podem ser feitas para desenvolver a motricidade fina, e devem fazer parte principalmente do ensino Pré-Escolar.

### **Sexta-feira, 18 de novembro de 2011**

Neste dia, houve aulas surpresa. Desta vez coube a uma das minhas colegas da sala realizar uma atividade. A professora que foi avaliar trouxe uma caixa com fantoches e a minha colega teve de contar uma história.

Contou a história da branca de neve e os sete anões, usando os fantoches.

Mais tarde, seguiu-se a reunião para se analisar e refletir sobre as aulas com as estagiárias, educadoras e professoras da Equipa de Supervisão.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Os fantoches são uma forma de cativar a atenção das crianças e proporciona-lhes aprendizagens motivadoras. Os fantoches podem ser usados, não só para contar histórias, mas também em todas as disciplinas, utilizados de forma adequada e interdisciplinar. Segundo Pereira e Lopes (2007), “o educador e o animador podem e devem utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber” (p.44).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o domínio da expressão dramática será ainda trabalhado através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p.60)

No âmbito das histórias, os fantoches apelam pela fantasia, pelo imaginário e pela curiosidade. Ao longo do estágio tenho constatado que os fantoches são pouco utilizados pelos educadores.

## **Segunda-feira, 21 de novembro de 2011**

Neste dia, assisti a uma aula surpresa de uma colega na sala ao lado e, de seguida, fui eu a lecionar.

Na primeira aula, a colega teve de inventar uma história utilizando os fantoches.

Na minha aula, tinha um livro de adivinhas sobre animais, que tive de explorar/contar e realizar uma atividade com as crianças. Comecei por explorar a capa e fui mostrando o livro, colocando algumas perguntas sobre as imagens que observavam. De seguida fiz uma roda onde pedi às crianças que escolhessem um animal e imitassem uma característica que se destacasse mais (locomção, som que emite, etc.).

Depois levámos as crianças para a informática. Após o lanche acabaram uma proposta de trabalho, que tinham iniciado de manhã.

À hora marcada, estivemos na reunião com as restantes colegas de estágio, as educadoras e as professoras da Equipa de Supervisão, onde falámos sobre o desempenho das colegas avaliadas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

As aulas surpresas fazem parte da formação de educadores e professores. Regularmente, somos surpreendidas pelas professoras da Equipa de Supervisão para lecionarmos uma aula surpresa.

Acho importante definir supervisão, e, segundo Alarcão e Tavares (2003), define-se como um “processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p.16).

Estas aulas têm várias vantagens na formação de educadores/professores, pois ao longo da nossa vida profissional, vão surgir momentos em que não teremos nada planeado, ou até mesmo, quando uma criança nos pede para ler um livro ou para fazermos algo que não esteja no programa daquele dia. Assim, é uma forma de encararmos essa realidade e, sermos avaliadas noutros aspetos importantes, como a relação que temos com as crianças, a forma como resolvemos problemas de indisciplina

que possam surgir no momento, a estratégia que utilizamos perante uma determinada temática, entre outros.

O supervisor, para além de avaliar, também tem o papel de auxiliar na formação de professores. Segundo as autoras acima referidas, o supervisor, deve ajudar a:

“estabelecer e manter um bom clima afectivo-relacional que, sem ser castrante ou intimidante, é exigente e estimulante; criar condições de trabalho e interacção que possibilitem o desenvolvimento humano e profissional dos professores; desenvolver o espírito de reflexão, auto-conhecimento, inovação e colaboração; criar condições para que os professores desenvolvam e mantenham o gosto pelo ensino e pela formação em contínuo; analisar criticamente os programas, os textos de apoio, os contextos educativos, etc.; planificar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e do próprio professor; identificar os problemas e dificuldades que vão surgindo; determinar os aspectos a observar e sobre os quais reflectir e estabelecer as estratégias adequadas; observar; analisar e interpretar os dados observados; avaliar os processos de ensino-aprendizagem; definir os planos de acção a seguir; criar espírito profissional, baseado nas dimensões do conhecimento profissional.” (p.56/57)

Assim, a supervisão tem um papel fundamental na formação de educadores e professores. Tal como referem Alarcão e Roldão (2008), “a supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação.” (p.56). Estas autoras concluem, relativamente à relevância da supervisão como “actividade de apoio, orientação e regulação que aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas.” (p.56).

Apesar de muitas vezes as aulas surpresas causarem algum nervosismo em nós, é essencial reter que são muito importantes para a formação, pois podem-se construir boas práticas pedagógicas e reflectir depois sobre as mesmas.

### **Terça-feira, 22 de novembro de 2011**

No início da manhã, a educadora contou uma história ao grupo. Já na sala, a educadora dialogou com as crianças sobre a festa de natal e sobre o que cada uma ia fazer na mesma.

Quando voltaram de Educação Física, a educadora trabalhou o Domínio da Matemática, com o material *Cuisenaire*. Distribuiu uma peça a cada criança, da branca à amarela. Quando todas já tinham as peças, a educadora falou sobre cada uma delas, e pediu a um menino para medir com peças brancas a peça encarnada.

Posteriormente, a educadora lançou-lhes um desafio e ver em quantas peças

brancas cabiam na peça verde clara. As crianças colocaram as peças e verificaram que cabiam três peças brancas.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A utilização de materiais, manipulativos ou estruturados, têm imensas vantagens para o processo de aprendizagem das crianças. Vou referir o facto de as crianças poderem concretizar exercícios, ou resolver problemas no concreto. Segundo Serrazina (2002), “nos primeiros níveis de aprendizagem, incluindo tanto o pré-escolar como o 1.º ciclo, o concreto refere-se, de um modo geral, ao que é manipulável.” (p.24). Através do concreto, as crianças adquirem mais facilmente as noções sobre determinado conteúdo.

Segundo Caldeira (2009b), “ao falar-se hoje de competência matemática ou de ser matematicamente competente numa tarefa é ter não só, os conhecimentos necessários, como a capacidade de os identificar e mobilizar numa situação concreta, e ainda ter a disposição para a realizar efectivamente” (p.35). Então, ser competente em matemática é saber identificar e resolver uma situação no concreto e, sendo assim, é essencial aplicarmos cada vez mais os materiais na aprendizagem da disciplina para uma melhor aprendizagem.

### **Sexta-feira, 25 de novembro de 2011**

Neste dia, o meu grupo de estágio, voltou a juntar-se com o grupo da sala ao lado e contámos a história “Todos no sofá” da Luísa Ducla Soares.

De volta à sala, as crianças sentaram-se nos seus lugares e a educadora distribuiu tarefas pelas estagiárias. Um dos grupos ajudava as crianças a fazer uma cenoura em origami para colarem no desenho que já tinham pintado de um boneco de neve; outro grupo preenchia o algarismo 3 com papel colorido amachucado; outro grupo colava paus de fósforo nos raios de sol; a educadora ficou com um grupo que estava a fazer picotagem da forma quadrangular e, por último, uma estagiária estava a ajudar um grupo na pintura com pincel de uma árvore de natal.



Ao final da manhã, as crianças tiveram música onde ensaiaram para a festa de natal e depois ainda foram concluir as atividades iniciadas de manhã.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A educadora planeou a execução de diferentes tarefas, uma vez que podia ser ajudada por nós, na organização e apoio aos grupos de trabalho. No entanto, a procura de tarefas diferenciadas deve ser constante ao longo da nossa vida profissional.

Segundo Sanches (2001), “há que pensar bem nas propostas de actividades que vamos propor de modo a suscitar a curiosidade e a adesão daqueles a quem são propostas, tendo em conta a sua pertinência, oportunidade, necessidade e interesse.” (p.77).

De acordo com o que foi citado anteriormente, as atividades que propomos às nossas crianças devem ser diversificadas e apelativas de forma a evitarmos a monotonia das mesmas e, assim, apelarmos ao interesse e motivação da turma.

### **Segunda-feira, 28 de novembro de 2011**

Neste dia, a colega deu aula surpresa, sugerida pela educadora. Leu um livro que uma das crianças da turma trouxe, intitulado “Ruca vai trabalhar”. A colega leu a história e de seguida fez uma roda onde cantou uma canção.

Seguidamente, as crianças foram para a biblioteca.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A existência de uma biblioteca nas escolas é um ponto a favor para o aumento da literacia em Portugal. Podemos definir biblioteca, segundo Calixto (1996), como “toda a colecção organizada de livro e periódicos impressos ou de outros documentos, nomeadamente gráficos e audiovisuais, e ainda os serviços que concorrem para o acesso fácil a estes documentos por utilizadores com fins de informação, pesquisa, educação, ou recreativos” (p. 16)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar. O contacto e frequência de bibliotecas pode também começar nesta idade” (p.72)

As crianças estão em contacto com os livros desde cedo e isso proporciona-lhes descoberta e curiosidade pela sua exploração. Segundo Poslaniec (2006), “o livro não é apenas uma ocasião de lazer, de distração mas também, de um modo muito mais comprometido, uma ocasião de diálogo consigo mesmo, de construção da personalidade, de resolução de problemas.” (p.23). Assim, pode ser utilizado para diversos fins: de estudo, lazer, distração, etc..

Para além disto, o livro mantém a criança em contacto com as letras e a escrita, que mais tarde irá aprender. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (p.70)

Segundo Santos (2000), devem ser criados na escola tempo e espaço para a leitura. No que se refere ao espaço é indispensável o recurso à biblioteca escolar. Os alunos devem ser encorajados desde cedo. Este grupo de crianças revela muito gosto por livros e por histórias, sejam elas lidas ou contadas.

### **Terça-feira, 29 de novembro de 2011**

Durante a manhã, as crianças estiveram a realizar várias atividades, em que nós estávamos divididas para as ajudar nas diferentes tarefas. Um grupo de crianças pintou uma árvore de Natal, outro grupo recortou brinquedos de um catálogo, colando posteriormente nas árvores de Natal e, as restantes crianças, fizeram picotagem da forma de um quadrado com a educadora.

Durante a aula de Educação Física estivemos na sala com a educadora a decorar a porta da mesma.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A utilização da tesoura com crianças de três anos é uma das formas de desenvolver a motricidade fina. Devemos assegurar a segurança das crianças e, por isso, as tesouras têm de ter as pontas redondas e devem ser vigiadas devidamente. Segundo Saló (2000) “existe, evidentemente, a questão da segurança: a tesoura de pontas redondas não pica, fura os olhos ou fere com gravidade. Sendo de aço de qualidade, corta muito bem e durante muito tempo.” (p.9)

O papel é um dos materiais que se pode utilizar, pois de acordo com o mesmo autor, “o papel é o que há de mais fácil para recortar, mais económico e simples de fixar num suporte igualmente de papel, e de papel pelas mesmas razões.” (p.11). A atividade que a educadora realizou consistiu em recortar brinquedos de um catálogo foi motivadora para as crianças pois demonstraram participação e entusiasmo.

## **Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011**

Neste dia, houve *roullement* para as educadoras. As crianças ficaram todas com a educadora da sala do outro grupo dos 3 anos. A educadora com quem estagiávamos, foi de manhã para adiantar algumas tarefas para decoração do Natal.

Arrumei umas propostas de trabalho nos *dossiers* e, de seguida, decorámos o placard que está exposto na sala, com materiais natalícios.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A decoração da sala proporciona um ambiente acolhedor e bem-estar para as crianças. Uma sala colorida, com bom aspeto, atrai as crianças, pois, segundo Sanches (2001), “um ambiente acolhedor e personalizado diz-nos sempre muito mais” (p.85).

Por vezes, as salas são exageradamente decoradas, mas, como refere Jensen (2002), “apesar de as salas muito centradas na decoração terem um valor de enriquecimento discutível, elas servem outros objectivos valiosos. Podem ser uma fonte de inspiração, afirmação e conteúdo.” (p.65). Podemos sugerir às crianças que decorem a sala a seu gosto. O mesmo autor também refere que “podem ajudar os alunos a

sentirem-se seguros, confortáveis e a acompanharem a aprendizagem.” (p.65), uma vez que é na sala que passam grande parte do dia.

### **Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011**

Hoje a minha colega deu aula sobre a família. Começou por ler um livro intitulado por “A família” de Todd Parr. Depois de o ler, dialogou um pouco com as crianças sobre as suas famílias e duas crianças foram à frente falar da constituição da sua família.

De seguida, a colega mostrou, com imagens de figuras humanas, como era constituída a sua família.

Nas mesas, propôs uma atividade sobre a teoria de conjuntos. Cada mesa tinha uma folha com uma imagem de uma árvore de natal, que serviu de linha fronteira e no interior, as crianças colocaram os elementos da família que tinha sido apresentada anteriormente. Ao longo desta aula, a colega foi trabalhando a soma.

Para terminar, arrumaram o material, e grupo a grupo, sentaram-se no chão e fizeram a família do presépio, fazendo a ligação com o tema da aula.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na sala podem existir diferentes famílias e, como tal, é importante falarmos sobre as mesmas com as crianças. Estas podem comunicar oralmente e sobre diferentes aspetos: número de elementos, forma como socializam, se vivem apenas com um dos progenitores, ou se vivem com ambos.

É importante referir que família não são apenas as pessoas com quem vivemos, mas também os tios, primos, avós, etc.. O facto de os progenitores se divorciarem, não implica que um deles deixe de pertencer à mesma família. Segundo Cordeiro (2010), para a criança “uma relação conjugal divorciada não implica que não possa continuar a ser uma família, tanto quanto algumas em que os seus elementos vivem todos juntos não constituem uma família no verdadeiro sentido da palavra” (p.510).

É necessário transmitir às crianças que a família de cada ser humano é constituída por elementos com diferentes graus de parentesco, tendo diferentes papéis e relações.

### **Terça-feira, 6 de dezembro de 2011**

Neste dia, lecionei uma aula sobre o Natal. Para desenvolver o Conhecimento do Mundo, construímos um presépio. Entreguei a cada criança um objeto ou um saco com musgo. De seguida, uma a uma, foram à frente colocar os seus objetos: primeiro o musgo e depois as figuras. Na Figura 4, encontra-se um menino a colocar um dos Reis Magos no Presépio. Quando o terminámos de construir, contei a história do nascimento do Menino Jesus.

De seguida, as crianças tiveram Educação Física e quando voltaram, exemplifiquei como se organizava uma mesa para a refeição, pois iam pôr a mesa da consoada. Algumas crianças ajudaram-me a pôr as toalhas nas mesas e, de seguida, cada uma colocou: o seu prato, talheres, copo e guardanapo no sítio correto. Como estavam divididas por mesas, pedi-lhes para colocarem o guardanapo num sítio diferente. Por exemplo: uma mesa colocava o guardanapo por cima do prato, outra mesa colocava por baixo da faca e dobrado ao meio, etc..

Quando todas as crianças colocaram a mesa, falei um pouco da comida tradicional desse dia e mostrei um bolo-rei, que puderam provar.

Na área de Expressão Plástica, dei a cada criança, um enfeite de natal em folha de papel colorido (sino, bola e estrela). O objetivo pretendido era que todas as crianças desenhassem bolas no seu enfeite e, quando terminassem, os colocassem no pinheiro de papel, feito antecipadamente em casa. Depois de tudo pronto colocámos a árvore na parede da sala.

Por último, ofereci a cada criança um embrulho que continha uma bota em feltro com rebuçados no interior. A educadora da sala sugeriu que colocássemos o presente junto à árvore, que foi feita anteriormente. No dia da festa de natal, cada criança levou a sua bota.



Figura 4 - *Construção do Presépio*

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Gostei muito de dar esta aula, pois é um tema que pessoalmente me agrada e as crianças também sentem interesse por toda a magia que o Natal transmite. Ao longo da aula as crianças estiveram comigo, mostrando assim, que estavam a gostar.

Cada povo tem as suas tradições, festejando a época natalícia de formas diferentes. Existem até, povos que não festejam o Natal. É importante darmos a conhecer às crianças, esses costumes e tradições, que fazem parte da cultura de cada povo.

Segundo Arends (2008), “os professores podem desempenhar um papel importantíssimo, ensinando sobre a religião e modelando o respeito e a tolerância pelas várias crenças religiosas.” (p.71). De acordo com o mesmo autor, podemos, com as nossas crianças, “ensinar e discutir as ideias, crenças e tradições de várias religiões, desde que tal seja feito de forma justa, respeitosa e intelectualmente honesta.” (p.71)

Penso ter conseguido passar esta mensagem às crianças apesar de ainda serem muito novas.

## **Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011**

Neste dia estivemos a preparar os materiais necessários para a festa de Natal.

Enquanto isso, as crianças estiveram a brincar na sala, nos diferentes espaços que aí existem.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Tal como já foi referido neste relatório, a disposição da sala é muito importante, não só para manter o espaço organizado mas, também, para as crianças conhecerem a sala e saberem o que cada cantinho representa.

Segundo Zabalza (1998b), a educação infantil possui características relativamente à organização dos espaços, tais como: “precisa de espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (facilmente identificáveis pelas crianças tanto do ponto de vista da sua função como das atividades que se realizam nos mesmos)” (p.50). Sendo assim, o educador deve ter a preocupação na forma como dispõe a sala.

De acordo com Sanches (2001), “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens.” (p.19). A disposição da sala não está relacionada apenas com a organização, mas também com a motivação e as aprendizagens.

## **Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011**

Neste dia a colega deu uma aula sobre a habitação. Começou por contar a história “Caracolinhos de ouro”. De seguida, mostrou algumas imagens de diferentes tipos de habitação: vivendas e prédios.

No Domínio da Matemática a colega levou uma maquete de um prédio feito em esferovite. Este prédio tinha um elevador que se deslocava e assim trabalhou os números ordinais e as noções de em baixo e em cima.

Terminada a atividade da biblioteca, a colega deu uma imagem de uma casa para cada criança a pintar.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Através da atividade que a colega realizou, pôde trabalhar a orientação espacial, mais especificamente, a noção de em cima e em baixo, desenvolvendo a parte psicomotora de cada criança.

A orientação espacial, deve ser desenvolvida nas crianças desde cedo, pois, segundo Jesus (2002), “no espaço em que vivemos todos nós nos orientamos em função das direcções e sentidos: para trás, para a frente, para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda” (p.33).

Segundo Martínez, García e Montoro (1992), “se a criança tem problemas com o seu espaço, é porque falharam algumas etapas do seu desenvolvimento psicomotor.” (p.42). Os mesmos autores referem que essas etapas têm de ser trabalhadas desde o início, vivendo situações espaciais com experiências corporais. Essas experiências corporais devem fazer parte do dia-a-dia das crianças e, sendo assim, os educadores, devem contemplar na planificação, atividades com este objetivo.

## **Terça-feira, 13 de dezembro de 2011**

Hoje, foram realizados os preparativos para a festa de Natal.

## **Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011**

Finalmente o dia tão esperado por todos nós: a Festa de Natal!

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A festa de Natal é um evento muito esperado pelas crianças e pelas famílias das mesmas.

A realização desta festa, proporciona às crianças, momentos de grande entusiasmo e socialização. Segundo Agüera (2008), “as festas e celebrações constituem



actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.” (p.73).

A realização da peça de teatro, é um momento que precisa de tempo para ser preparada, mas, em contrapartida, as crianças divertem-se e é uma forma de representarem e se desinibirem. Segundo Vale (2001), “através do texto dramático, mas sobretudo pelo espectáculo, as crianças informam-se, formam-se e divertem-se, aprendendo mais sobre si e sobre os outros.” (p.14). Por outro lado, o teatro deve estar incluído na educação, pois estimula as crianças e os jovens para a “actividade, inteligência, afectividade e tem meios para os ajudar a crescer de forma equilibrada” (p.14).

Uma das consequências observadas durante a organização deste tipo de eventos, é a cooperação e ajuda que existe entre o pessoal docente. Segundo Hohmann e Weikart (1997), “o trabalho de equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e de respeito mútuo” (p.130). É uma forma de partilharmos os nossos conhecimentos e, com isso, aperfeiçoarmos o nosso trabalho, pois “ao trabalhar em grupo os membros da equipa expressam nas suas próprias palavras as observações das crianças e dos acontecimentos, de maneira a que, colectivamente, possam utilizar aquilo que sabem e construir práticas educativas a partir desse conhecimento” (pp.130/131).

Os autores atrás referidos acrescentam ainda que “ao colaborarem, os elementos da equipa obtém reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (p.131). Então, podemos construir uma comunidade escolar, construindo e melhorando as capacidades de cada educador/professor.

Reis (2008), defende também que é muito importante envolver os familiares neste processo, e a festa de Natal pode ajudar a aproximar os pais dos educadores/professores, contribuindo para a promoção de uma construção de proximidade que é fundamental para o sucesso escolar.

### **1.3. 3.ª Secção**

**Período de Estágio:** 2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012

**Faixa etária:** 4 anos

**Educadora Cooperante:** C

#### **1.3.1. Caracterização da turma**

A turma dos 4 anos é composta por 29 crianças das quais 17 são do género masculino e 12 do género feminino. Entraram para a turma duas crianças que vieram do Jardim Escola João de Deus de Torres Vedras. Estas integraram-se muito bem no grupo.

De acordo com a informação fornecida pela educadora, todos os alunos pertencem ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuem, na sua grande maioria, formação superior.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

#### **1.3.2. Caracterização do espaço**

A sala deste grupo situa-se no salão, lado a lado com a outra sala dos 4 anos.

O salão dá acesso ao refeitório e cozinha, às salas do 1.º ano, ao *hall* de entrada, às escadas que dão acesso ao 1.º andar e ao corredor que, por sua vez, dá acesso às restantes salas do jardim-escola.

É um espaço amplo, conforme se pode ver na figura 5, e tem diversas funções ao longo do dia.



Figura 5 – Sala da turma dos 4 anos

### 1.3.3. Rotina diária

O acolhimento do bibe encarnado é feito na roda, tal como todos os bibes. Depois desta, as crianças vão à casa de banho e de seguida juntam-se numa roda onde a educadora conversa com todas sobre um assunto que considera ser pertinente.

A hora de almoço é às 12h, e este é servido no refeitório.

### 1.3.4. Horário da turma

No quadro 6 encontra-se o horário desta turma.

Quadro 6 – Horário da turma dos 4 anos

Bibe Encarnado A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
009.00	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9.30-10.00	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Educação Musical	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10.00-10.30	Desenho Série/Grafismos		Educação Física	Dobragem e colagem	
10.30-11.00	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.00-11.30	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca	Estim. à Leitura	Iniciação à Matemática	Estim. à Leitura
11.30-12.00					Educação Física
12.00	ALMOÇO E RECREIO				
14.30-15.00	Desenho Série/Grafismos	Conhecimento do Mundo	Dramatização/fantoches	Conhecimento do Mundo	Pintura/Modelagem/Picotagem
15.00-15.30			Trabalho de Grupo		
15.30-16.00	Corte e Colagem	Desenho Livre	Jogos livres	Jogos livres	Assembleia de Alunos
16.00-16.30	Jogos livres	Jogos livres			
16.30	LANCHE				
17.00	SAÍDA				

### **1.3.5. Relatos diários**

#### **Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012**

Neste dia de *roullement*, as crianças das duas turmas dos 4 anos juntaram-se.

Ao longo da manhã, fizeram desenho livre, trabalharam com plasticina e depois do almoço viram o filme intitulado “Capuchinho Vermelho”.

#### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O desenho livre é uma forma da criança poder transmitir tudo o que sente e da forma como vê, exprimindo os seus sentimentos, que, muitas vezes, não transparecem. O ato de desenhar não deve ser limitado pelo educador, o que acontece, quando são dadas às crianças algumas regras e/ou temas. O desenho livre, deve ser feito de uma forma espontânea, apelando à imaginação e criatividade.

Muitas vezes, mesmo que não seja propositado, a criança transmite os seus sentimentos e emoções através do desenho. Segundo Gonçalves (1991), “desenhar e pintar não é apenas representar o que se vê, mas também representar o que se sente e se imagina (...) desenhar/pintar é também mostrar o que se quer ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir.” (p.26)

Para Francia e Azevedo (2001), “a pintura e o desenho constituem formas maravilhosas de abstracção mental; uma maneira original de ver ou imaginar a realidade.” (p.5)

Outro aspeto positivo do desenho livre, é que o educador pode analisar o desenho realizado e encontrar algo que mereça a sua atenção. Por exemplo, a forma como a criança desenha, deve merecer a nossa atenção, pois, segundo Valsassina (1998), “algumas só trabalham num canto do papel, esquecendo-se que têm uma superfície grande para se poderem exprimir.” (p.23) e, nestes casos, pode-se chegar à conclusão que “estas crianças, geralmente, são tímidas e inibidas, e se não forem induzidas pelo educador a expandirem-se, graficamente, continuam por muito tempo a executarem o seu grafismo de forma minúscula.” (p.23/24)

Sendo assim, o desenho livre tem de ser valorizado e não ser apenas uma forma de ocupação de tempo.

### **Terça-feira, 3 de janeiro de 2012**

No início da manhã, a educadora dialogou com as crianças sobre as férias.

De seguida, trabalhou com o 4.º Dom de Froebel, e realizou a construção do muro do jardim e o banco grande, contextualizando com uma história.

Seguiu-se a informática e o almoço.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

É fundamental mantermos uma relação aberta com as crianças e mostrarmos interesse no que elas gostam e fazem. Devemos dialogar sobre as férias, o fim-de-semana, ou algo que tenhamos conhecimento que aconteceu, como uma festa de anos, um passeio, entre outros.

A aprendizagem está ligada à comunicação e ao diálogo com as crianças. Devemos apelar para dizerem o que querem, desde que esteja dentro de contexto e não perturbe a aula.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009):

“a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar.” (p.67)

Segundo Heineman (1981, citado por Zabalza, 1998a) definiu o ensino como um “processo comunicativo que se desenvolve um grupo e que tem como objecto básico a socialização dos alunos” (p.38).

Ao fomentarmos o diálogo entre as crianças, também desenvolvemos a socialização que, por sua vez, é uma forma, entre outras, de desinibir as crianças mais introvertidas.

**Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012**

Posteriormente à roda e à ida à casa de banho, as duas turmas juntaram-se, no salão para o visionamento de uma apresentação em *Powerpoint* sobre o dia de reis.

De seguida, a educadora fez um ditado gráfico sobre o tema.

Após o lanche da manhã, fizeram uma roda para jogarem o jogo do anel e tiveram Educação Física.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A área de Expressão Motora faz parte do “currículo” do ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todos o processo de desenvolvimento e aprendizagem” (p.58). Ao longo do seu desenvolvimento vai estabelecendo relações com o seu corpo, com o outro e com o mundo envolvente. Este intercâmbio vai ser fundamental, para o desenrolar do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Tendo em conta o desenvolvimento motor da criança, a expressão motora deve proporcionar ocasiões para exercícios de motricidade grossa e fina, de modo a utilizar e a dominar melhor o mesmo.

Conforme a mesma fonte, “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p.58). A diversificação de formas de utilizar e sentir o corpo (trepar, correr e outras formas de locomoção, bem como deslizar, baloiçar, rodopiar, saltar a pés juntos ou a um pé...) podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento (iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direções). A capacidade de estar quieto e de relaxar fazem também parte deste trabalho.

Segundo Bento (1989) “não basta que as crianças e jovens pratiquem desporto! É importante que o façam num enquadramento de condições, de conteúdos e valores educativa e socialmente legitimados.” (p.50).

Segundo as Orientações da União Europeia para a atividade física “a educação física é uma disciplina obrigatória nas escolas na maior parte dos países, e é possível ministrar educação física saudável e apelativa nas escolas de forma a criar interesse pela actividade física.” (p.34). Para além disso, é “importante avaliar se um aumento e/ou uma melhoria da educação física no sistema educativo originam melhorias no nível da saúde e do comportamento saudável das crianças e dos jovens.” (p.34)

A Expressão Motora é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento global da criança em particular na aquisição de destrezas motoras, hábitos e atitudes indispensáveis para uma vida ativa e participativa. Esta atividade é complementada com a educação alimentar, tendo como objetivo o combate à obesidade infantil.

Verifiquei que nos dias em que as crianças têm Educação Física, elas estão alegres e ansiosas que chegue a hora dessa atividade.

## **Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012**

A educadora iniciou a manhã, dialogando com os alunos sobre o fim-de-semana.

De seguida, fez a leitura do livro “Quem está na casa de banho?” de Jeanne Willis e Adrian Reynolds, e a dinamização do mesmo.

Ainda durante a manhã, a educadora deu, no Domínio da Matemática, o material Geoplano, construindo as seguintes figuras geométricas com os elásticos: quadrado, retângulo e triângulo. Estas figuras iam sendo expostas na placa, consoante o local onde a educadora indicava, desenvolvendo, assim, noções de lateralidade.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O Geoplano é um material que contém uma placa, normalmente de plástico transparente, com “pregos” onde se podem prender os elásticos.

Segundo Caldeira (2009b), este material “é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” (p.409).

Serrazina e Matos (1988), defendem que “no ensino pré-escolar é conveniente a utilização de papel pontado que reproduza exactamente o espaçamento dos pregos do geoplano.” (p.13).

Caldeira (2009b), refere que “na utilização do Geoplano é importante que o professor desenvolva aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho.” (p.49).

Nesta aula, a educadora realizou exercícios simples, trabalhando as figuras geométricas mas, principalmente, a lateralização.

O desenvolvimento da lateralização pode estar inserido em todas as unidades curriculares. A lateralização das crianças é definida ao longo dos tempos, e é identificada pela observação da forma como inicia os seus comportamentos motores.

Segundo Jesus (2002), “a lateralidade manifesta-se relativamente a todos os órgãos ou segmentos corporais que existem em número par, podendo por isso ser: ocular, auditiva, manual, pedal e até expressiva.” (p.49).

Não devemos contrariar as preferências da criança ao nível da sua lateralidade.

Segundo o mesmo autor, “a criança pode assumir preferências diferentes relativamente a cada uma delas. Nunca as preferências da criança, em termos de Lateralidade, devem ser contrariadas.” (p.49). Como educadores, devemos ajudar no desenvolvimento da lateralidade da criança e tal como defende Jesus (2002), “devem ser organizadas actividades criteriosamente escolhidas por forma a possibilitar à criança o desenvolvimento da lateralidade quer ocular, quer manual, quer pedal.” (p.49)

### **Terça-feira, 10 de janeiro de 2012**

Neste dia, a educadora leu a história do livro intitulado “Adivinha o quanto eu gosto de ti no Inverno” de Sam Mc Bratney e Anita Jeram. Após a leitura, conversou com as crianças sobre alguns sentimentos.

Posteriormente, no Domínio da Matemática, trabalharam, com o material Blocos lógicos, a noção de conjunto.

De seguida tiveram aula de Informática. Nesta aula, como em tantas outras, realizaram jogos no computador, à sua escolha. Estes jogos de lógica obrigavam a deslocação do rato, trabalhando a coordenação oculo-manual.



## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Atualmente, a informática faz parte da vida das pessoas. Cada vez mais, os computadores são um objeto essencial para o quotidiano. A informática dá-nos um leque de opções para trabalhar, para desenvolver aprendizagens nos alunos, para criar materiais apelativos e criativos e, deste modo, diversificar os processos e métodos de aprendizagem.

Sendo uma sociedade, atualmente, rodeada pela informática, é essencial que as crianças experimentem e usem os computadores.

Através da informática, elas vão aprendendo e adquirindo noções básicas sobre a utilização dos computadores, construindo esse conhecimento ao longo dos anos.

Segundo Silveira-Botelho (2009), “vivemos numa sociedade que, sendo pós-industrial, é designada por sociedade da informação e do conhecimento.” (p.114).

Mesmo fora do ambiente escolar, também os pais, segundo a mesma autora, “investem em estratégias de mobilização educativa, que assentam essencialmente em tecnologias de informação e comunicação, com o intuito de que os seus filhos alcancem o tão almejado sucesso escolar.” (p.114)

Devemos então, proporcionar às crianças o contacto com os computadores, desde o ensino pré-escolar, de forma adequada ao nível etário e sempre acompanhadas pelo adulto.

## **Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012**

Neste dia, a educadora trabalhou com o material Tangram. Contou uma história e realizou a construção do espelho e do gato. As crianças construíram as figuras na mesa, com as peças e, posteriormente, pintaram, recortaram e colaram as peças numa folha de papel.

De seguida, tiveram a aula de Educação Física.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O recorte, a pintura e a colagem, desenvolvem a motricidade fina das crianças.

Como refere Cordeiro (2010), “a rasgagem, e o recorte e colagem, são muito importantes para o desenvolvimento da motricidade fina (...) exigem criatividade, reflexão, organização n espaço e verbalização.” (p.373). Estas atividades que podemos sugerir às crianças, desenvolvem capacidades essenciais e dão-lhes motivação e interesse.

### **Segunda- feira, 16 de janeiro de 2012**

Posteriormente ao diálogo com as crianças, sobre o fim-de-semana, a educadora trabalhou com o 4.º Dom de Froebel, realizando as construções: da cama, ponte e cadeirão. De seguida terminaram uma proposta de trabalho que consistia na colagem de bolas de algodão num boneco de neve, para depois, ser colocado no quadro de cortiça da sala/salão.

## **Inferências**

Quando as crianças terminam uma proposta de trabalho, depois de verificada pela educadora, esta pode ir para o *dossier* do aluno, ou pode ser exposta no quadro de cortiça da sala.

Na minha opinião, o facto de o trabalho ser colocado num mural que é visível por todos, cria na criança um sentimento de orgulho e bem-estar por ver a sua proposta de trabalho ser realçada e destacada perante as outras. Isto, pode levar a que as crianças se esforcem e apliquem na resolução dos seus trabalhos, com o objetivo de também verem o seu exposto.

No entanto, quando queremos colocar os trabalhos no quadro de cortiça, devemos ter atenção nas escolhas que fazemos. É certo que um trabalho bonito e bem apresentado, terá mais hipóteses de ser colocado, mas, também devemos ter exposto um trabalho de um aluno menos aplicado, pois pode levar a que este se empenhe mais, por ver o seu trabalho visível na sala de aula.

Devemos olhar à nossa volta e, de uma forma geral, fazer um levantamento de todas as práticas que poderão ser feitas, com vista a motivar as crianças. Mais do que as crianças com sucesso escolar, estão aquelas sem motivação e sem interesse que, a este nível, precisam da ajuda do educador.

### **Terça-feira, 17 de janeiro de 2012**

Neste dia, a minha colega deu uma aula surpresa. A aula consistiu em ler a história do livro intitulado “Todos nós nos sentimos assustados”, de Jane Bingham e na sua exploração.

Posteriormente, a educadora trabalhou com o material *Cuisenaire*, introduzindo a noção de número par.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O livro que a colega leu, abordava, de um modo geral, os sentimentos de medo e angústia.

É importante falarmos com as crianças sobre os seus medos e receios. Durante a infância o medo é um sentimento que passa por todas as crianças, e que, ao longo da vida poderá desaparecer ou não.

Segundo Brunner e Zeltner (2000), podemos definir o sentimento medo como angústia e, esta é definida como um “estado emocional (dependente das emoções) desagradável, em geral acompanhado por fenómenos fisiológicos, tais como palpitações cardíacas, respiração rápida, suor, tremores. A angústia pode ser considerada como uma reacção adquirida ou aprendida, resultante de estímulos ameaçadores vivenciados no meio ambiente.” (p.17)

O medo pode surgir em diversas situações: quando a criança está perante a instabilidade, a incerteza, a ansiedade, etc..

Para Baptista (2000, p.97), “a ansiedade ou o medo são assim um complexo de estratégias, que se estendem desde a percepção até à execução rápida de acções, tendo como finalidade a protecção do indivíduo perante o perigo ou uma ameaça antecipada.”

Normalmente, “a criança de seis anos descreve ter medo de ser raptada ou de fantasmas, e no ano seguinte relata ter medo de falhar na escola, de ser rejeitada pelos colegas ou ter medo de possíveis ferimentos.” (Baptista, p.103)

Segundo Odriozola (2001), “A ansiedade é uma resposta normal e adaptativa perante ameaças reais ou imaginadas, mais ou menos difusas, que prepara o organismo para reagir a uma situação de perigo.” (p.1)

No entanto, esses medos são passageiros à medida que a criança cresce, pois “a maioria das crianças tem vários pequenos medos transitórios, típicos de uma determinada idade e que se resolvem espontaneamente ao longo do desenvolvimento.” (p.1)

O educador deve falar com as crianças sobre os seus medos, criando diálogo, partilhando situações e acontecimentos onde vivenciaram o medo e a angústia, para os ajudar a ultrapassar os mesmos e sentirem mais confiança em si, desenvolvendo-se de forma harmoniosa.

A narração de histórias protagonizadas por personagens que têm medos e que os ultrapassam, ou por personagens que não sentem medo, é uma ferramenta eficaz para ajudar os alunos a reproduzir situações receadas por eles e a ultrapassá-las. Nestas idades podem inventar-se objetos ou elementos que lhes dêem segurança para enfrentar os medos, como um chapéu protetor, uma varinha mágica, entre outros. A colega soube conversar com as crianças sobre este tema, tendo estas participado bastante.

### **Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012**

Neste dia, foi a manhã de aulas da colega.

No Conhecimento do Mundo, a colega mostrou à turma imagens de diferentes mamíferos e foi referindo as características mais evidentes.

De seguida, as crianças foram assistir a um teatro realizado na escola sobre a higiene oral.

Quando voltaram para o salão, a colega no Domínio da Matemática, deu contagens com palhinhas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

As palhinhas são um material didático não estruturado, que pode ser utilizado para diversos fins. É um material de fácil manuseamento, fácil de encontrar e com custos baixos. As palhinhas são usadas, principalmente para as contagens, como refere Caldeira (2009b) na seguinte citação: “as palhinhas funcionam como suporte à contagem.” (p.317)

Segundo a mesma autora, com “os materiais alternativos não-industrializados (...), é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo.” (p.317)

As palhinhas são usadas, procedendo sempre de uma forma idêntica pois, segundo a mesma autora e iniciadora da utilização deste material, “ao som dum instrumento musical, (ferrinhos, pandeireta, etc.) as crianças vão tirando as palhinhas, ou ouvem os batimentos, tirando depois o número de palhinhas correspondente. Posteriormente podem-se utilizar os algarismos e sinais móveis.” (p.317)

Muitas vezes, as escolas não têm posses para comprar certos materiais e podemos construí-los e utilizar como por exemplo, bolinhas, papéis e embalagens. No entanto, as palhinhas são um bom material, que devido às suas cores e forma, tornam os cálculos mais interessantes e motivadores.

## **Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012**

Nesta manhã, programei uma aula sobre um animal mamífero – a vaca. Iniciei-a, dialogando com as crianças sobre o fim-de-semana.

Na área de Conhecimento do Mundo, abordei as características da vaca, através de um livro em tamanho A3 e, para terminar, apresentei este animal em boneco, feito de feltro, de forma a observarmos e identificarmos as características atrás mencionadas.

Seguiu-se a área de Domínio da Matemática, onde trabalhei com o 4.º Dom de Froebel e utilizei imagens de vacas (figura 6), para realizarem alguns exercícios de soma e subtração. As crianças fizeram as construções do banco e do tanque. A dinamização de uma história foi a metodologia adotada.



Figura 6 – *Material usado na área de Domínio da Matemática*

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Foi a primeira vez que realizei uma atividade com estas crianças. O 4.º Dom de Froebel é um material composto por 8 paralelepípedos de madeira.

As construções, com este material, são mais variadas e, segundo Caldeira (2009b), “requerem da criança, maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior “ginástica” mental” (p.260).

É um material, que, segundo a mesma autora, é aconselhado para crianças a partir dos 4 anos de idade.

Gostei bastante desta manhã, pois consegui manter as crianças interessadas e motivadas com as atividades que foram realizadas. O facto de ter de mudar de espaço de aula, visto que a primeira atividade teve de ser realizada na sala dos computadores e a segunda no salão, também é uma forma de aprendizagem e organização.

### **Terça-feira, 24 de janeiro de 2012**

Neste dia, depois da rotina habitual, contei a história do livro intitulado “A minha vaca de estimação”, de Luísa Ducla Soares. Este livro conta a história de uma vaca, a personagem principal, que vai vivendo aventuras divertidas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Durante toda a leitura que fiz da história, recorri a inflexões de voz, de forma a manter o interesse e a atenção das crianças. Por outro lado, a história era bastante divertida, o que, por sua vez, concentrou toda a atenção das crianças.

Em todas as aulas, devemos realizar (não só na leitura de histórias) inflexões de voz e assegurarmo-nos que todas as crianças estão atentas para, assim, o nosso discurso influenciar o ensino e a aprendizagem.

Também neste dia, quero referir o uso de histórias agradáveis e divertidas. Este também é um fator que fixa a atenção das crianças. No entanto, deve estar adequado à faixa etária e ao contexto da aula. De acordo com Sanches (2001),

“contar histórias, anedotas sobre o assunto faz recordar e memorizar mais facilmente e introduz uma competente de humor na relação pedagógica. Todos gostamos de conviver com pessoas bem dispostas. Que a nossa relação com os alunos tenha cor, mas uma cor viva e alegre, não o cinzento. Às vezes confunde-se boa disposição com falta de autoridade e não tem nada a ver. Ler, contar e recontar histórias e outros textos em voz alta na aula estimulam a leitura e facilitam as aprendizagens e a desinibição dos alunos.” (p.56)

Podemos criar momentos divertidos com as crianças sempre que possível, pois tornam o ambiente mais agradável e, a relação entre o educador/professor e as crianças, torna-se mais afetuosa e próxima. Penso ter conseguido manter uma boa relação com o grupo.

## **Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012**

Para esta manhã, estava programada a aula da colega.

Começou a aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com a leitura do livro intitulado “Viva o peixinho”, de Lucy Cousins, de forma a introduzir o tema da aula.

De seguida, já no Domínio da Matemática, a colega trabalhou com o 4.º Dom de Froebel, fazendo as construções da ponte e do poço. Utilizou uma base como suporte para fazer as construções em cima e peixes, para serem usados nos cálculos. Contou uma pequena história e realizou alguns cálculos.

Na área de Conhecimento do Mundo, apresentou à turma três peixes (dois carapaus e uma sardinha), e, através dos mesmos, trabalhou as suas características. Deu oportunidade a todas as crianças para mexerem nos animais, de modo a confirmarem as características que tinham abordado. Para consolidar a matéria, abriu um carapau e mostrou a espinha e comparou-a aos ossos do ser humano.

Para finalizar a aula, ofereceu um peixe à turma, e pediu para escolherem um nome.

Na aula de Educação Física, trabalharam a lateralidade, posicionando o corpo em relação a um objeto e realizaram movimentos para exercitar os músculos dos olhos.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

É bastante importante a presença do ensino das Ciências no ensino Pré-Escolar, inseridas na área de Conhecimento do Mundo.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), podemos encarar “a área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano.” (p.80)

Devemos despertar nas crianças, a curiosidade e o interesse pelas ciências, de forma a desejarem saber mais, sobre a realidade que nos rodeia.

Segundo a fonte acima referida, “a sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais.” (p.82). Desta forma, esta área deverá permitir o contacto com as ciências, e “fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental” (p.82)

Cada vez mais, a sociedade, nos dias de hoje, é maioritariamente científica e tecnológica, pois, de acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2009), “a sociedade actual é eminentemente científica e tecnológica, e as crianças desde cedo contactam, de forma mais ou menos directa, com diversos equipamentos/brinquedos, que são o reflexo dos avanços e da divulgação da tecnologia.” (p.11)

Assim sendo, e segundo os mesmos autores,

“cada vez mais os cidadãos devem ser cientificamente cultos, de modo a serem capazes de interpretar e reagir a decisões tomadas



por outros, de se pronunciarem sobre elas, de tomar decisões informadas sobre assuntos que afectam as suas vidas e a dos outros” (p.11)

O educador deve organizar os conteúdos curriculares e associá-los, quando possível, às ciências experimentais. Segundo os mesmo autores, “a autonomia concedida ao(à) educador(a) na tomada de decisão acerca de conteúdos a abordar e metodologias de exploração a usar, (...) requer a mobilização de saberes vários, incluindo o conhecimento didáctico e de conteúdo, o que não é tarefa fácil” (p.14)

Em suma, o educador deve proporcionar às crianças, experiências e descobertas sobre os seus interesses. Estruturar o raciocínio delas e propor desafios sobre o mundo que nos rodeia. A criança, ao tornar-se cientificamente culta, estará mais apta, para no futuro resolver problemas pessoais e da sociedade.

## **Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012**

Hoje a educadora, como é habitual às segundas-feiras, começou por dialogar com as crianças sobre o fim-de-semana.

Mais tarde, assistiram a um concerto, no ginásio, do grupo musical “Os Corvos”. Esta banda tocou músicas acústicas infantis, conhecidas pela maioria das crianças, pois acompanharam-nas contando as letras das canções.

Posteriormente ao concerto, as crianças foram para a sala de multiusos e realizaram uma proposta de trabalho de matemática.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A música também é uma forma de comunicação entre as pessoas. Existe uma grande diversidade de géneros musicais. Segundo Sousa e Neto (2003), “ao longo dos tempos e nos dias de hoje a música é considerada uma linguagem. Uma das grandes mensagens universais da música é a utilização de um código comum que se torne perceptível em todos os países do mundo” (p.34).

Cada pessoa tem as suas preferências, no entanto, deve conhecer e também respeitar os diferentes géneros.

Na escola, também é importante darmos a conhecer às crianças diferentes estilos de música, de modo a que as crianças definam o seu próprio género musical e aprendam a respeitar a cultura musical. De acordo com Edgar Willems (citado por Sousa e Neto, 2003), “existem programas escolares de música, especialmente em zonas urbanas diversificadas, em permanente revisão com o objectivo de estarem atentos a todos os tipos de música procurando responder aos interesses dos seus alunos.” (p.42)

Segundo os autores acima referidos, da vida “deveriam fazer parte estudos artísticos, particularmente no campo da educação musical” (p.37).

Ao criarmos momentos/atividades onde seja possível colocar música, dialogando com as crianças sobre a mesma (o ritmo, a letra, os instrumentos), e que sejam diversificadas, estamos a construir nas crianças um leque de conhecimentos musicais.

### **Terça-feira, 31 de janeiro de 2012**

Neste dia, a educadora começou por conversar com as crianças, sobre o trabalho de casa que tinha pedido para fazerem. Todos os meses, as crianças, com a ajuda dos pais, fazem um trabalho sobre determinado tema, sendo que, o deste mês, foi os animais mamíferos.

Algumas crianças entregaram o seu trabalho, e apresentaram-no à turma, falando um pouco do animal que escolheram para representar, e dos materiais que usaram na elaboração do mesmo. De seguida, os animais foram colocados no quadro de cortiça da sala.

Posteriormente, dei uma aula surpresa. Li o livro intitulado “Os ovos misteriosos”, de Luísa Ducla Soares. Explorei a história, as imagens e dinamizei com gestos.

Quando terminei, as crianças dirigiram-se para a sala de multiusos, e realizaram uma proposta de trabalho inserida no Domínio da Matemática, sobre figuras geométricas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na minha opinião, é bastante importante envolver as famílias e as crianças com estes “trabalhos de casa” e assim partilharem as suas tarefas, e também, inculcar nelas a responsabilidade e a obrigação de fazerem um trabalho num determinado período de tempo.

Foi visível na apresentação dos trabalhos, que as crianças estavam felizes e agradadas, por mostrarem aos amigos o animal que exploraram.

Nesta manhã, também acho importante referir, o facto de os livros infantis serem bastante utilizados, não só nesta manhã, mas ao longo do período de estágio profissional.

A leitura de livros para as crianças, em idade pré-escolar, têm grandes vantagens no seu desenvolvimento ao nível da linguagem oral e escrita e da comunicação.

Segundo Nelson (1989, citado por Spodek e Saracho, 1998), “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com sua própria linguagem oral e escrita” (p.245).

Também de acordo com Teberosky e Colomer (2003):

“as leituras em voz alta para as crianças pequenas, nas quais elas escutam, olham, perguntam e respondem, são um meio para que entendam as funções e a estrutura da linguagem escrita, e podem vir a ser, também, uma ponte entre a linguagem oral e a linguagem escrita.”  
(p.20)

Para além das histórias atuais, os contos ainda são muito utilizados. Contar e ler às crianças este tipo de histórias, pode conduzir para a formação das crianças, não só em relação à construção e enriquecimento da língua, como também pode contribuir para uma valorização das trocas culturais, para o sentido de cooperação, uma vez que a criança ao ouvir identifica-se com diversas personagens que interagem em contextos diferentes e que têm personalidades e comportamentos também diferentes.

Segundo Bruno Bettelheim (citado por Albuquerque, 2000),

“contos maravilhosos são de uma extrema utilidade, porque ensinam a criança a superar problemas de crescimento e a ultrapassar dependências, adquirindo um sentido de auto-aceitação e de autoestima. Assim, cada vez que uma criança, ouvindo uma história, se envolve naturalmente na efabulação, vai aprender uma série de mecanismos conscientes que o impelem a revê-los, rearranjá-los e a fantasiar sobre eles, de modo a permitir-lhes encontrar respostas para os seus problemas individuais” (pp.16/17).

Ou seja, a leitura de livros, em conjunto com o que foi referido ao longo destas inferências e fundamentações sobre o tema, conduz ao sucesso escolar global, pois, de acordo com Santos (2000) “a motivação e a consequente criação de hábitos de leitura nas crianças e nos adolescentes devem ser encarados como meios de promover o sucesso no domínio da leitura e, concomitantemente, de promover o sucesso escolar global.” (p.81).

Em suma, devemos apelar para a leitura de histórias nas salas de aula, criando uma rotina agradável que passa por ler um livro, contar uma história, calendarizar a “hora do conto”, entre outras.

As crianças adoram ouvir histórias, principalmente se o contador tiver entusiasmo, ritmo e gosto pela leitura. Muitas vezes, as crianças fazem o que veem os adultos fazer e, se criarmos hábitos de leitura, conseguiremos passar esse interesse para as crianças, e por certo será uma mais valia para o resto das suas vidas.

### **Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012**

Nesta manhã, a colega deu a sua aula surpresa, que consistiu na leitura e estimulação de um livro intitulado “Que dia tão bonito” de Ana Beatriz Afonso.

De seguida, na sala de multíusos, as crianças trabalharam com o 4º Dom de Froebel. Realizaram as construções do muro do jardim e do carrossel. Ao longo da aula foram realizando cálculo mental de várias situações propostas.

Quando voltaram para o salão, a educadora realizou com as crianças o “jogo do carteiro”.

Depois do lanche da manhã e do retorno à calma, realizaram uma proposta de trabalho que consistia na pintura da letra “i”, picotagem e colagem da mesma numa folha.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Apesar das crianças não saberem ler, começam a ter contacto com as letras desde cedo. Ao trabalharem a letra “i” através da visualização, picotagem e colagem, vão interiorizando a forma da letra e o seu nome.

Ruivo (2009), apresenta como uma estratégia prática o “recorte e picotagem de letras” (p.319), inserida na Expressão Plástica. Esta estratégia é uma forma das crianças começarem a ter contacto com as letras, e de uma forma lúdica as irem fixando. Mais tarde, quando aprenderem a ler e a escrever, já conhecem a letra e a aprendizagem será facilitada.

## **Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012**

Neste dia, a educadora desenvolveu a lateralidade, trabalhando com o material Geoplano. As crianças, a pedido da educadora, faziam as figuras geométricas nos locais indicados, como por exemplo: o quadrado no canto superior esquerdo e o retângulo no canto inferior direito. De seguida, passaram para o papel pontado a representação das figuras.

Antes do almoço, as crianças brincaram no salão e a colega fez um jogo sobre os mamíferos.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega realizou um jogo, inserindo-o na temática da aula sobre os mamíferos. Durante o jogo, as crianças referiam exemplos de animais mamíferos.

Os jogos e as brincadeiras fazem parte do crescimento e desenvolvimento normal da criança.

Através do jogo, ela aprende a aceitar e a respeitar as regras, a socializar com os pares, a construir amizades, etc.. O jogo não é apenas diversão, também proporciona à criança aprendizagens e momentos de descontração.

Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem” (p.59)

Segundo Jesus (2002), através do jogo a “criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas

experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade.” (p.61)

O jogo não se destina apenas à infância, mas sim ao longo da vida, com jogos diferenciados. De acordo com esse autor, o sentido do jogo começa a ser interiorizado a partir dos dois anos e é algo que está sempre presente no ser humano e que o acompanha, de formas diferentes, ao longo de toda a sua vida.” (p.61).

Quando a criança joga vive momentos de felicidade, independentemente da sua situação pessoal, pois, como defende Cortesão et al (1995),

“um dos mais importantes «poderes» dos jogos e brincadeiras, uma das razões (senão talvez a mais importante) pela qual é importante jogar e brincar é porque é bom, porque permite à criança criar momentos de felicidade, porque rir e divertir-se é fundamental, faz parte da infância, mesmo da infância que acontece (e acontece muitas vezes) em situações de grande dureza, instabilidade e precaridade de meios.” (p.15)

No entanto, quando planificamos os jogos, devemos ter em atenção a idade e o nível de desenvolvimento das crianças. Segundo Spodek e Saracho (1998), “os professores devem ter o cuidado de adequarem os jogos que apresentam com o nível de desenvolvimento das crianças” (p.223)

De uma forma breve, os jogos e as brincadeiras, devem ser contempladas nas planificações de um educador. Eles são uma mais valia para a educação, pois ao mesmo tempo que as crianças se sentem felizes e vivem momentos de grande diversão, também contribuem para os seus desenvolvimentos pessoal e social.

Segundo Sá (1995), os jogos são relatados “como necessários ao aprofundamento dos conhecimentos e como actividades em que os alunos possam brincar e explorar, fazendo descobertas, caminhar no sentido da abstracção, desenvolver a imaginação e o raciocínio e discutir e comunicar as suas decisões.” (p.10)

Para Sanches (2001), “até uma actividade normal se é apresentada com a componente jogo tem logo uma adesão diferente” (p.57)

Não só ao nível da área do Conhecimento do Mundo, mas também nas restantes, podemos criar momentos lúdicos sobre determinados conteúdos, de forma a facilitar a aprendizagem dos conhecimentos das crianças.

## **Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012**

Hoje foi dia dos pais presenciarem as atividades dos seus educandos.

A manhã iniciou-se com os dois grupos juntos no salão, onde foi feita uma apresentação em *Powerpoint*, sobre as aves. À medida que os diapositivos iam mudando, com imagens de diferentes aves, eram referidas as características das mesmas.

Já nas mesas, as crianças realizaram uma proposta de trabalho, com o objetivo de pintarem o canário desenhado, recortarem e, por fim, colá-lo numa nova folha.

Depois do recreio, trabalharam com o material 4.º Dom de Froebel e realizaram a construção do banco do jardim e do carrossel.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O *dia dos pais*, permite que estes assistam ao quotidiano dos seus filhos, nas tarefas que fazem, na forma como se comportam, as rotinas que têm, etc..

Segundo Sanches (2001), devemos “chamar os pais a colaborar dando-lhes oportunidade, se for possível, de verem como se comportam os seus filhos e como reagem às tarefas que lhes são solicitadas” (p.108)

A interação dos pais com a escola, traz imensas vantagens para o desenvolvimento e ensino das crianças. Elas sentem que os pais têm interesse pelo que fazem, que estão atentos nas suas tarefas e comportamentos.

Segundo Spodek e Saracho (1998), “eles podem ser convidados a ler histórias para as crianças, a orientar grupos pedagógicos, ajudar nas rotinas de sala de aula e servir como recursos, usando seus conhecimentos e habilidades especiais para enriquecer o programa” (p.170).

Tudo isto leva a que as crianças se sintam mais motivadas para agradar aos pais privilegiando também o seu sucesso escolar.

Segundo Villas-Boas (2001), “o sucesso escolar ocorre quando se verifica uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem entre o professor, o aluno e a sua família.” (p.82).

Também a partilha de informação entre os pais e o educador/professor, sobre a criança, é um aspeto positivo para o seu desenvolvimento, pois segundo Siperstein &

Bak (1988, citado por Spodek e Saracho, 1998), “a comunicação e a cooperação entre pais e professores deve ser uma via de mão dupla, na qual cada um compartilha informações e aprende com o outro para o benefício das crianças” (p.183). Esse benefício é muito maior e mais importante, quando as crianças são pequenas.

Para finalizar, quando a escola se aproxima da família e a família do processo educativo da criança, resulta num maior desempenho na aprendizagem.

Contudo, sabemos que nem todos os pais podem/poderão estar presentes, por isso o educador/professor deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para minimizar essas situações (por exemplo, convidar os avós, os padrinhos ou um primo mais velho).

### **Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012**

A educadora iniciou a manhã, com a apresentação em *Powerpoint* e imagens de aves, de forma a contextualizar e rever as características das mesmas. De seguida, as crianças pintaram imagens de aves, com tinta líquida.

Mais tarde, depois do recreio, realizaram uma proposta de trabalho sobre contagens.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

As contagens, no ensino pré-escolar, são bastante uteis para as crianças construírem a noção de número e associarem-no à quantidade. Como refere Caldeira (2009b), “a acção de contar é fundamental para a criança, para assim realizar a construção do número” (p.62)

Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira, (1999), “a compreensão da contagem resulta da vivência de muitas experiências onde ela é útil e necessária. Utilizar a contagem para saber quantos elementos tem um conjunto costuma referir-se como encontrar a cardinalidade do conjunto” (p.47)

A descoberta da cardinalidade e da ordinalidade também é fundamental nestas idades. De acordo com Caldeira (2009b), “para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem as actividades numéricas propostas às crianças, devem contemplar aspectos do número (cardinal e ordinal), sendo fundamental que se adequem ao



desenvolvimento da acção de contar, assim como, analisem os princípios básicos de contar” (p.61)

Criar situações em que as crianças recorrem à contagem, é, segundo Castro e Rodrigues (2008),

“um autêntico desafio e vão criando sequências próprias até conhecerem a correcta. Os termos utilizados na contagem oral são aprendidos pelas crianças em interacção com outras crianças e com os adultos. São inúmeros os jogos, as cantigas, as lengalengas, as histórias e as situações do quotidiano que contribuem para esta aprendizagem” (p.13)

Devemos apresentar atividades acima referidas, com a contagem de números, para desenvolvermos esta capacidade nelas, pois segundo o mesmo autor, “só através da criação de oportunidades em que se torne fundamental a contagem de objectos é que a criança vai sentindo a necessidade de conhecer os termos da contagem oral e de relacionar os números” (p.17)

As contagens surgem em muitas situações do quotidiano, onde as crianças em tenra idade as ouvem e tentam seguir e imitar. No entanto, devemos criar situações em que a criança possa associar essa contagem ao número, de forma a desenvolver essa capacidade, necessária para o futuro, na resolução de exercícios e problemas.

Dou por terminado o estágio em Educação Pré-Escolar, seguindo-se a 4.<sup>a</sup> Secção, referente ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.

#### **1.4. 4.<sup>a</sup> Secção – Seminário de contacto com a realidade educativa**

**Período de Estágio:** 27 de fevereiro a 2 de março de 2012

**Local:** Santa Casa da Misericórdia de Alenquer

##### **1.4.1. Caracterização da turma**

O grupo onde estive a estagiar durante este período está inserida no Ensino Pré-Escolar. Apresenta crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo por isso, designada como turma heterogénea.

Na totalidade a turma é constituída por 24 crianças, sendo 13 do género feminino e 11 do género masculino.

### **1.4.2. Caracterização do espaço**

A sala desta turma encontra-se no 1.º andar desta instituição, onde se encontram todas as outras turmas em que as crianças têm estas idades.

A sala é bastante iluminada, pois tem janelas grandes que estão sempre abertas. Para além das mesas para as crianças trabalharem, esta sala contém um canto da leitura com almofadas (em que cada criança tem a sua, devidamente identificada) e a “casinha”, onde estão guardados todos os brinquedos. Também têm uma estante com livros infantis.

A professora tem uma grande bancada com armários à volta, onde organiza o seu trabalho e prepara as suas aulas.

É um espaço bastante alegre, colorido e acolhedor.

### **1.4.3. Rotina diária**

Assim que as crianças chegam à instituição, sentam-se numa mesa do refeitório que se encontra logo à entrada da mesma. Cada mesa está destinada para uma sala. Quando a educadora responsável pelo grupo chega, as crianças fazem um comboio e dirigem-se para a sala, atrás da educadora.

Quando chegam à sala, as crianças colocam os seus pertences nos cabides, que se encontram ao longo do corredor, também estes identificados. De seguida sentam-se nas suas almofadas esperando que a educadora as oriente. Normalmente é nesta altura que a educadora se senta também na sua almofada e inicia uma conversa com as crianças.

Durante a manhã, a educadora orienta as atividades das crianças. Depois de almoço as crianças dormem a sesta e quando acordam vão lanchar. Seguidamente e até os seus encarregados de educação as irem buscar, estas permanecem no parque a brincar.

#### **1.4.4. Relatos diários**

Durante este estágio intensivo, muitas foram as atividades a que assisti, no entanto vou destacar apenas as que acho mais importantes.

No primeiro dia de estágio, as crianças dirigiram-se ao Auditório Damião de Goes de Alenquer, para verem o filme intitulado por “As *Winx*”. Visto que o auditório era relativamente perto da instituição, fomos a pé.

Numa aula de Conhecimento do Mundo, a educadora falou na habitação e as crianças tiveram de colar massas numa imagem de um prédio e de uma vivenda, trabalhando a motricidade fina. Cada criança falou da sua casa, referindo o tipo de habitação. No final, a educadora perguntou a cada criança, individualmente, o que era para ela um prédio e uma vivenda, escrevendo de seguida no trabalho de cada uma.

Num dos dias desta semana, a educadora leu o livro intitulado “O músico de Hamelin”. Explorou o mesmo, colocando música e apresentando imagens do livro. De seguida distribuiu personagens e as crianças representaram a história. Puderam vestir roupas diferentes e até se maquilharam. As crianças divertiram-se muito.

No último dia desenvolvi a seguinte atividade com a turma: após a leitura e exploração do livro “A que sabe a Lua” de Michael Grejniec, voltei a ler utilizando imagens das personagens da história. De seguida questionei cada criança sobre o que imaginava a que sabia a lua. Por fim, distribui uma folha de papel recortada em círculo, com lã presa. As crianças desenharam a que sabia a lua, na sua opinião e de seguida pendurei as luas na sala.

#### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Escolhi esta instituição pelo contacto que mantém com a Natureza. Fui acompanhada por uma colega, mas estagiámos em salas diferentes. Cumpríamos o horário das 9 horas até às 17 horas, com uma hora de almoço.

Gostei muito deste estágio, pois contactei com uma realidade educativa diferente da que estou habituada. Na formação de professores é importante que isto aconteça pois ganhamos noção das diferenças que existem entre escolas e entre grupos.

Foi muito interessante ver as respostas que as crianças davam, quando lhes era perguntado o que era um prédio e uma vivenda. A maior parte das respostas, incidiam

na experiência individual de cada criança, e referiam que era onde estava o cão, no caso da vivenda, ou onde viviam muitas pessoas, no caso do prédio. Segundo Catita (2007), a casa é a “primeira instância em que a criança se move, se desenvolve e interage. Este é o primeiro Meio Físico a ser explorado pela criança.” (p.28)

Neste grupo não se verifica grandes diferenças socioeconómicas, no entanto, o mesmo autor, alerta que “os educadores devem ter em conta que se no grupo existirem crianças de meios sócio-económicos desfavorecidos, as mesmas podem sentir-se diminuídas e envergonhadas” (p.28). Nestes casos, a educadora deve estar informada e preparada previamente.

A educadora mostrou-se sempre disponível para transmitir informação, ou algo que eu necessitasse. Gostei muito deste Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, pois pude interagir com as crianças e participar em todas as suas atividades.

## **1.5. 5.<sup>a</sup> Secção**

**Período de Estágio:** 5 de março a 27 de abril de 2012

**Faixa etária:** 7 anos / 2.º ano

**Professora Cooperante:** D

### **1.5.1. Caracterização da turma**

A turma do 2º ano é constituída por vinte e oito alunos: quinze elementos do género feminino e treze elementos do género masculino.

De acordo com as informações fornecidas pela professora é uma turma interessada e apoiada pelos familiares que se interessam pelo desempenho escolar dos seus educandos.

Os alunos são oriundos de famílias que se caracterizam, maioritariamente, entre o nível médio e o nível médio alto, em que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão.

Após uma análise global da prestação dos alunos em sala de aula, pôde-se constatar que a turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A

maioria dos alunos consegue manter a concentração da atenção, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

Um dos alunos iniciou o processo de aprendizagem da leitura e da escrita apenas o ano passado e a suas dificuldades na língua materna são notórias. Apresenta também muitas dificuldades ao nível da Matemática.

### **1.5.2. Caracterização do espaço**

A sala do 2.º ano encontra-se no 1.º andar, próxima das escadas. Esta sala faz ligação para a sala onde se encontram as fotocopiadoras e onde são concretizados os apoios ao estudo.

A sala tem bastante luminosidade, no entanto, encontram-se dois postes na mesma, que dificultam por vezes a passagem e o seu visionamento amplo.

Na figura 7 podemos visualizar uma perspetiva da sala.



*Figura 7 – Sala do 2.º ano*

### **1.5.3. Rotina diária**

O acolhimento dos alunos é realizado na roda, como todas as crianças deste Jardim-Escola, sendo que, o 2.º ano, ocupa o 5.º lugar na organização da mesma.

O recreio é pelas 11 horas, com a duração de 30 minutos, sensivelmente e, o almoço é às 13 horas. Após o almoço voltam a ter cerca de 1h 30m para brincarem mais um pouco.

#### 1.5.4. Horário da turma

Da parte da manhã, as unidades curriculares lecionadas são a Matemática e Língua Portuguesa, sendo que, as restantes, encontram-se distribuídas pela parte da tarde.

Seguidamente, no quadro 7, apresenta-se o horário da turma.

Quadro 7 – Horário do 2.º ano

2º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Educação Musical
15.20-16.10	Biblioteca/Informática 15.00 – 16.00			Expressão Artística 15.20-17.00	Educação Física
16.10-17.00	Estudo do Meio				Formação Pessoal e Social 16.30 – 17h
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

#### 1.5.5. Relatos diários

##### Segunda-feira, 5 de março de 2012

A manhã começou com a nossa apresentação à turma e à professora.

Mais tarde, depois desta dialogar com os alunos sobre o fim de semana, fizeram a correção de uma ficha de revisões de Matemática oralmente.

De seguida realizaram uma ficha de trabalho que continha uma “sopa” de números, para ser resolvida com lápis de cor.

Depois do intervalo fizeram uma ficha de Português. A professora fez um ditado de palavras e, posteriormente, exercícios de aplicação.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O facto de estar a estagiar, pela primeira vez no Mestrado, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, despertou-me muita curiosidade e interesse. Inicialmente senti algum receio pela mudança de idades, mas adaptei-me com facilidade, principalmente pela forma como a colega e eu fomos recebidas pela turma e professora.

Como já referi neste relatório de estágio profissional, a contagem, o número e a sua associação à quantidade, expressam uma grande importância ao longo da vida de um indivíduo, visto que, segundo Caldeira (2009b), “o número desempenha um papel fundamental no quotidiano, pois utiliza-se em variadas situações e as suas aplicações são inúmeras, expressando determinadas características do mundo real, em particular quantidade, ordem e medida.” (p.74)

No quotidiano surgem momentos em que necessitamos de recorrer a cálculos e, por isso, fazem parte do processo de aprendizagem nas escolas. Existem cálculos que são simples, mas outros são mais complexos e exigem mais raciocínio por parte dos alunos. Como referem Ponte e Serrazina (2000):

“certos cálculos são imediatos, ou seja, sabendo qual o valor ou os valores dados e a operação a realizar, podemos dizer logo qual é o respectivo resultado. Outros cálculos exigem um certo número de passos, tornando necessário o uso de um instrumento ou um modo de registo auxiliar” (p.48)

Segundo os mesmos autores, “o cálculo envolve sempre três coisas: (i) um ou mais objectos de partida, (ii) uma operação, (iii) e um resultado final.” (p.48)

Quando os cálculos são mais complexos, sentimos a necessidade de realizar os algoritmos das respetivas operações. Podemos definir algoritmo, como “uma sequência de passos que se segue com vista a obtenção de um certo objectivo” (p.48). De acordo com Palhares (2004), “um algoritmo é um processo sistemático e mecanizado que permite obter o resultado procurado a partir dos dados iniciais.” (p.181) e Caldeira (2009b) defende que “as técnicas que nos permitem calcular os resultados das operações são o que denominamos algoritmos.” (p.82).

No entanto, a criança, para efetuar o algoritmo da operação que necessita, deve, em primeiro lugar, compreender o significado de cada uma delas, pois tal como mencionam Ponte e Serrazina (2000), “não faz sentido tentar ensinar a um aluno um algoritmo de uma operação quando ele ainda não compreendeu o significado dessa operação como conceito matemático” (p.49)

No que se refere à adição, é normalmente distinguida por ser a operação mais fácil de ser compreendida para as crianças. Como enunciam Ruas e Grosso (2002), “a operação mais simples e simultaneamente mais frequente é a que resulta de juntar, reunir, adicionar, acrescentar ou efectuar qualquer outra acção do tipo cumulativo.” (p.74)

Na adição, segundo Ponte e Serrazina (2000), “estamos perante uma situação de combinar, quando duas ou mais quantidades são transformadas numa quantidade simples e a operação adição é usada para calcular o total” (p.145) e “os alunos devem ser incentivados a resolver situações de adição usando os seus próprios processos (...), com utilização de materiais manipulativos ou não” (p.146)

Relativamente à subtração, e tendo em conta Palhares (2004), “é a operação inversa da adição, já que na adição são dadas as parcelas e pretende-se conhecer a soma, enquanto que na subtracção é conhecida a soma e uma das parcelas e pretendemos conhecer a outra parcela” (p.183)

A multiplicação, segundo Ruas e Grosso (2002), “pode entender-se como resultante de uma série de adições em que as parcelas sejam todas iguais, ou seja, como uma soma de parcelas iguais” (p.83)

No que concerne à divisão, os autores acima referidos, defendem que “trata-se da operação inversa da multiplicação” (p.96). Esta operação exige dos alunos mais compreensão e concentração, uma vez que requer de mais passos para chegar ao resultado. Como defendem Ponte e Serrazina (2000), “o algoritmo tradicional, por ser demasiado sintético e exigir muitos cálculos intermédios não registados, é normalmente muito difícil para as crianças.” (p.154).

Numa fase de aprendizagem mais desenvolvida, devem ser ensinadas e utilizadas, as propriedades das operações, de forma a facilitarem a sua resolução. Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999), “as propriedades das operações devem ser consideradas em situações concretas, em especial a propósito do seu uso para facilitar o cálculo” (p.49)



Os cálculos das operações devem ser uma constante no quotidiano da escola, pois só com prática e compreensão, os alunos adquirem destreza mental necessária para a sua resolução.

### **Terça-feira, 6 de março de 2012**

A manhã de aulas foi iniciada com a leitura de um texto do manual de Português, intitulado “Saber dar lugar”. A professora fez a avaliação da leitura e, quando cada aluno terminava de ler, fazia a sua autoavaliação, a apreciação do seu desempenho.

De seguida, a professora explorou o texto, referindo e analisando os seguintes conceitos: poesia, estrofes, versos, tipo de rima, nomes comuns, coletivos, próprios, verbos e suas conjugações, determinantes e adjetivos.

Em Matemática realizaram uma ficha de exercícios de revisão da matéria sobre o valor absoluto e o valor relativo de um número.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Os alunos fizeram a sua apreciação do desempenho que tiveram na leitura, ou seja, a sua autoavaliação. Na minha opinião, esta é bastante importante pelas seguintes razões: o professor observa se o aluno tem consciência do seu desempenho e o aluno aprende a auto avaliar-se, de modo a ultrapassar as suas dificuldades, uma vez que será avaliado ao longo da sua vida. Desta forma, tornar-se-á um adulto mais competente profissionalmente e crescerá a nível pessoal.

Segundo Brown, Race e Smith (2000), “há muitos níveis em que pode ser utilizada a auto-avaliação, e que vão desde actividades simplesmente destinadas a promover uma aprendizagem reflectiva, a estratégias formais que permitem aos alunos uma auto-avaliação que conta para as classificações finais.” (p.134/135)

De acordo com estes autores, o professor deve ajudar os seus alunos a auto avaliarem-se, “de modo a poderem julgar a eficiência do seu próprio desempenho, estaremos a muni-los com os tipos de capacidades que vão ajudá-los à aquisição de conhecimentos ao longo das suas vidas.” (p.135).

O diálogo entre o professor e os alunos sobre os seus erros, é uma forma de tomada de consciência do certo e errado, e uma construção de aprendizagens de modo a ultrapassarem e corrigirem as suas dificuldades.

É evidente que o desempenho varia entre os alunos, e através destas reflexões, o professor deve estimulá-los para que consigam melhorar o seu percurso escolar, de forma a alcançarem os objetivos pretendidos com resultados positivos.

### **Sexta-feira, 9 de março de 2012**

Nesta manhã, até à hora do recreio, os alunos realizaram a ficha de avaliação de matemática. A professora distribuiu as fichas e, de seguida, leu todas as questões antes dos alunos começarem a resolvê-las.

Seguidamente ao recreio, a professora elaborou com a turma uma composição coletiva. Começaram por escolher o local onde se passava a história, as personagens da mesma e a situação final, ou seja, como iria terminar. A professora foi escrevendo no quadro à medida que iam criando a composição e, no fim, os alunos passaram para uma folha.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Relativamente à ficha de avaliação de matemática, quero dar importância ao facto da professora ter feito uma leitura da mesma, antes dos alunos começarem a resolver.

Muitas vezes, os alunos não fazem uma leitura atenta das perguntas, lendo apenas a parte inicial, e pensando que perceberam o que é pedido na mesma. De acordo com Meirieu (1998):

“a criança pára muitas vezes numa palavra ou numa expressão anedótica, interpreta ao contrário um ou outro termo, liga esta ou aquela questão a uma coisa que sabe fazer, mas que não é o que se lhe pede, interrompe a leitura quando encontra um termo familiar e deixa-se levar por ele, sem ir até ao fim do enunciado, num trabalho inútil, ou errado.” (p.69)

Devemos apelar aos alunos que façam uma leitura atenta das perguntas, dando tempo para lerem, de forma a tornar-se um hábito. Muitas vezes, por distração, os

alunos respondem incorretamente a perguntas que sabem responder, pelo facto de não terem feito uma primeira leitura adequada.

### **Segunda-feira, 12 de março de 2012**

A professora começou por dialogar com os alunos sobre o fim de semana.

De seguida, fizeram a correção de uma ficha de revisões de Português, onde os seguintes temas foram abordados: família de palavras, área vocabular, conjugações, verbos, adjetivos, determinantes, grau dos nomes e divisão silábica. Esta ficha foi levada pelos alunos como trabalho de casa e, quem não a trouxe, fez uma cópia de um texto.

Na área de Matemática, utilizaram o material Calculadores Multibásicos para fazerem leitura de números e, por fim, realizaram uma ficha de trabalho sobre o mesmo conteúdo.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A marcação de trabalhos de casa é uma forma de desenvolver nos alunos o sentido de responsabilidade e obrigação pela tarefa que têm de fazer e, para além disso, eles voltam a contactar com a matéria que foi lecionada. Segundo Meirieu (1998), os trabalhos de casa podem ser “menos numerosos, mais objectivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal” (p.14).

Por vezes, os trabalhos de casa, poderão ajudar os alunos a perceberem e tomarem consciência se entenderam os conhecimentos transmitidos e necessários para a resolução dos mesmos.

Segundo Meirieu (1998), “se os professores (...) tiverem o hábito de ensinar aos alunos, na aula, como se estuda uma lição, como se faz um exercício, (...), os trabalhos de casa são sempre necessários” (p.14)

Para Sanches (2001), deve-se “marcar trabalhos de casa que tenham significado para os alunos, se houver hipóteses de serem feitos.” (p.106)

Assim sendo, os trabalhos de casa têm muitas vantagens para os alunos, desde que sejam marcados com moderação, e não esquecendo que para além da escola, as crianças precisam de brincar e descontraír.

Gostei bastante de ver o material Calculadores Multibásicos, no entanto este será referido num relato posterior.

### **Terça-feira, 13 de março de 2012**

Nesta manhã os alunos realizaram a ficha de avaliação de Português.

Depois do recreio, os alunos resolveram uma ficha de Matemática com exercícios de cálculo, de forma a contextualizar e relembrar a matéria anteriormente dada. Quando a terminaram, fizeram a tabuada do 8.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na minha opinião, quando o professor leciona uma matéria ou um conteúdo novo, deve contextualizar esse conhecimento com uma ficha de trabalho ou uma atividade, onde os alunos possam aplicar o que aprenderam.

Segundo Sanches (2001), depois da matéria lecionada, devemos “fazer a síntese do que foi feito e retomar na aula seguinte.” (p.102) pois nem tudo o que é abordado interessa e devemos separar “o essencial do acessório, embora também muito importante para a necessária contextualização” (p.102).

Aplicar os conhecimentos e a matéria lecionada em exercícios práticos também é uma forma dos alunos consciencializarem-se da importância do conteúdo abordado e, por vezes, são nestas situações que muitos deles compreendem e percebem aquilo que foi dado em sala de aula.

### **Sexta-feira, 16 de março de 2012**

Esta manhã de aulas estava programada para uma colega a orientar.

Começou por lecionar a área de Estudo do Meio, com o tema o Sistema Solar, através de uma apresentação em *Powerpoint*. Ao longo da aula abordou todos os planetas referindo as características mais importantes dos mesmos como também a sua localização no Sistema Solar.

No entanto, uma professora da Equipa de Supervisão interveio na sala para essa mesma colega dar uma aula surpresa, onde trabalhou a leitura de números e iniciação à multiplicação com o material *Cuisenaire*.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Para iniciar a multiplicação, a minha colega começou por fazer leitura de números, de forma a relembrar os valores das peças e a forma como podemos representar valores superiores a 10 unidades. Segundo Caldeira (2009b), “a criança para compreender o conceito de número e o valor de posição no sistema indo-árabe de numeração pode representar à sua frente, com as peças de Cuisenaire, números superiores a 10 unidades” (p.157).

Através da leitura de números e, conseqüentemente, da posição das peças, a criança vai desenvolver a lateralização pois, de acordo com a autora acima referida, “ao manipular e ordenar as peças, a lateralização é trabalhada e a noção de ordem e de classe vai sendo construída” (p.157).

Na iniciação da multiplicação, Caldeira (2009b), refere que “como regra diremos que estas actividades têm que ter sempre a utilização de peças com cores iguais, pois só assim a soma se pode transformar em multiplicação” (p.146), ou seja, as peças são unidas na extremidade e têm de ser da mesma cor, pois só assim conseguiremos passar de uma adição para uma multiplicação, repetindo as peças apresentadas.

### **Segunda-feira, 19 de março de 2012**

Nesta manhã, a colega continuou com a sua aula de sexta-feira que não tinha terminado.

Ainda referente à área de Estudo do Meio, foi feita uma breve revisão dos conteúdos da aula anterior. De seguida, resolveram uma ficha de trabalho, em que

colocaram os planetas colados no local correto, tendo em conta a sua posição no Sistema Solar.

Na área de Português a minha colega deu os graus dos adjetivos, utilizando o tamanho dos planetas para fazer comparações.

Antes do almoço, a turma dirigiu-se para o ginásio, para assistirem à apresentação dos livros da escritora Sílvia Alves.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Quando iniciamos uma nova aula com novos conteúdos, deve ser feita uma revisão dos que foram anteriormente lecionados.

Segundo Meirieu (1998), uma revisão produtiva “é reconstruir e não simplesmente uma tentativa para recordar conhecimentos anteriormente adquiridos.” (p.82) pois, de acordo o mesmo autor, “se quisermos fazer uma revisão eficaz, é preciso reformular todo o material, voltar a trabalhá-lo, vertê-lo para uma forma diferente, transpô-lo para novos códigos, resumindo, fazer dele algo de novo para o poder trabalhar.” (p.82)

Este autor, também defende que a revisão pode ser de três tipos diferentes: “uma memorização activa e sistemática dos conteúdos adquiridos, um inventário e o aprofundamento dos pontos mais delicados e uma passagem exaustiva de toda a matéria” (p.81).

Como estagiárias, é importante recordarmos com os alunos as matérias anteriormente lecionadas, quer por nós ou pela professora titular da turma, pois faz com nos aproximemos deles e dos seus interesses. É uma forma das crianças perceberem que damos importância àquilo que aprendem e estamos atentas ao seu percurso escolar.

### **Terça-feira, 20 de março de 2012**

Esta manhã de aulas foi orientada por mim. Iniciei-a fazendo uma revisão da matéria dada pela minha colega, criando uma ligação entre ambas uma vez que o tema de Estudo do Meio estava relacionado: as fases da Lua.

Comecei por dialogar com a turma sobre a forma como vemos a Lua à noite, se emite luz própria, etc.. definimos o nome de cada fase da lua e apresentei a imagem das mesmas. Com o planeta Terra e com o seu satélite natural, expliquei porque é que existiam as fases da Lua. Também fiz referência ao impacto que esta tem nas marés e na gravidez. De seguida, a turma realizou uma ficha de trabalho, que foi corrigida, e por último lemos a ficha informativa em conjunto.

Visto que o último assunto a ser analisado foi um calendário, fiz ligação com os meses, os dias e por fim as horas (tema da aula que se seguia).

Na disciplina de Matemática, comecei por colocar no quadro um relógio e perguntei quantas voltas tem de dar o ponteiro das horas, para obtermos 24 horas que representam a duração de um dia. Diferenciei o período da manhã e o período da tarde e a forma como os distinguimos. De seguida distribui um relógio a cada dois alunos e um saco com algarismos móveis para identificarem as horas. Coloquei cartões no quadro que diziam as horas por extenso e, os alunos, com o seu relógio, colocaram as horas indicadas no cartão, repetindo várias vezes o exercício. Na figura 8 encontra-se um dos relógios usado na aula.

Depois do recreio, lecionei a área de Português com o tema “a Notícia”. Falei sobre a forma como podemos saber as notícias (rádio, jornal, televisão, boca a boca, etc.). Apresentei uma fotografia de um jornal antigo e de um atual para verem as principais diferenças. Expus as diferentes partes da notícia (título, *lead* e corpo da notícia) e, de seguida, realizei uma proposta de trabalho que foi resolvida em conjunto com a turma. Lemos a ficha informativa e por fim realizaram, em grupos, uma notícia original que foi redigida novamente a computador e colocada no quadro de cortiça da sala.



Figura 8 – Relógio usado em Matemática

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Ao distribuir um relógio para dois alunos promovi o trabalho em grupo, pois desenvolve a capacidade de organização, de estruturação, distribuição de tarefas, socialização e respeito pelos colegas.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), os trabalhos de grupo beneficiam as crianças em múltiplas maneiras, tais como: “desenvolvem competências necessárias para a sociabilidade e para a intimidade, intensificam relações sociais e adquirem um sentimento de pertença. Estão motivadas para a realização e atingem um sentido de identidade. Aprendem competências de liderança, comunicação, cooperação, papéis e regras.” (p.484)

Assim sendo, de forma a coordenarem corretamente o trabalho de grupo, necessitam de recorrer a diferentes etapas e procedimentos importantes. De acordo com Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1998), a lista de orientações para o bom funcionamento de trabalho de grupo é a seguinte:

- “1. Eleger um moderador que tenha a capacidade de coordenar e organizar o funcionamento do grupo;
2. Proceder à distribuição das tarefas a executar, de preferência de acordo com os interesses individuais de cada membro do grupo e estabelecer a calendarização;
3. Seleccionar os materiais e fontes de informação necessários de acordo com o tema e o objectivo do trabalho;



4. Proceder à concretização das tarefas individualmente estabelecidas;
5. Reunir e organizar os materiais produzidos individualmente, os quais depois de sujeitos a discussão e debate por parte de todos os elementos do grupo, constituirão a base do trabalho, de realização do produto final;
6. A última etapa deverá ser a reflexão conjunta sobre o funcionamento do grupo, com vista ao aperfeiçoamento dos processos de trabalho e crescimento dos elementos do grupo enquanto indivíduos e parceiros.” (p.111)

Para além disto, os alunos trocam conhecimentos e vivências entre eles, proporcionando uma aprendizagem mais vasta. Também é uma forma de avaliarem o seu próprio trabalho e tomar consciência se os objetivos foram ou não cumpridos.

Esta aula correu muito bem, quer pela forma como foi conduzida, quer pelo material utilizado. Os alunos estiveram sempre interessados e colaboraram para o bom funcionamento da aula. Considero que tive um bom desempenho.

### **Sexta-feira, 23 de março de 2012**

Hoje foi a vez da colega lecionar a sua manhã de aulas.

Na área de Estudo do Meio abordou com os alunos o seguinte tema: o dia e a noite. Começou por explicar o movimento que a Terra faz em torno do Sol e em torno de si mesma (movimento de translação e rotação). Na área de Matemática deu situações problemáticas com as horas. E, por fim, na área de Português fez a exploração de um texto.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Durante toda a aula a indisciplina esteve presente, não conseguindo manter o comportamento correto dos alunos. A colega mostrou-se, ao longo da manhã, bastante insegura e com um comportamento pouco adequado. Isto levou a que o comportamento dos alunos também estivesse alterado, correspondendo às atitudes da minha colega.

Segundo Carita e Fernandes (1999), “a indisciplina perturba os professores, afecta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar” (p.15). O docente deve combater o mau

comportamento dos seus alunos, através de estratégias bem definidas por ele e desde cedo. Quando se verifica indisciplina nos alunos, automaticamente irá perturbar o trabalho do professor e o seu estado emocional.

O comportamento do professor é muito importante para manter a disciplina na sala de aula, pois segundo os autores atrás referidos, os comportamentos do professor em sala de aula, influencia o desenvolvimento dos alunos e o seu poder de modelagem.

### **Terça-feira, 10 de abril de 2012**

Esta manhã de aulas foi da responsabilidade da colega. Começou por dialogar com a turma sobre as férias. Informou os alunos que ao longo da manhã ia mandar pistas para no fim da mesma adivinharem o desafio pretendido.

Na área de Português, realizou uma composição coletiva. Através de umas cartas divididas em categorias (local, tempo, personagens, etc.), pediu aos alunos que retirassem uma de cada, para contextualizarem a composição. Esta tinha de ser enquadrada e baseada nos seguintes parâmetros: personagens seriam a bruxa, o rei e a rainha num reino longínquo, referindo a existência de um barco e tendo como palavra-chave “vontade”.

Na aula de Matemática deu a divisão com dois algarismos no divisor. Começou com uma divisão mais fácil (com um algarismo no divisor) e foi aumentando o grau de dificuldade. Para tal, e de forma a facilitar a operação, utilizou material manipulável.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega apresentou uma caligrafia pouco perceptível, o que dificultou a concentração da atenção dos alunos e levou a que estes perguntassem, constantemente, o que estava escrito no quadro.

Como futuras professoras, devemos ter em atenção à forma como escrevemos, e à perceção da nossa letra. Quando escrevemos no quadro, esta deve ser de dimensões e formas adequadas. Uma caligrafia pouco compreensiva leva a que os alunos questionem e interrompam a aula. Segundo Rebelo (1993), a caligrafia “tem relação com a leitura,

na medida em que é um processo inverso ao desta: consiste em codificar a linguagem, por meio de sinais gráficos” (48).

Não sendo apenas uma questão de percepção, a caligrafia também pode suscitar nas crianças mais ou menos interesse por aquilo que estão a ler. No caso dos manuais, o tipo de letra usado é muito importante para atrair a criança.

### **Sexta-feira, 13 de abril de 2012**

Nesta manhã, lecionei as três áreas curriculares, em 60 minutos.

Na área de Português dei como tema “a carta”. Dialoguei com a turma sobre a forma como podemos comunicar com as pessoas até chegar ao tema pretendido. Apresentei uma carta de grandes dimensões que estava num envelope de feltro. A carta foi colada no quadro e depois da sua leitura, referi as partes constituintes da mesma.

Na aula de Estudo do Meio, tive como tema “os países da União Europeia”. Inicialmente expliquei em que consistia esta organização/grupo de países e de seguida indiquei a localização dos mesmos no mapa da Europa.

Para a área de Matemática usei um material com o qual nunca tinha trabalhado - o 5.º Dom de Froebel. Com este material, realizei a construção do centro comercial, contextualizando com uma história e, a partir da mesma, com dinheiro manipulável (moedas e notas plastificadas), representámos 15€ das várias formas possíveis. Esta aula teve como objetivo encontrar diferentes formas de representarmos diferentes valores, neste caso, monetários.

Posteriormente à minha aula, mas continuando com o mesmo material, uma das colegas deu a aula surpresa, fazendo a construção do colégio.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Foi a primeira vez que trabalhei com o 5.º Dom de Froebel. Este material, tal como refere Caldeira (2009b), “é composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos” (p.292).

Como indica a mesma autora, este material tem interesse pedagógico, pois desenvolve vários conteúdos, tais como: “equilíbrio, lateralidade, noção espacial,

contagem, raciocínio lógico, cálculo mental, números racionais, situações problemáticas, construções e criatividade” (p.302).

Este material é maioritariamente usado para a aprendizagem inicial de frações, no entanto, usei-o como outro fim, apenas de contextualização para o que seria abordado posteriormente.

Mesmo sendo a primeira vez que trabalhei com este material, gostei bastante pois fiz algumas pesquisas previamente e preparei-me para a aula, de forma a sentir-me segura.

## **Segunda-feira, 16 de abril de 2012**

Para esta manhã estava programada a minha aula assistida pelas professoras da Equipa de Supervisão.

Iniciei-a pela área de Português, com o tema “onomatopeias”, fazendo a seguinte atividade: distribui cartões com expressões (onomatopeias) a metade da turma e cartões com imagens, que representavam/identificavam sons, aos restantes alunos. Fizeram correspondência entre ambos da seguinte forma: os alunos que tinham o cartão com sons, reproduziam-nos, e o aluno que tivesse a imagem correspondente tinha de mostrar o seu cartão. No fim referi que damos o nome de onomatopeias a todas aquelas palavras, pois representam o som que algo ou alguém produz.

De seguida, na área de Estudo do Meio levei o pássaro do amor e dialoguei sobre o mesmo, referindo algumas características importantes através de imagens de grandes dimensões.

Na aula de Matemática, distribui imagens de pássaros plastificados a cada aluno e fizemos combinações com pássaros de diferentes cores, dependendo do exercício e do objetivo que ia propondo aos alunos.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A minha aula durou o tempo previsto, no entanto, houve um desequilíbrio com a duração de cada área. Segundo Arends (2008), “a gestão do tempo de aula é uma tarefa

difícil e complexa para os professores, embora aparentemente pareça ser um assunto simples e directo” (p.124).

A duração de uma aula não depende apenas do professor mas também do ritmo de trabalho de cada criança, do seu nível de desenvolvimento e da participação de cada uma na mesma. É mais fácil para o docente da turma prever um tempo para determinada aula/atividade, do que para uma aluna estagiária, pois o primeiro conhece a sua turma e sabe o tempo que precisa para cumprir com o seu objetivo.

De acordo com o mesmo autor, por vezes os professores em início de carreira, “dão por si a ensinar os tópicos no mínimo tempo possível para cobrir o conteúdo previsto” (p.125).

Mais importante do que o tempo que dispomos para cada atividade, é essencial que tenhamos a certeza que os nossos alunos compreenderam o conteúdo transmitido e o apliquem de forma correta.

Fiquei desapontada com a minha prestação, mas fez parte da minha formação e será uma aprendizagem para as aulas futuras.

### **Terça-feira, 17 de abril de 2012**

O mais relevante deste dia foi a aula do Clube de Ciências. O professor iniciou a aula, lançando a seguinte questão problema à turma: “Porque nos desequilibramos?”.

O professor distribuiu os protocolos a cada criança e uma ficha onde puderam registar o que achavam que ia acontecer, ou seja, as suas conceções alternativas.

De seguida, cada aluno leu os materiais que eram necessários e os procedimentos a seguir. O professor ia fazendo à frente da turma e, no fim, todas as crianças agruparam-se 4 a 4 e foram ver o resultado.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O ensino das Ciências faz parte do quotidiano das aprendizagens das crianças, quer na educação Pré-Escolar quer no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Devemos levar os alunos à descoberta do mundo que os rodeia e da intervenção que a sociedade deve ter. Segundo Pereira (2002), “o contacto com a ciência pode

contribuir para o desenvolvimento e a maturação das capacidades intelectuais da criança” (p.35).

Quando lecionamos uma aula de ciências, devemos pôr em prática as concepções alternativas de cada aluno, ou seja, questionar o que estes acham que vai acontecer ou a razão pela qual acontece. Por exemplo, na aula que pude observar o professor questionou as crianças perguntando qual a razão de nos desequilibrarmos. Isto leva a que os alunos construam um seguimento nas suas mentes que os leve a uma resposta, mesmo que não seja a correta. Por outro lado, os alunos adquirem a capacidade de escolher respostas relevantes e concretas. De acordo com o mesmo autor “as hipóteses, mesmo precárias, constituem um quadro conceptual que permite escolher os dados relevantes, seleccionar dados adicionais a procurar e conferir significados a esses mesmos dados e observações.” (p.25).

Segundo Williams, Rockwell e Sherwood (1995), “ao estimularmos a curiosidade e a criatividade, estimulamos a investigação e a aprendizagem progressivas.” (p.32).

Antes mesmo de se concretizar a experiência é importante que o docente ouça cada concepção alternativa e debata sobre cada uma delas, tendo em conta a opinião dos alunos. Isto leva a que crie nas crianças curiosidade pela atividade experimental de forma a encontrarem a resposta para os acontecimentos e suas dúvidas.

### **Sexta-feira, 20 de abril de 2012**

À semelhança do que já aconteceu no Pré-Escolar, hoje foi o dia dos pais. Como é habitual nestas datas previamente estabelecidas, os pais passam a manhã na escola com os filhos, e estão presentes em todas as atividades/aulas programadas.

A professora iniciou a manhã por trabalhar com o material Pentaminós. Explicou o nome do material, associando o dominó (duas peças) ao pentaminó (cinco peças). Numa folha os alunos fizeram a planificação de duas peças separadas e pintaram. Cada unidade de área tinha 5 quadrículas. Na parte de trás da folha montaram uma figura com 10 unidades de área (duas peças) e fizeram a sua planificação e pintaram.

De seguida, a turma foi para a sala de multiusos para terem Expressão Plástica, onde realizaram a dobragem da baleia em *origami*. A professora explicou a história do

*origami* e quando as dobragens ficaram prontas colaram numa cartolina com o mar desenhado por baixo.

Depois do intervalo os alunos foram assistir a uma peça de teatro (monólogo) sobre o livro “Sobe e Desce”.

Quando foram para a sala terminaram o trabalho de matemática. De seguida cantaram a seguinte música para os pais: “Ser poeta”, letra de Florbela Espanca.

Para terminar falaram sobre as onomatopeias e as palavras onomatopaicas. Os pais leram o livro “As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da Senhora Adriana”, escrito pela autora Rosário Alçada Araújo. Os alunos iam escrevendo na ficha formativa os sons que ouviam na história com a ajuda dos pais.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Foi a primeira vez que esta turma trabalhou com este material de Matemática. Como refere Caldeira (2009b), “os poliminós são figuras geométricas formadas a partir da justaposição de quadrados iguais, ligados entre si, de modo que pelo menos um lado coincida com outro lado de outro quadrado” (p.423).

Também segundo esta autora, os poliminós “permitem desenvolver o raciocínio lógico-educativo através de diversas actividades” (p.423)

Nesta aula, os alunos realizaram atividades com áreas e indagaram o número de formas distintas que se podem obter a partir de um determinado número de peças.

Também quero reforçar a importância dos origamis. Através de uma folha de papel, podemos transpor para o meio artístico. Segundo Robinson (2006), o origami “permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão artística” (p. 6).

Estes proporcionam momentos de criatividade e desenvolvem a motricidade fina da criança através da dobragem do papel. De acordo com o autor acima referido, “dobrar é um gesto comum na vida do dia-a-dia, no origami, a dobragem necessita de ser muito mais controlada e precisa. Todos os vincos são importantes, especialmente o primeiro.” (p.10).

Uma dobragem de origami pode ser inserida em qualquer contexto de sala de aula e permite fazer interdisciplinaridade entre as áreas curriculares.

Desta forma decorou-se a sala de aula com os trabalhos das crianças, o que as deixou muito orgulhosas.

## **Segunda-feira, 23 de abril de 2012**

Hoje assisti à aula programada/avaliada de uma colega que está a estagiar na outra sala do 2.º ano.

Ao longo da aula, a colega foi inserindo os meios de comunicação (tema da aula de Estudo do Meio). Na área de Matemática deu os sólidos geométricos (poliedros e não poliedros) e em Português realizou um jogo sobre os verbos.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega levou sólidos geométricos para todos os alunos, o que permitiu que cada um pudesse manusear o seu sólido e tomasse consciência das suas características. Segundo Grosso (2004), os sólidos geométricos “ocupam um determinado espaço, possuem uma determinada forma.” (p.141)

Os sólidos que foram distribuídos pelos alunos distinguiam-se não só pelo número de arestas, vértices e faces mas por serem poliedros e não poliedros. De acordo com o mesmo autor, entende-se “por poliedro qualquer sólido exclusivamente limitado por superfícies planas” (p.141).

Através do material os alunos puderam diferenciar o significado de sólidos poliedros e não poliedros, o que facilitou a compreensão do mesmo ao verem no concreto.

A aula de Estudo do Meio e de Português tiveram um encadeamento lógico e considero que a colega teve um bom desempenho.

## **Terça-feira, 24 de abril de 2012**

Nesta manhã a colega deu aulas. Começou por fazer uma revisão da aula em que abordaram a importância do ponto de interrogação, para dar os sinais de pontuação, na área de Português. Foi dialogando com a turma sobre os sinais à medida que ia colocando no quadro.

De seguida leu um texto de uma história intitulada “O ponto final”, de António Torrado.



Na área de Estudo do Meio falou sobre os meios de comunicação (pessoais e sociais). Distribuiu uma ficha formativa onde os alunos colaram os meios de comunicação no sítio correto.

Na área de Matemática trabalharam o perímetro e as medidas de comprimento com o material *Cuisenaire*.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A minha colega ensinou os sinais de pontuação através da exposição de imagens de grandes dimensões e coloridas. Desde cedo que as crianças, na leitura, têm contacto com os sinais de pontuação e ao interpretarem um texto, estes têm um papel fundamental para a sua compreensão. Segundo Jucquois (1998), “a pontuação de um texto deve fazer ressaltar as ideias pondo em evidência as divisões do texto e a ligação entre os diversos elementos.” (p.82).

A aula de Estudo do Meio e de Matemática foi bem conseguida, os alunos estiveram atentos e empenhados e a colega conseguiu manter a disciplina.

### **Sexta-feira, 27 de abril de 2012**

Na primeira parte desta manhã, uma colega deu aula de Matemática. Utilizou o material Pentaminós, e através do mesmo desenvolveu o cálculo do perímetro. De seguida distribuiu uma ficha de trabalho com exercícios sobre o tema.

Posteriormente ao intervalo, lecionei uma aula de Português – os graus dos adjetivos. Apresentei imagens coloridas que foram a base para construir frases com diferentes graus dos adjetivos. Quando terminei, os alunos realizaram uma ficha de trabalho.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega trabalhou o perímetro com um material que os alunos não estavam habituados a manipular. Na minha opinião esse facto foi muito importante, pois

diversifica as ferramentas em sala de aula e permite a tomada de consciência sobre o cálculo do perímetro de uma forma mais diferenciada.

A minha aula foi um pouco expositiva devido ao tema. No entanto, a utilização de imagens apelativas fez com que os alunos estivessem interessados e empenhados. De seguida, puderam aplicar na ficha de trabalho, os conhecimentos aprendidos.

## **1.6. 6.ª Secção**

**Período de Estágio:** 8 de maio a 27 de junho de 2012

**Faixa etária:** 6 anos/ 1.º Ano

**Professora Cooperante:** P

### **1.6.1. Caracterização da turma**

A turma do 1.º ano é constituída por 27 alunos: 13 elementos do género feminino e 14 elementos do género masculino.

No início do ano letivo 13 alunos não tinham completado os 6 anos de idade.

Segundo a professora, esta turma é um pouco agitada, mas com persistência é possível manter a disciplina na sala de aula.

### **1.6.2. Caracterização do espaço**

A sala do 1.º Ano localiza-se junto ao salão e ao refeitório.

As janelas desta sala estão viradas para a parte frontal do jardim-escola.

O interior da sala não é muito espaçoso mas contém os materiais necessários para o bom funcionamento das aulas. Numa das paredes, estão colocados os cabides e do lado oposto encontram-se os armários de arrumação. Junto ao quadro de giz, existe uma plataforma de madeira para elevar quem está no quadro e, assim, possibilita uma melhor visão por parte das crianças que estão mais afastadas do mesmo.

Na Figura 9, está apresentada a sala do 1.º Ano.



Figura 9 – Sala do 1.º Ano

### 1.6.3. Rotina diária

A rotina diária do 1.º Ano é idêntica à da turma do momento de estágio anterior e, dessa forma, não é pertinente estar a repetir.

### 1.6.4. Horário da turma

No quadro 8 encontra-se o horário da turma.

Quadro 8 – Horário do 1.º ano

1º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10.00-10.50					
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30 -12.00					Matemática
12.00 – 13.50	Matemática	Português	Matemática	Português	Educação Musical 12.10 – 13.00
	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Inglês	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio		Matemática
15.20-16.10	Expressão Artística	Estudo do Meio		Estudo do Meio	Estudo do Meio
16.10-17.00		Biblioteca/Informática 16.00-17.00	Formação Pessoal e Social		Educação Física
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

### **1.6.5. Relatos diários**

#### **Segunda-feira, 30 de abril até segunda-feira, 7 de maio de 2012**

Durante este período de tempo, estive na viagem de finalistas à Tunísia. Durante esta viagem tive a oportunidade de conhecer uma cultura diferente da nossa e, principalmente, de contactar com o método de ensino desse país. Para além de muitos interesses turísticos que esta viagem proporcionou, também nos foi possível visitar duas escolas, ambas em Hammamet. As realidades educativas são bastante diferentes e foi muito interessante poder conhecer e refletir sobre cada uma.

Nas salas em que estive presente, o professor responsável pela mesma explicou algumas atividades praticadas e alguns métodos usados no processo de aprendizagem das crianças. Entre elas destaco a aula de Língua Árabe, a aula de Língua Francesa e Informática.

Para além das visitas às escolas, visitámos também vários pontos culturais de grande interesse, tais como: as Ruínas Romanas de Douga, o Coliseu Romano de El Jem, o Museu do Bardo em Tunis, a cidade de Cartágo e o deserto do Sahara.

#### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Como futura educadora e professora tenho bastante interesse em conhecer realidades educativas diferentes e refletir sobre cada uma delas. É importante termos consciência das diferenças que existem entre algumas culturas, e criarmos a nossa opinião.

Tendo em conta a minha futura profissão, posso ter alunos oriundos de outros países e é muito pertinente ter um vasto conhecimento de realidades diferentes, pois neste caso, serão importantes para o processo de aprendizagem e adaptação desses alunos. O professor deve ser culto e gostar de estar sempre atualizado e informado.

**Terça-feira, 8 de maio de 2012**

Neste dia, os alunos fizeram a ficha de avaliação da área de Português.

Posteriormente ao reforço da manhã, uma estagiária realizou a seguinte experiência: “Podemos encher um balão sem usarmos o ar dos pulmões?”.

A minha colega realizou a atividade experimental à frente dos alunos, e estes seguiram os procedimentos através do protocolo e concretizaram com o seu próprio material.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega, ao longo da atividade experimental, não apelou à opinião dos alunos, relativamente ao que poderia acontecer no fim da experiência, ou mesmo como poderíamos provar que podemos encher um balão sem usarmos o ar dos pulmões, ou seja, não apelou às concepções alternativas dos alunos. O docente deve estar consciente dos conhecimentos que os seus alunos adquirem, de forma a organizar a construção e as etapas a seguir nas suas aulas. Segundo Pereira (2002), “cabe ao professor justamente procurar saber quais os conhecimentos da criança e tomar esses conhecimentos como o ponto de partida para a construção e aquisição de novos conhecimentos” (p.76).

O professor deve apelar ao conhecimento prévio das crianças, fazendo-lhes questões pertinentes e forçar o pensamento das mesmas, revelando as opiniões acerca da atividade. Devemos incentivar os alunos e transmitir-lhes curiosidade e motivação sobre o tema em questão.

As concepções alternativas têm um papel fundamental na aquisição das competências anteriormente referidas. Segundo Costa, Garcia, Gameiro e Terça (1997), as estratégias para modificar as concepções alternativas dos alunos são as seguintes:

1. Procure saber quais são as concepções que os alunos já têm sobre um determinado fenómeno; o que é que eles pensam que está a acontecer, por que razão e que palavras é que eles utilizam para explicar ou descrever a situação;
2. Leve as concepções dos alunos a sério; dê-lhes oportunidade para experimentarem as suas próprias ideias, deixando-os pôr em prática as suas investigações;
3. Através de um debate, leve os seus alunos a encontrarem uma razão para as suas próprias ideias;

4. Organize uma discussão com toda a turma de forma a que surjam as diferentes concepções sobre um mesmo fenómeno ou situação;
5. Possibilite que os alunos tomem conhecimento de ideias diferentes das suas;
6. Forneça-lhes uma visão científica dos mesmos fenómenos ou situações como uma ideia com tanto valor como qualquer outra; não insista dizendo que é a «correcta», e deixe-os explorá-la, promovendo investigações para testar o seu valor;
7. Sugira-lhes novos problemas no sentido de os levar a usar novas ideias para os desenvolver. (p.11)

Ao apelarmos as concepções alternativas dos alunos, estamos a organizar o seu pensamento, partindo daquilo que eles consideram verdade, até à tomada de consciência de como realmente acontece. Na aula observada, a colega apenas realizou a experiência. Não teve a preocupação de perceber o que as crianças sabiam e, a partir daí, explorar toda a atividade consoante os seus conhecimentos. Com a recolha das concepções alternativas, os alunos podem ficar curiosos pelo tema da aula ou até mesmo por temas que possam surgir ao longo da mesma.

### **Sexta-feira, 11 de maio de 2012**

Neste dia a professora deu uma aula com o material Calculadores Multibásicos. Começou por distribuir uma caixa por cada duas crianças. Trabalharam a leitura de números inteiros apenas com uma placa.

A professora começou por fazer o ditado das peças e fizeram a leitura da placa por cores. A professora pediu a uma criança para ir representar o número ao quadro. Fizeram a leitura por ordens e por classes e decomposição de números. Referiram quais os algarismos de maior e menor valores absolutos e maior e menor valores relativos. Identificaram o algarismo da ordem das dezenas de unidades e das unidades de milhar.

De seguida realizaram uma ficha formativa de Matemática sobre o mesmo tema, de forma a consolidar aquilo que tinham trabalhado.

Depois do intervalo, a professora leu a história “A menina verde”, da autora Luísa Ducla Soares e realizaram uma proposta de trabalho que consistia em escrever frases que comesçassem por “Se eu fosse verde...”. Por fim, fizeram o desenho da respetiva frase.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Uma vez que os temas desta aula serão abordados posteriormente neste relatório de Estágio Profissional, inseridos noutras aulas, quero referir a importância da partilha do material.

Uma vez que não se justifica cada criança ter o seu material para trabalhar, podemos apelar ao sentimento de partilha, ajuda e cooperação para com o próximo. Como defende Alcántara (1998), devemos ensinar valores às crianças e, no caso da partilha, “dar o que se tem a quem o necessita. Partilhar os nossos bens de todo o género com o próximo: a nossa informação, os conhecimentos e o apoio moral, o nosso tempo livre, os livros, a comida, o dinheiro, etc.” (p.66).

De acordo com este autor, existem três etapas a seguir para transmitirmos valores aos nossos alunos. Em primeiro lugar devemos incentivar a motivação, pois “as atitudes crescem, ligam-se a nós, arraigam-se e consolidam-se pela força do desejo e na proporção directa da intensidade do nosso afã e interesse.” (p.12) e através desta motivação e desejo, “a necessidade sentida e os estímulos constituem a energia imprescindível que nos leva a tomar as atitudes.” (p.12).

A segunda etapa baseia-se na imitação. Nós somos o modelo delas e se tivermos atitudes corretas, mais facilmente elas também as terão. Segundo o autor, “as atitudes são adquiridas pela imitação de modelos. Este é um método educativo tradicional, mas que nas últimas décadas foi retomado numa forma científica e sistemática. Em muitos aspectos o estudo é incipiente e em alguns casos inédito.” (p.20).

Por último, devemos por a teoria em prática e atuar. Tal como refere o autor, “a aprendizagem de condutas não se atribui ao processo evolutivo do educando, mas a conjuntos de respostas, de actuações. A acção é a suprema transformadora das pessoas.” (p.27). Estes valores não se reflectem apenas num ato ou numa atitude mas sim em várias e ao longo da nossa vida, pois “as atitudes geram-se pelos actos do sujeito. Não se geram por um único acto, mas por muitos.” (p.27).

A transmissão de valores faz parte da educação das crianças e, como tal, é nosso dever criar momentos de partilha em sala de aula e diálogos sobre a opinião de cada uma, relativamente à forma como lidamos com o próximo.

**Segunda-feira, 14 de maio de 2012**

Neste dia lecionei a minha primeira manhã de aulas nesta turma. Comecei com a área de Estudo do Meio, onde abordei as características do planeta Terra e algumas curiosidades acerca do mesmo. Usei o *Powerpoint* para apresentar várias imagens e, ao mesmo tempo, explicava e explorava as mesmas.

De seguida realizei uma composição coletiva com os alunos. De forma a ajudar e conduzir o pensamento dos mesmos, apresentei um documento em *Word* que continha imagens num esquema por etapas. Os alunos iam dizendo as suas ideias e, em conformidade, com essas imagens e etapas escolhíamos a que se adequava melhor ao tema e escrevia nesse mesmo documento que estava projetado no quadro.

Depois do reforço da manhã, trabalhei a noção de metade, em Matemática. Inicialmente realizei, mentalmente, alguns cálculos com a turma e de seguida distribui foguetões em papel plastificado para que as crianças pudessem concretizar os cálculos no concreto.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O meu primeiro comentário sobre a aula vai para o facto de não ter estabelecido regras de sala de aula. Não falei sobre a disciplina e não soube gerir esse facto.

De acordo com Amado (2000), devemos ser persistentes nas regras que estabelecemos, principalmente nas primeiras vezes que lidamos com a turma. Este é um trabalho que necessita de muito empenho, pois é através das rotinas que “procura-se um meio mais fácil de inculcar normas e valores inerentes à ordem social que o professor quer ver implantada na aula.” (p.99).

Garantir o bom funcionamento das aulas e manter a disciplina deve ser um dos objetivos do professor. Aprendi muito com esta situação apesar de não ter conseguido lecionar as minhas aulas como tinha planeado.



**Terça-feira, 15 de maio de 2012**

Esta manhã foi dirigida por uma colega do Mestrado do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Começou na área de Estudo do Meio por falar no Sistema Solar recorrendo a um *Powerpoint* onde ia mostrando imagens e explicando as mesmas. De seguida entregou uma ficha formativa na qual os alunos tinham de colar os planetas por ordem em que se encontram dispostos no Sistema Solar. Na área de Português, a colega distribuiu um texto informativo relacionado com o tema, leu-o em voz alta e solicitou a alguns alunos que o lessem. Posteriormente, responderam a algumas questões de interpretação sobre o mesmo. Na área de Matemática, a colega solicitou a colaboração de alguns alunos para a distribuição dos materiais: 3.º e 4.º Dons de Froebel, algarismos móveis e uns saquinhos com imagens. Esta começou pela construção da mobília da sala e enunciou algumas situações problemáticas, onde iam utilizando o restante material.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O texto que a colega distribuiu em Português era informativo. Podemos definir este tipo de texto, segundo Sim-Sim (2007), como “texto não ficcionais que descrevem, explicam e transmitem informação factual ou opiniões sobre um determinado assunto” (p.24).

A mesma autora refere que na compreensão da leitura deste tipo de texto “o leitor presta atenção à informação do texto, retém na memória os aspectos mais relevantes da informação recolhida e relaciona-os com o que sabe sobre o assunto, reformulando o conhecimento prévio que possuía.” (p.24). Nesta aula, o texto descrevia informação sobre o Sistema Solar, visto que este era o tema de Estudo do Meio.

A compreensão dos textos é muito importante e, neste caso, existem estratégias que devemos ensinar aos alunos para que essa percepção seja feita com sucesso. Essas estratégias baseiam-se “(i) a identificar o tema central e o seu desenvolvimento; (ii) a escolher os aspectos mais salientes para o objectivo de leitura; (iii) a reconhecer a estrutura do texto (...) para melhor poder compreender, recordar e verbalizar o lido.” (p.24).

Os tipos de textos devem ser usados tendo em conta o objetivo da aula e, neste caso, a minha colega optou por um texto informativo de forma a fazer coerência com a informação dada em Estudo do Meio, recorrendo à interdisciplinaridade.

A colega usou uma estratégia para melhorar o comportamento dos alunos, mas não foi suficientemente persistente e coerente. Teve momentos de indisciplina na sala de aula, o que lhe prejudicou o desempenho.

### **Terça-feira, 22 de maio de 2012**

Neste dia, a colega de estágio esteve encarregue das atividades. Levou os alunos para o ginásio, onde tinha mais espaço para mostrar os movimentos da Terra. Para tal levou o Sol e o planeta Terra insufláveis em proporção com a realidade para que todos pudessem ver, e para que os alunos demonstrassem os movimentos.

De volta à sala, a colega passou para a área de Matemática onde contou uma história de um astronauta e distribuiu pelos alunos sacos com astronautas e foguetões de cores diferentes, para fazerem as combinações das cores possíveis.

Depois do intervalo, em Português, a colega trabalhou a noção de verbo e mostrou imagens representativas de algumas ações. Foi escrevendo frases por baixo das imagens, referindo sempre o verbo em questão. Para consolidar a matéria, entregou uma ficha informativa e formativa.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na área de Português, a colega trabalhou com os alunos a noção de verbo inserido num determinado tempo.

Segundo o Ministério da Educação (2009) pretende-se que nesta fase o aluno consiga “distinguir nomes, verbos e adjectivos” (p.49)

Desta forma, as crianças adquirem a capacidade de perceber a conjugação dos verbos e a necessidade de serem usados, para serem aplicados de forma correta na linguagem oral e escrita, ao longo das suas vidas.

**Sexta-feira, 25 de maio de 2012**

Neste dia os alunos realizaram uma visita de estudo ao Jardim Zoológico.

Fui para a outra sala do 2.º ano, durante toda a manhã de estágio.

Uma das colegas que estava a estagiar nesta sala deu aula. Começou com a área de Estudo do Meio: colocou cartões no quadro com perguntas e, à medida que iam respondendo corretamente, virava o cartão onde aparecia uma letra, que, mais tarde, todas juntas serviram para construir uma palavra relacionada com o tema da aula – mamífero. Falou do mamífero Okapi, referindo as suas características.

Na área de Matemática deu os múltiplos do metro.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Não posso deixar de referir que gostaria de ter acompanhado a turma nesta visita de estudo, pois aprenderia a lidar com situações muito importantes para o meu futuro profissional. No entanto, devido ao número elevado de estagiárias, não foi possível ter acompanhado a turma.

Apesar de já ter referido a importância das visitas de estudo, quero salientar a importância das mesmas no que concerne à sensibilização e ao contacto com o meio ambiente. Para além do contacto bastante importante com a natureza, as crianças são sensibilizadas para os problemas ambientais da atualidade e, neste caso, para a sensibilização da proteção dos animais e das espécies extintas. Segundo Pereira (2002), “As saídas para o campo podem constituir oportunidades privilegiadas para as crianças tomarem contacto com o meio ambiente e para se sensibilizarem com diversos aspectos e problemas do meio ambiente, natural ou construído.” (p.164).

O programa de educação ambiental tem vários objetivos tais como: “a sensibilização aos aspectos ambientais, de defesa da diversidade biológica, de protecção às espécies em extinção, ...” (p.153).

De acordo com a mesma autora, a exploração direta “feita pela criança, é, certamente, muito mais enriquecedora e estimulante do que o estudo do ambiente natural (ou artificial) através de livros)” (p.159). Desta forma, as crianças, ao

contactarem diretamente com a natureza e, neste caso, com os animais, ficaram mais sensibilizadas, explorando o meio.

Esta exploração deve ser um objetivo da escola e, dessa forma, “pode ser feita com o recurso ao meio ambiental envolvente da escola, com a organização de saídas de campo, dentro da localidade ou arredores próximos, de visitas a jardins, aos parques zoológicos, a parques naturais” (p.160).

Devemos explorar os temas da atualidade, e levar os alunos a terem um pensamento e opinião crítica em relação a todos os problemas ambientais, através da sua observação. Segundo Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006a), “a competência da observação é tornar as crianças mais curiosas, interessadas pelos outros e pelo mundo, mais organizadas e estimuladas para questionar a sua realidade.” (p.9). Antes e depois da ida ao Jardim-Zoológico, é importante que se faça uma reflexão sobre o que observaram e dialogar sobre questões pertinentes.

Segundo Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006b), “o ensino das ciências pode contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico e da responsabilidade indispensáveis para que cada um possa tomar decisões fundamentais e participar nos desafios que se colocam à sociedade.” (p.20). Ao desenvolvermos esta aptidão nas crianças e sensibilizá-las para o meio ambiente, estamos a torná-las futuros cidadãos com capacidade de tomar decisões importantes para proteção da natureza e inserir essas escolhas para o bem da sociedade e de todos os seres vivos.

## **Segunda-feira, 28 de maio de 2012**

No início desta manhã de estágio, uma das colegas foi solicitada para dar uma aula surpresa, que consistiu na elaboração de uma composição coletiva.

De seguida, uma outra colega deu a aula com as três áreas curriculares. Em primeiro lugar, a Estudo do Meio, começou por falar sobre os continentes, distinguindo-os pelo nome e por aspetos culturais importantes. Em Português deu os adjetivos e terminou com a área de Matemática, onde explorou a subtração com empréstimo usando os Calculadores Multibásicos.

## **Inferências**

Na aula de Estudo do Meio, os alunos estiveram bastante interessados e motivados, principalmente por tomarem consciência das diferenças que existem entre os continentes, não só em costumes e tradições, mas também relativamente à fauna e flora.

O docente deve alertar os seus alunos para as diferenças que existem a nível cultural, evitando comportamentos racistas ao longo das suas vidas. Na minha opinião é muito importante dar a conhecer aos alunos que somos diferentes e, a nossa cultura e aspeto físico também mudam, educando-os, desta forma, para os valores sociais.

Também nas restantes áreas, apesar do interesse dos alunos não ser o mesmo, a disciplina na sala de aula foi constante e senti que, tal como eu, a colega tornou-se mais persistente com o cumprimento das regras para garantir o bom funcionamento da aula.

### **Terça-feira, 29 de maio de 2012**

Nesta manhã de estágio estive responsável pelas atividades da turma.

Em primeiro lugar, adotei a seguinte estratégia de comportamento: uma vez que o tema da aula seria os oceanos, optei por usar imagens de três aquários com peixes lá colados. Cada aquário pertencia a uma fila. Se tivessem um comportamento inadequado, ia retirando peixes a cada fila/aquário. Na figura 10 estão apresentados os aquários.

Iniciei com a área de Estudo do Meio, contando uma história de um livro que fiz (figura 11) sobre um peixe que foi fazer uma viagem à volta do planeta, para conhecer os oceanos. À medida que ia passando por cada um, ia contando curiosidades e estes eram identificados pelas crianças, no mapa que estava exposto no quadro.

Na área de Português construí frases, referindo o tempo em que as ações se passavam (passado, presente e futuro). Essas frases eram construídas através de imagens que representavam ações e o raciocínio dos alunos era orientado para que as construíssem nos tempos indicados. Por fim realizaram uma ficha formativa.

Na área de Matemática, começámos por fazer a dobragem do barco em origami, que foi utilizado mais tarde na resolução de situações problemáticas, juntamente com imagens de peixes móveis de várias cores.



Figura 10 – *Estratégia de comportamento*



Figura 11 - *Livro*

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Desta vez, estabeleci uma estratégia de comportamento e fui persistente e firme com a mesma. Para meu grande agrado, pude constatar que o comportamento dos alunos foi bastante positivo e diferente da primeira aula, em que tive bastante dificuldade em controlá-los. No período de estágio anterior, no 2.º ano de escolaridade, nunca estabeleci nenhuma estratégia de comportamento, pois também não senti necessidade para tal. No entanto, temos de ter consciência que as turmas são diferentes e a forma como controlamos a disciplina numa sala de aula também pode ser diferente. Para mim foi uma grande aprendizagem perceber o quão é importante termos uma estratégia de comportamento e que o facto de conseguirmos controlar uma turma só depende de nós, e da nossa persistência.

Na preparação das aulas para esta manhã, preocupei-me em fazer interdisciplinaridade entre as três áreas curriculares. Podemos começar por definir interdisciplinaridade, segundo Pombo, Guimarães e Levy (1994), como “qualquer

forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum.” (p.13)

Nas três aulas, foi sempre abordado o tema dos oceanos, e desta forma promovi a interdisciplinaridade.

Segundo Fourez (2008), “o paradigma da interdisciplinaridade baseia-se no pressuposto de que certas situações não podem ser dominadas no quadro de um paradigma disciplinar particular e exigem a articulação de diferentes contribuições disciplinares.” (p.18)

O mesmo autor também refere que “a aquisição da competência que permite construir uma representação interdisciplinar exige um conjunto de conhecimentos, simultaneamente declarativos, processuais e condicionais.” (p.57). Podemos concluir que para fazer interdisciplinaridade, também tem de existir a sabedoria e o conhecimento necessários para que essa interdisciplinaridade faça sentido.

### **Sexta-feira, 1 de junho de 2012**

Hoje foi o Dia da Criança. As crianças passaram a manhã a brincar no recreio e viram o teatro intitulado “A alegre história de Portugal em 90 minutos”.

### **Inferências**

O Dia da Criança é celebrado com atividades que as crianças gostam pois é um dia dedicado a elas. Este dia é esperado ansiosamente por todas as crianças e devemos prepará-lo de forma a que seja memorável e preenchido com atividades e brincadeiras interessantes e lúdicas.

### **Segunda-feira, 4 de junho de 2012**

Neste dia os alunos fizeram o teste de avaliação de Matemática.

Depois do intervalo fizeram a leitura de um texto e a cópia do mesmo.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

De acordo Condemarín e Chadwick (1987), a cópia permite “praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção de regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação” (p.182)

Para além disso, segundo os autores referidos em cima, é importante a realização de exercícios caligráficos pois permitem desenvolver competências ao nível da linguagem escrita, nomeadamente “quanto aos sinais de expressão, pontuação, diagramação, formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco e captação da sequência das letras das palavras” (p.182)

Na sala de aula devemos proporcionar momentos de contacto com a escrita (ditados, cópias, composições, entre outras), pois a escrita é um meio de comunicação entre as pessoas e é usada diariamente.

À medida que os alunos iam fazendo a cópia, eu circulei pela sala para ver as diferentes caligrafias.

## **Terça-feira, 5 de junho de 2012**

A manhã de aulas foi destinada uma colega de estágio. De forma a criar uma estratégia de comportamento, a colega começou por apresentar uns colares com estrelas que daria às crianças no fim da manhã, se estas tivessem um bom comportamento.

Começou por fazer uma composição coletiva e depois do recreio deu pictogramas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A manhã de aulas da colega não foi bem-sucedida devido à sua postura em sala e aula, ao controlo da disciplina e também à gestão do tempo estipulado para cada área curricular.



Por ter sido a primeira vez que observei, gostaria de salientar a importância do pictograma na aprendizagem. Este tipo de gráfico é usado com imagens e desenvolve a capacidade de interpretação de dados dos alunos. De acordo com Ponte e Serrazina (2000), “num pictograma usa-se uma representação do nosso objecto, que se repete o número de vezes adequado, para indicar a quantidade de elementos que existe em cada categoria.” (p.215).

O pictograma é semelhante a um gráfico de barras, pois segundo os autores referidos, “a barra é substituída por um certo número de figuras (ou partes de figura) que representam o valor existente em cada categoria dos dados.” (p.215)

Depois da construção de um pictograma é essencial que se faça a sua análise. A interpretação dos resultados cria momentos de reflexão por parte dos alunos. Tal como referem os mesmos autores:

“é através da interpretação de resultados, da sua comunicação aos outros alunos e ao professor e da sua discussão que os alunos podem desenvolver o seu espírito crítico, avaliando a importância deste ou daquele aspecto, a correcção das diversas interpretações e a validade das conclusões propostas.” (p.218)

Em suma, devemos ensinar os nossos alunos a construírem diferentes tipos de gráficos e a desenvolver a sua capacidade de interpretação dos dados nos mesmos. Os gráficos podem ser usados diariamente no registo e estudo de valores e podem ser úteis na vida dos futuros adultos.

### **Sexta-feira, 8 de junho de 2012**

Neste dia, a professora titular da turma onde estávamos fez *roulement* e, devido a isso, permanecemos na sala do 1.º Ano, durante a manhã.

Quando os alunos foram para a sala fizeram a leitura de um texto e a cópia do mesmo.

Depois do intervalo tiveram a aula de Música.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A música faz parte do nosso quotidiano e tem um papel fundamental no ensino. A educação musical, segundo Monteiro (1997), “prende-se com a aprendizagem e o

ensino de um grande número de actividades ligadas aos sons e, em especial, à música.” (p.16).

A prática da educação musical nas escolas, prende-se, principalmente das seguintes formas: “cantar melodias populares, jogar ou improvisar com sons, executar em grupo peças de índole diversa, fazer exercícios dos mais variados, ensaiar músicas para festas escolares, estudar peças de estilos e características diversas.” (p.16)

Segundo Amaral (2004), podemos concluir os seguintes pontos referentes à expressão musical:

- A frequência das sessões de Expressão Musical é encarada pela maioria das crianças com entusiasmo;
- A Expressão Musical promove alegria e boa disposição nas crianças e isso reflecte-se no sistema familiar;
- As crianças, através desta forma de vivenciar a música, desenvolvem a sua coordenação motora;
- A frequência das sessões facilita a comunicação entre crianças, entre estas e os educadores, e finalmente entre estas e os seus pais contribuindo para uma melhor noção de si e do outro. (p.110)

Em suma, e tendo em conta tudo o que foi referido anteriormente, a música deve fazer parte do dia-a-dia das crianças, pois proporciona-lhes bem-estar. Para além do entusiasmo que sentem quando têm expressão musical, também vivem um momento de relaxamento e tranquilidade, e libertam energia. Neste Jardim-Escola, todos os dias começam com a roda das crianças a cantarem, sendo pois um momento de convívio e união entre a comunidade escolar.

## **Segunda-feira, 11 de junho de 2012**

Nesta manhã de estágio, uma das colegas esteve responsável pela organização das actividades dos alunos.

A colega começou com a área de Português e distribuiu a cada criança um livro igual ao que ia ler, com dimensões mais pequenas. Fizeram a leitura do texto, identificaram as palavras difíceis, soletrando algumas delas. De seguida, fizeram ditado de palavras e realizaram um exercício.

Em Estudo do Meio realizaram uma atividade experimental onde fizeram sabonetes.

Em Matemática trabalharam operações com o material Calculadores Multibásicos.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A soletração é uma prática de sala de aula bastante importante, pois os alunos têm de identificar letra a letra por que é constituída a palavra, sem olharem para a mesma.

Segundo Oliveira (2005), “através do processo de soletração, o leitor iniciante pode construir o conhecimento de que a palavra é segmentável em unidades sonoras sequenciais.” (p.5) de acordo com o mesmo autor, os erros que os alunos comentem na escrita comprovam “que é necessário intervenção sistematizada pelo professor no processo de construção do conhecimento fonológico, no nível de conhecimento das unidades intra-silábicas para que a criança progrida.” (p.16)

A tomada de consciência da construção da palavra, através da soletração pode ser uma prática não só para a área de Português mas também pode ser inserida em todas as áreas, na construção de palavras consideradas “difíceis”.

## **Terça-feira, 12 de junho de 2012**

Manhã de aulas programada por uma das colegas de estágio.

A colega começou por apresentar uma história em *Powerpoint* intitulada “A surpresa de Handa” de Eileen Browne. Após ter feito a leitura modelo do texto, algumas crianças leram e colocou perguntas de interpretação.

Na área de Matemática, a colega falou sobre o euro através de um *Powerpoint* que continha também exercícios sobre o tema.

Depois do intervalo, a turma foi dividida em grupos para realizarem uma atividade experimental, mas devido ao mau comportamento apenas observaram a colega a realizá-la.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Após a leitura de um texto é essencial fazer-se a sua interpretação. Quando um aluno lê um documento escrito, não significa que ele tenha compreendido e extraído a informação pretendida e, para tal, devemos certificar-nos que a turma tem um texto

adequado ao seu nível de desenvolvimento linguístico, e que conhece o significado de todas as palavras que ele contém.

Segundo Sim-Sim (2001), ler significa “ser capaz de extrair informação de material escrito, qualquer que seja o suporte (de papel ou informático), qualquer que seja o tipo de texto e qualquer que seja a finalidade da leitura, transformando essa mesma informação em conhecimento.” (p.51).

Para além das perguntas de interpretação, muitas são as outras formas de os alunos desenvolverem a compreensão escrita, pois, tal como afirma a autora, “o objectivo primário do sistema educativo é encorajar cada criança a usar com o máximo de eficácia a língua de escolarização para se expressar oralmente e por escrito” (p.15).

Também devemos incentivar desde cedo nas crianças a leitura de livros. De acordo com a autora, “o universo do insucesso em língua materna é o campo privilegiado de recrutamento dos maus leitores e dos adultos não consumidores de livros” (p.14).

Em suma, o insucesso no que concerne à compreensão de documentos escritos estão salientes desde muito cedo. Para combater esse facto, o papel do educador e do professor é criar momentos de leitura e compreensão escrita, quer no ensino pré-escolar e fundamentalmente no 1.º ciclo do ensino básico. A compreensão da língua materna desenvolve-se com o conhecimento do significado das palavras e todas as regras da escrita. Quanto maior for o léxico do aluno, mais facilmente ele compreenderá a informação que lê.

### **Sexta-feira, 15 de junho de 2012**

Esta manhã de aulas foi dada por uma colega de estágio.

Na área de Português deu a banda desenhada. Mostrou uma apresentação em *Powerpoint* sobre o tema, dialogando com os alunos sobre o mesmo. De seguida fizeram uma atividade que consistia em inventar as falas para uma banda desenhada.

Em Estudo do Meio abordaram o tema “a Lua”, através de uma apresentação em *Powerpoint*. Inicialmente a minha colega lembrou os movimentos do planeta Terra (translação e rotação), revelou algumas curiosidades sobre a Lua, os alunos visualizaram um vídeo sobre as fases desta e foram explicadas as fases, novamente através de uma imagem. No fim resolveram uma ficha de trabalho.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Ao solicitarmos a criação de textos, os alunos desenvolvem a imaginação e a criatividade. Neste caso, a minha colega entregou-lhes um documento que continha apenas as imagens da banda desenhada, e os alunos tiveram de inventar as falas das personagens em questão.

Como defende Jolibert (1994), o aluno deve sentir o prazer “de inventar, de construir um texto, prazer de vencer as dificuldades encontradas... prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas à situação, prazer de progredir, prazer da tarefa levada até ao fim, do texto acabado bem-apresentado” (p.16)

Devemos incentivar os alunos para a prática da escrita de forma a conseguirem ir sempre mais além. De acordo com o Programa de Português (2006), é necessário “diversificar os contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, encontrar em grupo soluções para os problemas que a construção do texto exige, permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento” (p.146)

Para concluir, é muito importante proporcionarmos aos alunos momentos de contacto com a escrita. A criação de textos desenvolve a criatividade e é um ponto-chave para a aprendizagem da comunicação oral e escrita, usada diariamente, tal como já foi referido neste documento.

## **Segunda-feira, 18 de junho de 2012**

De manhã assisti a duas Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional e, à tarde, a outra.

A primeira foi na sala do 1.º ano, com o tema o “Ilusionismo”. Em Português a colega leu um poema sobre o circo e muitas personagens do mesmo. De seguida colocou algumas perguntas de interpretação e uma peça de teatro com sombras chinesas: distribuiu as personagens por alguns alunos e no fim digiram-se para trás do pano, que se encontrava junto ao quadro. À medida que a colega ia lendo o poema, os alunos levantavam as suas personagens.

Na área de Matemática, a colega deu três materiais. Na fila mais próxima da janela tinham, debaixo da mesa, o 3.º e o 4.º Dons de Froebel, onde tiveram de fazer a

construção da camioneta. A fila do meio tinha Algarismos Móveis, onde tiveram de representar o dobro de 9. E, por fim, a fila que estava mais próxima da porta, utilizaram o material Cuisenaire para fazerem o comboio que valesse 9 unidades, sendo que podiam usar qualquer carruagem (peça). Antes dos alunos fazerem os exercícios, a minha colega contextualizou, de forma a fazer sentido a diversidade de material.

Na área de Estudo do Meio, a colega começou por colar no quadro duas tiras de papel branco em forma oval, que continham o mesmo comprimento, e que, ao olharmos, criava uma ilusão ótica, pois pareciam de tamanhos diferentes e, na realidade, tinham o mesmo tamanho. A colega colocou perguntas, criando a ilusão nos alunos. Explicou o que era a ilusão ótica e apresentou um *Powerpoint* sobre várias ilusões óticas, exercitando com os alunos.

De seguida, fui assistir à aula de outra colega, na turma do 2.º ano. O tema era o seguinte: “porque é que as galinhas não voam?”. Começou pela área de Português, com os nomes coletivos. Apresentou um painel de feltro com várias imagens de uma quinta, e a partir daí explorou os nomes coletivos. Distribuiu uma ficha de trabalho aos alunos onde tiveram de completar com os nomes, e no fim cantaram uma música.

Na área de Matemática, a colega deu um ditado de lateralidade – itinerários. Numa ficha de trabalho os alunos tiveram de descobrir os caminhos a percorrer.

Na área de Estudo do Meio, apresentou um *Powerpoint* sobre as galinhas e a sua estrutura, aplicando conceções alternativas.

Da parte da tarde assisti à aula de mais uma colega, novamente na turma do 2.º Ano, cujo tema foi “Os gelados”. Iniciou a área de Português, dando o texto instrutivo e usando a receita para fazer o gelado. Todos os alunos tinham a receita.

Na área de Matemática deu combinações com as bolas de gelados. Cada aluno tinha os cones e bolas de gelado de várias cores feitas em *musgami* e tinham de combinar as cores consoante o que a minha colega ia dizendo.

Na área de Estudo do Meio apresentou um *Powerpoint* sobre a origem do gelado e de seguida confeccionaram-no através do texto/receita representados.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

As Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional fazem parte de um dos momentos de avaliação de todo o Estágio Profissional.

Ao longo do Mestrado, temos a oportunidade de experienciar e entrar em contacto com a realidade prática que é a de dar aulas. Essas aulas, em conjunto com muitas aprendizagens teóricas, fazem-nos crescer profissionalmente, pois obrigam-nos a refletir constantemente.

Segundo Alarcão (1996), a prática surge como espaço privilegiado de integração de competências, no entanto, “isto só é possível se o professor reflectir sistematicamente sobre o que faz e sobre o que vê fazer. A experimentação e reflexão são elementos autoformativos que levam a uma conquista progressiva de autonomia e descoberta de potencialidades.” (p.98).

Vieira, Moreira, Barbosa, Paiva e Fernandes (2010), referem o seguinte:

“o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a realidade em que se desenrola a acção educativa e sobre o impacto desta acção é, pois, um dos objectivos do projecto de supervisão em que os estudos aqui apresentados se enquadram, no qual a investigação-acção é a estratégia utilizada para articular a formação reflexiva dos professores estagiários com uma pedagogia escolar centrada nos alunos.” (p.83 e 84)

A reflexão que é feita após as aulas desenvolve num futuro professor a capacidade de se autoavaliar, e tomar consciência dos seus erros, de forma a ultrapassá-los no futuro.

### **Terça-feira, 19 de junho de 2012**

Nesta manhã, os alunos fizeram a ficha de avaliação de Estudo do Meio.

Depois do recreio, uma das colegas de estágio deu uma aula surpresa. Fez a leitura de um texto intitulado por “O circo da lua”, de André Gago. A colega deu tempo para os alunos lerem, de seguida fez a leitura preparatória e por fim todos leram.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A área de Estudo do Meio faz parte do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta área incide, segundo Roldão (1995) “sobre temas que se relacionam com as diversas dimensões da vida do homem enquadrado na natureza e nos contextos sociais a que pertence.” (p.33).

Esta área, permite “não só a promoção de um conjunto de aprendizagens relevantes, mas a mobilização dessas aprendizagens para o desenvolvimento integral da personalidade do aluno, contribuindo para o seu enriquecimento como pessoa.” (p.32)

Finalmente, a área de Estudo do Meio tem um papel importante no que concerne ao desenvolvimento das competências para o desempenho da cidadania, pois os seus conteúdos desenvolvem a consciência das práticas da vivência em sociedade.

### **Sexta-feira, 22 de junho de 2012**

Nesta manhã, a professora fez a leitura e interpretação de um texto e, de seguida, realizaram um exercício caligráfico.

Depois do recreio tiveram a aula de música.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A caligrafia é bastante importante na escrita de um texto ou algo escrito. É a imagem da letra e deve ser trabalhado mesmo antes de as crianças aprenderem a escrever. Os grafismos desenvolvem a sensibilidade manual e proporcionam uma caligrafia mais correta e de compreensão fácil. No entanto, apesar dos grafismos terem um papel importante, o envolvimento com a caligrafia, segundo Baptista, Viana e Barbeiro (2011), “só é feita de forma explícita e sistemática aquando do ingresso no 1.º Ciclo do Ensino Básico” (p.35).

De acordo com os mesmos autores, “devemos entender que, para além do desenho da letra, a caligrafia compreende as convenções básicas acerca do arranjo gráfico da página a que os textos devem ser sujeitos (convenções tipográficas)” (p.35)

O professor deve ser exigente quando a criança começa a fazer os grafismos das letras e desde cedo, implementar as regras para o delineamento das letras, tal como afirmam os autores, “estas devem ser ensinadas, normalmente, ao mesmo tempo que se inicia o ensino da escrita” (p.35)

Estes autores também referem o seguinte:

“Estas convenções — nitidez no desenho das letras, disposição das palavras, das frases e dos parágrafos, coesão gráfica dos textos, destaques de títulos, alinhamentos à esquerda, proporcionalidade gráfica e outros elementos —



contribuem significativamente para a clareza na escrita e para a obtenção de informações adicionais na leitura.” (p.35)

Desta forma, o professor também deve ter em conta, na avaliação, a caligrafia dos seus alunos e ajudá-los a aperfeiçoá-la, com trabalho e persistência. A apresentação e aparência de um trabalho pode não ser o mais importante, mas devemos ser perfeccionistas e querer o melhor para os nossos alunos.

## **Segunda-feira, 25 de junho de 2012**

Durante esta manhã estive a participar nas atividades dos alunos. Resolvi uma ficha de trabalho de Matemática a pedido da professora. A proposta de trabalho continha situações problemáticas, que foram resolvidas com os alunos e corrigidas no quadro.

Depois do intervalo a professora fez leitura e interpretação de um texto.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Durante a realização da ficha de trabalho procurei manter sempre o diálogo e a interação com os alunos da turma. O facto de ser estagiária, por vezes dificulta a ligação que queremos ter com os alunos e, na minha opinião, é bastante importante mostrarmos afetuosas com as crianças de forma a sentirem-se bem com a nossa presença na sala.

Segundo Loureiro (2000), a interação verbal entre o professor e o aluno é um processo educativo que permite “aos interlocutores, alunos e professor, comunicar e alcançar as metas definidas para as tarefas que desenvolvem” (p. 96).

Na minha opinião, as relações que se estabelecem, através da interação em situação pedagógica são fundamentais ao processo de ensino/aprendizagem, e para tal é necessário cultivar e desenvolver uma boa comunicação. A sala de aula é o espaço onde o docente e o aluno passam grande parte do seu tempo e interagem entre si. É importante, por isso, que exista um ambiente que favoreça uma boa aprendizagem e uma boa relação professor/ aluno.

**Terça-feira, 26 de junho de 2012**

Ao longo da manhã os alunos terminaram as fichas de trabalho que tinham em atraso e eu estive a arrumar os *dossiers* e a sala.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A arrumação da sala é bastante importante e cabe ao professor implementar regras para esse objetivo. Por vezes o docente não tem disponibilidade para manter a sala e os trabalhos arrumados, no entanto, e na minha opinião, é importante passarmos também esse dever aos alunos de forma a torná-los responsáveis. Definir regras e estabelecer locais para a arrumação de cada material ou trabalho, é uma forma educativa de implementar regras para viver em comunidade.

De acordo com Hohmann e Weikart (1997), referindo-se ao espaço de sala, “este deve ser dividido em áreas de interesses bem definidas com prateleiras e gavetas de arrumação que tornem visíveis e acessíveis os diversos objectos e materiais” (p.162).

Assim a arrumação torna-se mais fácil para o docente e para os alunos, contribuindo para um local harmonioso e acomodado.

Este dia foi o último estágio que tive nesta turma. Senti alguma tristeza por deixar os alunos e por toda a relação que construí com eles e com a professora. No entanto, esta situação repetir-se-á durante toda a minha vida profissional, pois os alunos serão sempre diferentes.

Foi um estágio onde aprendi muito e tive a oportunidade de melhorar cada um dos meus erros.

### **1.7. 7.ª Secção**

**Período de Estágio:** de 25 de setembro a 16 de novembro de 2012

**Faixa etária:** 9 anos/4.º ano

**Professora Cooperante:** R

### **1.7.1. Caracterização da turma**

Esta turma é constituída por um grupo de 28 crianças, com idades compreendidas entre os oito e os dez anos. Neste grupo há 14 rapazes e 14 raparigas, uma das quais com algumas questões relativas ao desenvolvimento global. Esta aluna, além de revelar algumas dificuldades de aprendizagem de conteúdos curriculares, manifesta um comportamento social muito peculiar, isolando-se dos pares e evitando a comunicação oral.

A nível do comportamento e das atitudes, o grupo é estável e a maioria é empenhada. No início do ano letivo, o grupo revelava um ritmo de trabalho pouco notável.

Estas informações foram solicitadas à professora responsável pela turma.

### **1.7.2. Caracterização do espaço**

A sala do 4.º Ano encontra-se no 1.º andar, junto à biblioteca. A sala é bastante iluminada, no entanto, devido ao quadro interativo, as janelas têm de se manter fechadas para que os alunos consigam ver. Na figura 12 podemos visualizá-la.

A sala dispõe de um espaço com um tapete a imitar relva, onde se encontram expostos alguns livros e um banco de jardim. Também nesse local encontra-se o lavatório, usado muitas vezes pelos alunos e professora, sempre que haja necessidade para tal.

A sala está bastante organizada, com espaços para arrumação. Por vezes, torna-se difícil a circulação dentro da mesma devido ao pouco espaço que existe entre as mesas e cadeiras dos alunos.

A imagem da sala, encontra-se na figura seguinte.



Figura 12 – Sala do 4.º Ano

### 1.7.3. Rotina diária

A rotina diária desta turma assemelha-se às rotinas das turmas anteriormente abordadas, sendo que, não acho pertinente repetir-me.

### 1.7.4. Horário da turma

No quadro 9 encontra-se o horário da turma.

Quadro 9 – Horário do 4.º ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9.00 – 11.00	Matemática	Português	Matemática	Matemática	Português
11.00 – 11.20	RECREIO				
11.20 – 13.00	Português	Matemática	Português	Português Estudo do Meio	Matemática
13.00 – 14.30	RECREIO E ALMOÇO				
14.30 – 15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música *	Educação Física	Trabalhos Manuais
15.20 – 16.10	Inglês	Educação Física *	Orquestra	Inglês	
16.10 – 17.00	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Música
17.00 – 17.15	LANCHE				

### **1.7.5. Relatos diários**

**Terça-feira, 25 de setembro de 2012**

De regresso ao último semestre do Estágio Profissional, iniciámos a manhã de estágio com a nossa apresentação aos alunos e professora, da mesma forma que se apresentaram a nós.

A professora começou por verificar quem fez o trabalho de casa, que consistia na legendagem de uma imagem dos ossos da cabeça e tronco. De seguida fez a correção, utilizando para tal, o esqueleto que se encontra na sala. Assim, os alunos à medida que iam dizendo o nome de cada osso, dirigiam-se à frente do quadro para mostrarem de que osso se tratava, localizando-o.

Quando terminaram a correção do trabalho de casa, abriram a lição para a aula de Matemática. A professora distribuiu uma ficha de trabalho e os alunos, ao analisarem a mesma, é que construíram o sumário. A professora ouviu várias sugestões e por fim escolheram o que fosse realmente coerente com a aula. Uma das alunas, que tinha em sua posse o livro de ponto, é que escreveu o sumário.

Na aula de Matemática, a professora fez um ditado de números, e estes foram lidos de diferentes formas possíveis: leitura por classes, leitura por ordens ou leitura referindo a última ordem. Na sala existe uma menina que entrou no Jardim-Escola apenas este ano e, devido a isso, a professora ditava alguns números diferentes dos colegas.

A professora, ao ditar os números, estabeleceu algumas regras, tais como: a primeira vez que dita escrevem os números a lápis, na segunda vez verificam se está correto e passam a caneta e, por fim, corrige no quadro. Quem teve os números certos, recebia um carimbo no local do exercício.

Seguidamente ao recreio, os alunos continuaram a resolver a ficha, onde analisaram o número que era apresentado e fizeram as leituras possíveis do mesmo. Quando terminaram, ilustraram a ficha de trabalho.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Ao longo dos anos, a tecnologia vai avançando e o tradicional quadro de giz vai sendo trocado pelo quadro interativo. Este momento de estágio foi o primeiro onde vai utilizar esta nova tecnologia. Segundo Jonassen (2007), “as formas como utilizamos as tecnologias na escola devem sofrer uma alteração, ou seja, o papel tradicional da tecnologia como professor deve dar lugar à tecnologia como parceira no processo educativo.” (p.20)

O docente deve tirar partido do novo equipamento e aperfeiçoar as práticas educativas de aprendizagem. Segundo Mendonça (2002), as tecnologias e as redes de aprendizagem “são um ponto de partida, facilitador de mudanças educativas importantes, não devem ser decurados os perigos de domínios ilegítimos, de quebras de liberdade ou de menor cuidado com a qualidade dos conteúdos que circulam entre parceiros.” (p.12).

Para que o docente possa retirar algum proveito do potencial das redes de aprendizagem, “não se pode limitar à transmissão, à consulta, ao armazenamento de dados ou à troca de informação. É preciso realizar, dar sentido à informação, construir significados, aprender com e entre os outros.” (p.13)

Em suma, devemos aproveitar o que as tecnologias proporcionam numa sala de aula e o professor deve seguir essas tendências e ser um constante continuador das mesmas, tendo em conta o aperfeiçoamento do processo de aprendizagem e transmissão de conhecimentos aos seus alunos.

### **Sexta-feira, 28 de setembro de 2012**

Nesta manhã, a turma esteve a realizar fichas de trabalho.

A ficha formativa de Português continha um texto com lacunas para completarem com sinais de pontuação.

De seguida abriram a lição de Matemática na ficha de trabalho e realizaram exercícios de aplicação.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A partir deste novo ano letivo a área curricular Língua Portuguesa passou a ter o nome de Português.

Nesta manhã, os alunos fizeram um exercício de aplicação de sinais de pontuação num texto. Segundo Condemarín e Chadwick (1987), a correta utilização dos sinais de pontuação permite aos alunos “a adequada comunicação escrita mediante a transição dos aspectos prosódicos e expressivos da linguagem oral e das pausas por símbolos gráficos. Além de estruturar as ideias em unidades interdependentes” (p. 176).

A correta utilização de sinais de pontuação é bastante importante para a compreensão de textos escritos e os professores devem criar exercícios de aplicação dos sinais. Os alunos devem ter consciência da sua importância e perceber isso num texto que não tem sinais.

## **Segunda-feira, 1 de outubro de 2012**

Nesta manhã de estágio, a professora começou por fazer a correção do trabalho de casa. A própria elaborou um caderno com situações problemáticas para os alunos realizarem ao longo do período e o trabalho de casa deste fim-de-semana foi a realização de uma delas.

De seguida a minha colega e eu estivemos a corrigir exercícios, enquanto os alunos estiveram a ler um texto do manual de Português e resolveram uma ficha de interpretação do mesmo.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A resolução de situações problemáticas deve ser constante na sala de aula, pois desenvolvem o raciocínio mental e levam à descoberta dos alunos tendo em conta os conhecimentos adquiridos anteriormente.

Em primeiro lugar devemos distinguir problemas de exercícios. Segundo Ponte e Serrazina (2000), encontramos-nos diante um problema, “para um dado aluno, se ele não tiver nenhum meio para encontrar uma solução num único passo. Se o aluno tiver uma

forma de obter rapidamente uma solução, não estará perante um problema mas sim um exercício.” (p.52)

De acordo com os mesmos autores, também referem que “a resolução de problemas constituiu um processo de elevado nível de complexidade, que envolve os processos mais simples de representar e relacionar.” (p.52). Assim, o aluno é obrigado a raciocinar e a ligar os conteúdos que aprendeu para resolver exercícios neste contexto de problema.

Ainda seguindo o pensamento dos autores referidos em cima, “a reflexão é um elemento muito importante na resolução de um problema. O professor deve habituar os alunos a realizar sempre essa etapa” (p.53)

Em suma, o professor deve promover esse hábito nos seus alunos a resolverem situações problemáticas, desde as mais simples às mais complexas, de forma a refletirem e a encontrarem soluções para a sua resolução.

### **Terça-feira, 2 de outubro de 2012**

Neste dia a professora começou a manhã de aulas com uma atividade que consistia em apresentar, no quadro interativo, dados que se lançavam ao toque da caneta e cada aluno tinha de fazer a soma dos valores dos mesmos rapidamente, sem recorrer ao cálculo das pintas.

De seguida, a professora realizou com a turma uma composição coletiva. Começou por explicar o significado de cada palavra (composição e colectiva) e entregou uma ficha a cada aluno, que continha o tema da composição e o espaço para a redigirem. Para que não fossem os mesmos alunos a participarem, a professora implementou uma estratégia que se baseava na entrega de estrelas a cada fila, apenas se todos os elementos da mesma participassem.

A professora foi sempre ouvindo e aproveitando as ideias dos alunos e escrevia no quadro a composição.

Depois do intervalo, os alunos terminaram esta tarefa e de seguida organizaram as fichas realizadas até então por disciplina e de seguida por data, guardando no *dossier* da sala.



## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A professora realizou uma composição coletiva, onde retirou ideias de todos os alunos que participavam ativamente na aula e também às dos mais inibidos. No que respeita à escrita coletiva é bastante enriquecedora para a aprendizagem das crianças pois incentiva a criatividade, a socialização e é uma partilha de ideias na sala de aula.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987), as opiniões dos alunos dirigidas em grupos “são essenciais para motivar os alunos a redigir; servem para mostrar-lhes as necessidades dos leitores ou ouvintes, e para ajudá-los a tomar decisões a fim de melhorar a composição” (p. 214).

Deste modo, devemos aplicar esta estratégia em sala de aula, tornando as aulas dinâmicas e enriquecedoras para a aprendizagem dos alunos.

## **Segunda-feira, 8 de outubro de 2012**

Neste dia, um menino da sala levou uma tartaruga. Apresentou o seu animal de estimação, contando a sua história e algumas curiosidades acerca do mesmo. De seguida os colegas fizeram algumas perguntas sobre a tartaruga e esta foi mostrada à turma no final.

Posteriormente, a professora fez a correção do trabalho de casa: uma situação problemática do caderno elaborado pela mesma.

Seguidamente, na aula de Matemática, aprenderam a fazer o diagrama de caule e folhas e fizeram exercícios práticos para consolidação da matéria.

Depois do recreio, em Português, abordaram o campo lexical das palavras.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O facto de os alunos poderem levar o seu animal de estimação para a escola, desde que com aviso prévio, tem muitas vantagens para o processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal dos mesmos. O aluno pode partilhar com os seus colegas o seu animal, contando como o obteve, o seu nome, referindo algumas características do mesmo, etc.. Por outro lado, os seus colegas têm a oportunidade de observar um animal

que provavelmente nunca viram ao vivo, tirando as suas conclusões e explorando as características do mesmo.

A observação direta do animal, proporciona aos alunos a análise e reflexão sobre as características do mesmo, aprendidas na área de Estudo do Meio. Segundo Sherwood, Williams e Rockwell (1987), “o método mais elementar e importante é a observação. A utilização dos sentidos do olfacto, tacto, paladar, ouvido e vista para registar informações sobre objectos e resultados constitui um degrau essencial para alcançar todos os progressos científicos futuros” (p.18)

Tendo em conta o plano curricular elaborado pelo Ministério de Educação (2006), na área de Estudo do Meio, nesta faixa etária, os alunos já deverão ter aprendido a “observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo” (p.116)

Desta forma, o professor deve proporcionar momentos de contacto com os animais na sala de aula ou noutros locais mais apropriados, e refletir com os seus alunos os conhecimentos que já adquiriram acerca dos mesmos.

### **Terça-feira, 9 de outubro de 2012**

Neste dia dois alunos irmãos levaram uma rã para a escola, um dos seus animais de estimação. Tal como no dia anterior, os alunos apresentaram o animal, partilharam algumas curiosidades sobre o mesmo e passaram por todas as crianças para a visualizarem.

De seguida a professora dialogou com os alunos sobre a festividade deste dia, pois foi o dia internacional do correio. Falou sobre a carta e seus constituintes, incluindo o envelope. Posteriormente os alunos escreveram uma carta a um colega da turma.

Depois do reforço da manhã, na aula de Matemática, exploraram o material Blocos Lógicos. A professora lembrou os atributos deste material e realizaram a seguinte atividade: cada dois alunos tinha uma folha plastificada à sua frente que estava dividida ao meio. Num dos lados continha imagens das diferentes peças e um código pelo qual se teriam de orientar e organizar. O objetivo da atividade era mudar as peças que estavam nas imagens por outras peças de acordo com o código apresentado, como por exemplo: a peça triangular será mudada pela peça quadrangular, mantendo os restantes atributos.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Os Blocos Lógicos são um material de Matemática visíveis, maioritariamente, no ensino pré-escolar. No entanto, foi com muito agrado que pude observar este material nesta faixa etária e a forma como a atividade foi adaptada.

A tabela que a professora distribuiu deveria ser completada com mais rapidez e destreza, mas observou-se bastante dificuldade por parte dos alunos no preenchimento da mesma. Por vezes, os professores do 1.º ciclo do ensino básico deixam de trabalhar com alguns materiais didáticos e esse facto tem consequências quando este volta a ser trabalhado.

O professor deve inovar nas suas atividades e no uso dos materiais de Matemática, pois segundo Caldeira (2009b), “existem inúmeras actividades que podemos fazer com as crianças para que elas desenvolvam as suas capacidades ao nível das noções matemáticas básicas” (p.369)

Esta atividade que foi realizada em sala de aula permitia desenvolver o raciocínio lógico-matemático e, referindo Canals (1992, citado por Caldeira, 2009b), este “inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos” (p.364)

Desta forma, devemos apelar ao uso dos materiais, desde que sejam adaptados ao nível de ensino em questão.

## **Sexta-feira, 12 de outubro de 2012**

Nesta manhã, a professora começou por dialogar com a turma sobre os maus resultados que obtiveram num exercício ortográfico, tendo-se verificado muitos erros. A professora alertou-os para o facto de se encontrarem no 4.º ano e ainda darem bastantes erros, muitas vezes por falta de atenção. O referido exercício foi para a avaliação e foram registados os resultados obtidos.

De seguida, fizeram a correção deste exercício no quadro.

Depois do recreio, a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Português com exercícios gramaticais. Após dado algum tempo para os alunos realizarem a mesma, eu corriji com eles a parte da frente e a minha colega a parte de trás.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A ortografia deve ser trabalhada a partir do momento em que a criança tem contacto com a escrita, no entanto, de acordo com Baptista, Viana e Barbeiro (2011), “no 1.º Ciclo, a aprendizagem formal da escrita (e da leitura) é marcada pela necessidade e sistematização do conhecimento das convenções ortográficas.” (p.50)

A ortografia é bastante importante para a criança para poder transmitir para a escrita, exatamente aquilo que necessita escrever. Se a escrita for fluida e com uma ortografia correta, o aluno terá mais à-vontade para redigir. Segundo os autores, o desafio da aprendizagem da ortografia é de “libertar rapidamente o aluno da sobrecarga de problemas nesse domínio, a fim de deixar espaço para a conquista das funções e potencialidades da escrita, na vertente expressiva, na vertente relativa à exploração e organização do pensamento” (p.50).

Os autores também referem o seguinte:

“Com o desenvolvimento das competências de leitura e de escrita a criança adquire maior contacto com a forma escrita das palavras e vai constituindo, de forma consistente, o seu léxico ortográfico, sabendo, sem qualquer hesitação, como se escrevem muitas palavras, não precisando de despender esforço a pensar nos sons que as constituem. Deste modo, dependerá em menor grau do recurso à via fonológica e poderá ultrapassar algumas das limitações que esta apresenta.” (p.54)

Desta forma, devemos ter sempre em conta a correção da ortografia nos trabalhos escritos dos alunos e, sempre que possível, ensinar e trabalhar as regras fundamentais para uma escrita correta. Também seria muito interessante, enquanto futura professora, criar jogos lúdicos sobre esta temática para aplicar em sala de aula.

## **Segunda-feira, 15 de outubro de 2012**

Nesta manhã, a professora começou por distribuir um texto lacunar da “Menina do Mar” de Sophia de Mello Breyner Anderson. O texto foi lido pela professora e as palavras que teriam de ser colocadas nos espaços em branco, foram aquelas em que os alunos tinham mais dificuldade. De seguida corrigiram o mesmo no quadro e os alunos verificaram os seus erros.

Enquanto a atividade anterior decorria, dois alunos saíram da sala acompanhados por uma professora, para terem apoio ao estudo.

Depois do recreio, corrigiram duas fichas de trabalho de Matemática, para revisão da matéria.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Relativamente a esta manhã de estágio, quero referir a importância do estudo acompanhado e do apoio ao estudo que é dado habitualmente a alguns alunos da turma. Estes têm mais dificuldade na aprendizagem e durante a semana têm um horário definido em que se encontram com uma professora de apoio para os auxiliar na temática que sentem mais dificuldade.

O professor de apoio deve ajudar o aluno nas suas dificuldades e deve transmitir-lhe motivação para se esforçar e aprender, pois esta influencia o processo de ensino-aprendizagem do aluno. Segundo Cosme e Trindade (2001), “motivar alguém para aprender tem mais a ver com os estímulos e os reforços externos propostos pelo professor do que com a qualidade do protagonismo dos alunos na relação que estabelecem com as tarefas” (p.15).

Para além do que foi referido, o professor deve ajudar o aluno a organizar as suas tarefas, a aplicar-se mais na resolução das mesmas e a criar um bom ambiente que estimule a aprendizagem. De acordo com os mesmos autores, “aquilo que leva o aluno a desejar aprender e a persistir nas aprendizagens escolares tem a ver, sobretudo, com o modo como se criam e organizam os ambientes educativos e as actividades que aí se desenvolvem” (p.16)

Visto que este apoio é dado de uma forma mais individualizada, penso que o facto de os alunos irem para um local mais reservado e calmo, é uma vantagem para se poderem concentrar. Para além de terminarem os trabalhos que têm em atraso, os alunos são ajudados os temas que têm mais dificuldade.

Dentro de todas as dificuldades que o aluno possa ter, o docente deve garantir que tudo faz para melhorar a sua aprendizagem, compreensão e, principalmente, a motivação que o aluno tem em aprender e saber mais.

### **Terça-feira, 16 de outubro de 2012**

Nesta manhã os alunos fizeram a ficha de avaliação de Matemática.

Depois do recreio, realizaram exercícios em que tiveram de completar formas verbais com “ss” ou “-se”. A professora corrigiu o exercício no quadro, quando terminaram.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Os exercícios que os alunos realizaram, para completarem com formas verbais, desenvolve a consciência fonológica no processo de aprendizagem. De acordo com Freitas, Alves e Costa (2007), podemos definir consciência fonológica como a “capacidade de explicitamente identificar e manipular as unidades do oral” (p.9)

Por vezes a conjugação destas formas verbais causa alguma confusão nos alunos e através deste tipo de exercícios eles tomam consciência da utilização correta de cada terminação. Desta forma devemos apelar pela resolução deste tipo de exercícios.

### **Sexta-feira, 19 de outubro de 2012**

Neste dia de estágio, a professora trabalhou com o material *Cuisenaire*. Fez revisões sobre a multiplicação, expressões numéricas e o perímetro.

Depois do intervalo iniciaram a leitura do livro “Fantástico Senhor Raposo” de Roald Dahl. A professora sentou os alunos no chão, em forma de círculo. Leram o primeiro capítulo, responderam a perguntas de interpretação e fizeram a seguinte atividade: inventar uma música e uma dança para aplicarem a letra da canção que se encontra no livro.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Durante esta atividade, os alunos estiveram bastante interessados, empenhados e divertidos.

Segundo Verderi (2000), a dança deve proporcionar “oportunidades para que o aluno possa desenvolver todos os domínios do comportamento humano e, através de diversificações e complexidades” (p.32).

A dança contribui para o desenvolvimento da criança e insere-se na educação pelo movimento. Também é uma forma natural de a criança se expressar através do movimento e expressões.

Para Sousa (1979), a dança relaciona a criança, “envolvendo-a na acção imediata do presente; ela apela à imaginação e à criatividade da criança, envolvendo-a em acções imaginárias; ela proporciona um conhecimento, pelo movimento, do espaço e uma participação comunitária em experiências rítmicas de grupo. (p. 10)

A dança proporciona às crianças momentos de descontração e divertimento, ao mesmo tempo que se empenham numa atividade escolar.

## **Segunda-feira, 22 de outubro de 2012**

Esta manhã estava programada para ser lecionada por mim. Iniciei-a por dialogar com os alunos sobre o fim de semana, hábitos de leitura e música, fazendo assim o acolhimento dos mesmos.

Comecei a lecionar a área de Português, distribuindo um texto, que estava dividido por parágrafos, a cada dois alunos. Estes tiveram de ler e construir o texto de forma sequencial e lógica. Depois de verificarmos o que todos tinham feito e distribui o texto original. Fizemos a leitura do mesmo e definimos algumas palavras-chave. De seguida entreguei uma base em folha de papel plastificado a cada par de alunos para colocarem o texto dividido em cima, no local correto (introdução, desenvolvimento ou conclusão). Corrigimos e coloquei algumas perguntas.

Em Matemática apresentei um cubo de grandes dimensões. Falámos sobre as características do mesmo e de seguida distribui sólidos geométricos pela turma. Dialogámos sobre cada um deles, referindo as suas características específicas. Introduzi o conceito de poliedro e não poliedro e realizaram uma ficha de trabalho.

Posteriormente ao intervalo lecionei a área de Estudo do Meio entregando envelopes a todos os alunos. Esses envelopes estavam divididos em três grupos, e cada um deles continha uma imagem ou uma palavra-chave que levava os alunos a descobrirem qual a medida de prevenção que têm de ter em conta, antes, durante e

depois de ocorrer um sismo. De seguida apresentei um *Powerpoint* sobre o tema. A planificação desta aula encontra-se no Capítulo 2.

### **Inferências**

Durante esta manhã fui-me apercebendo de alguns erros que cometi, principalmente nas estratégias que preparei para as diferentes áreas. Devia ter optado por atividades mais dinâmicas, de forma a entusiasmar os alunos e não tornar a aula monótona.

Na aula de Português, no texto que distribui aos alunos, havia muitas palavras difíceis e em vez de ter feito esse esclarecimento em voz alta, deveria ter colocado as palavras por baixo do texto com o seu significado, criando uma chave semântica. Desta forma, perdi bastante tempo.

Na aula de Matemática devia ter explorado mais o material que usei.

Contudo, apesar destes erros que cometi, tomei consciência dos mesmos e refletir sobre as minhas práticas pedagógicas como tenho feito até então. Percebi que é bastante importante, estabelecer objetivos nas aulas e criar palavras-chave para me ajudarem a atingi-los.

### **Terça-feira, 23 de outubro de 2012**

Neste dia, os alunos fizeram a prova de Estudo do Meio. Durante a realização da mesma, alguns conversaram. Depois da professora os alertar várias vezes, esta retirou a ficha.

Depois do intervalo, realizaram uma ficha de Matemática sobre a leitura de números.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Mais uma vez gostaria de referir que a imposição de regras na sala de aula é bastante importante para garantir o bom funcionamento das aulas e o controlo da



disciplina dos alunos. No entanto, para que assim seja, essas regras têm de ser regidas com persistência. Essa persistência também leva muitas vezes à implementação de consequências, caso os alunos não correspondam totalmente às regras impostas.

No caso que observei em sala de aula, a professora, ao deparar-se com o incumprimento das regras por parte dos alunos e depois de consecutivas chamadas de atenção, tomou medidas e retirou as fichas de avaliação. Segundo Amado (2000), “é quando ocorrem violações à regra e o professor se vê obrigado a intervir, de algum modo, que essas regras ganham visibilidade” (p.101)

Segundo Hargreaves (1972, citada por Amado, 2000), “o desvio é visto ao mesmo tempo como produto e processo da interação social, fruto de um conjunto complexo de transações entre uma pessoa que se comporta de determinado modo e outra pessoa ou grupo que responde de modo peculiar” (p.102).

Neste caso que assisti, não foi apenas com um aluno, mas sim com vários, e a partir da autora referida em cima, percebemos a razão.

Também Amado (2000) refere que “não é de estranhar nem difícil de compreender que os alunos espreitem as margens de “manobra” e que, quando a ocasião se apresentar propícia, ultrapassem, mesmo, os limites do “tolerável” ao desafio às normas” (p.102)

Confesso que fiquei admirada que os alunos tivessem esse comportamento com a professora titular, pois por norma isso não acontece.

### **Sexta-feira, 26 de outubro de 2012**

Neste dia, a professora fez a avaliação da leitura. Cada criança leu, individual e silenciosamente, os capítulos 2, 3 e 4 do livro estudado em sala de aula – “Fantástico Senhor Raposo”, cujo autor é Roald Dahl. Leram em voz alta para a professora avaliar e dois meninos leram de seguida, durante um minuto para contabilizar o número de palavras que conseguiam ler nesse período de tempo. Os alunos que não tinham livro fizeram o resumo de um texto.

Depois do intervalo, a professora entregou os testes de matemática. Esclareceu os alunos quanto às notas e aos sinais de correção que poderiam encontrar no mesmo. De seguida cada aluno teve oportunidade de corrigir numa folha quadriculada os erros que cometeu.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Relativamente a esta manhã de estágio, quero referir a importância da avaliação da leitura que vem inserida no Programa de Português.

Em primeiro lugar, de acordo com o Ministério da Educação (2009), podemos definir leitura como “o processo interactivo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro apreende e reconstrói o significado ou os significados do segundo.” (p.16). A leitura não se refere apenas ao ato de ler, mas “exige vários processos de actuação interligados (decifração de sequências grafemáticas, acesso a informação semântica, construção de conhecimento, etc.)” (p.16). Todos estes processos fazem parte da aprendizagem do aluno, ao longo dos anos.

Desde cedo que as crianças contactam com as letras, palavras, frases e assim sucessivamente. A decifração das mesmas é um processo que cresce e se desenvolve ao longo do tempo, através da leitura e da escrita. O professor deve criar momentos de leitura em sala de aula, promovendo o diálogo e a decifração dos textos lidos.

Sendo um processo evolutivo, o ritmo de leitura do aluno deve ser acompanhado e avaliado pelo professor.

### **Segunda-feira, 29 de outubro de 2012**

Neste dia as turmas do 3.º e 4.º anos tiveram uma visita de estudo. Foram assistir à peça de teatro “Viagem pelo corpo humano”, no teatro Tivoli, em Lisboa. Esta peça foi produzida por “Plano 6 e UAU”. O texto é de Ana Rangel e a encenação de Cláudio Ochman.

Este musical relata a viagem pelo corpo humano da personagem principal – a Maria. No dia em que ia fazer a árvore de Natal, a Maria fica doente, com varicela. Esta começa a ganhar febre, cansaço e mais tarde as marcas da varicela no corpo todo. À parte disto é-nos mostrado como reage o corpo humano em cada órgão, e o que vai acontecendo até a Maria ficar boa.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A ida ao teatro é vista pelos alunos com grande entusiasmo. Tendo em conta Cordeiro (2010), a ida ao teatro traz as seguintes vantagens para o desenvolvimento das crianças:

“apreciação do teatro como experiência estética; progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; desenvolvimento da ideia de que é possível contar histórias aliciantes com cenários pequenos; tirar a ideia do «pronto a comer» dos efeitos especiais que abundam nos filmes, mostrando que uma pessoa, sem mais nada, tem tudo o que precisa para encantar os outros durante largo tempo; aprendizagem de que a mesma pessoa pode desempenhar várias tarefas e ser várias personagens, bastando para isso encarnar quem está, no momento, a representar; partilha de uma forma de arte comunitária, das mais antigas; aprendizagem do exercício de rigor que é decorar um texto, seguir o enredo, não atropelar as falas dos outros e entender o seu lugar de *puzzle*; aumento dos conhecimentos sobre a história e as suas personagens.” (p.424)

As peças de teatro infantis são muito bem aceites pelas crianças e estas transportam-nas para um mundo de fantasia e imaginação. É importante que o docente faça uma análise da peça antes e depois, para que os alunos estejam preparados e para que, posteriormente, percebam a mensagem da mesma.

### **Terça-feira, 30 de outubro de 2012**

Esta manhã estava programada para a colega dar aula. Começou por dialogar com a turma sobre a peça de teatro que viram no dia anterior, referindo as características do vírus da varicela e os alunos partilharam a vivência pessoal em relação a esse vírus.

Começou pela área de Português – texto poético. Entregou uma folha aos alunos em que apresentava dois textos, um narrativo e um poético. Referiram as diferenças que observavam em termos de aspeto físico. De seguida, reforçaram algumas características da poesia. A colega distribuiu uma ficha formativa que consistia na construção de um poema partindo de um original. Cada verso começava com uma letra do abecedário e tinham de terminá-lo de forma a rimar. Após a atividade, a colega distribuiu o poema original para os alunos observarem as diferenças.

Na aula de Matemática começou por apresentar uma quadra sobre o triângulo, fazendo interdisciplinaridade com a aula anterior. Apresentou um *Powerpoint* com definições de ângulo, amplitude, transferidor, etc.. Caracterizou os triângulos quanto aos

lados e aos ângulos. Distribuiu transferidores e uma placa para realizarem uma atividade que consistia em medir os lados e os ângulos dos triângulos e caracterizá-los com etiquetas.

Depois do intervalo, a colega deu os estados da água, na área de Estudo do Meio. Apresentou um *Powerpoint* sobre o tema e de seguida realizou uma atividade experimental em que mostrou aos alunos os diferentes estados da água e sua formação.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A colega usou uma estratégia de comportamento, no entanto não foi aplicada desde o início da aula, o que levou os alunos a não terem um comportamento adequado ao longo da mesma. Quando tirava estrelas aos alunos, a colega falava diretamente para o aluno em questão e devia tê-lo feito para a turma inteira.

Também nesta manhã destaco a exploração do texto poético. Este é um tipo de texto que por vezes causa alguma dificuldade, no que concerne à compreensão e exploração da informação nele inserida, por parte dos alunos.

Na exploração de um texto deste tipo, os alunos necessitam de concentrar a sua atenção apenas e somente nele, pois, de acordo com Guedes (1995), na poesia “há uma concentração, uma focalização da atenção dispersa das crianças (os contos suspendem a atenção, mas os poemas concentram-na)” (p.34)

Segundo Reis e Adragão (1992), a poesia “pode e deve constituir-se, para crianças e adolescentes, numa experiência multidisciplinar e enriquecedora, pronta a despertar a curiosidade do saber mais, ao estabelecer múltiplas relações com o sujeito e o mundo que o rodeia.” (p.175)

O texto poético traz grandes vantagens para o desenvolvimento intelectual da criança, por isso parte do papel do professor, que na organização prévia das suas aulas, insira a poesia e a explore para que as crianças percebam-na e retirem vantagens dela.

## **Sexta-feira, 2 de novembro de 2012**

Nesta manhã, ficámos na sala da professora da outra turma do 4.º ano, uma vez que foi dia de *roulemant*. Durante a manhã as crianças fizeram atividades à sua escolha na sala, e visionaram o filme “O Gru maldisposto”.

### **Inferências**

Todos os dias são maioritariamente organizados com tarefas e atividades propostas pelos professores, o que favorece o sentido de responsabilidade quer para os professores que para os seus alunos. Nestes dias, em que a equipa docente faz *roulemant*, os alunos, na maioria das vezes, fazem atividades a seu gosto na sala, como pintar, desenhar, ler, estudar, etc..

Em virtude da escola ter estagiários nesses dias, podíamos ser nós a organizar atividades lúdicas que normalmente não costumam fazer (Gincanas, Jogo da Glória, Monopólio, etc.).

## **Segunda-feira, 5 de novembro de 2012**

Esta manhã de aulas fui eu a programar. Neste dia entrou uma nova menina na escola e, por isso, comecei a manhã por fazer um acolhimento específico para ela. Todos os alunos apresentaram-se à nova colega e mostraram alguns cartazes de boas vindas. De seguida falei um pouco sobre o fim de semana.

Comecei com a área de Português, por mostrar uma imagem de uma criança feliz. Fizemos a família de palavras desta palavra e apresentei um *Powerpoint* sobre a formação de palavras – afixação.

De seguida realizaram uma atividade. Distribui uns quadros por cada par de alunos e cada quadro tinha uma forma diferente de formação de palavras e dei palavras soltas para os alunos observarem cada uma e colocarem no quadro a que correspondia o mesmo. Fiz a correção no quadro e fomos dando a explicação oralmente.

Posteriormente, na aula de Matemática, comecei por falar de simetrias e frisos. Distribui espelhos por cada aluno e imagens cortadas ao meio para que eles vissem a

outra parte, ou seja, a sua simetria. Quando regressaram do intervalo, apresentei um *Powerpoint* sobre a reflexão, translação e reflexão deslizante. De seguida fizeram uma atividade. Distribui folhas quadriculadas, fizeram o eixo de simetria com plasticina e seguidamente com figuras geometricamente iguais representaram o que tínhamos dado na aula.

Em História de Portugal sentei a turma em forma de U, no chão. Com objetos e utilizando um mapa mundo contei a história dos descobrimentos no reinado de D. Manuel I. Após dialogarmos sobre o tema, os alunos sentaram-se no lugar e apresentei um *Powerpoint* sobre a matéria dada, completando com a informação que tinha preparado.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na aula de Matemática, comecei por fazer uma breve revisão sobre o conceito de simetria e, para tal, os alunos observaram através de um espelho, a parte das imagens que faltavam, sendo estas simétricas. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “actividades com espelhos são normalmente muito apreciadas e são de grande utilidade para a formação da ideia de figuras simétricas e de eixos de simetria de uma figura.” (p.176)

Os alunos estiveram bastante entusiasmados ao poderem usar os espelhos como material e por verem o reflexo da imagem no espelho, de forma a observarem a imagem por completo.

Numa fase inicial, as simetrias são trabalhadas, segundo Ponte e Serrazina (2000), através de dobragens pois assim “os alunos podem reconhecer os eixos de simetria das diferentes figuras.” (p.176)

Também é muito interessante quando o professor explora na natureza todos os materiais simétricos, como é o caso das folhas das árvores, por exemplo e, assim, fazer interdisciplinaridade com as ciências.

No que concerne à aula de História de Portugal, os alunos estiveram atentos e curiosos com o material que ia sendo apresentado. A forma como a aula foi apresentada teve como objetivo ser diferente do que os alunos estão habituados criando, desta forma, mais interesse da parte deles.

### **Terça-feira, 6 de novembro de 2012**

Durante a primeira parte da manhã, os alunos estiveram a organizar o *dossier* da sala e terminaram trabalhos que estavam em atraso.

Depois do intervalo arrumaram umas fichas informativas no *dossier* de casa e de seguida redigiram uma carta.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A professora começou por falar da estrutura da carta, o objetivo de cada uma delas e sua importância.

Segundo Condemarín e Chadwick (1986), “as cartas constituem um tipo de composição que ocorre naturalmente quando a criança sente necessidade de comunicar algo por escrito a outra pessoa (...) os mesmos alunos podem sugerir propósitos de forma espontâneas e compor cartas coletivas” (p. 216).

Desta forma os alunos desenvolvem a capacidade da escrita e de transmitir para um texto tudo aquilo que sentem necessidade de dizer e exprimir.

Para os mesmos autores acima referidos, “as cartas podem desenvolver um nível mais avançado das destrezas de composição, porque estão destinadas a serem lidas por outra pessoa.” (p. 216)

Ao ser usada a carta, os alunos têm consciência de que se trata de um texto que é destinado a alguém e será lido por essa pessoa. Assim, aplicam-se mais na escrita e na escolha das palavras certas.

### **Sexta-feira, 9 de novembro de 2012**

Neste dia a professora solicitou à colega e a mim uma aula surpresa.

Comecei por dar iniciação às frações com o 5.º Dom de Froebel. Estabeleci um diálogo com os alunos à medida que fui distribuindo o material. Revi alguns conceitos importantes através das peças e, de seguida, partindo de uma construção abordei o tema da aula.

Posteriormente, a colega deu os verbos irregulares “ser” e “ir”, começando por fazer algumas revisões.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Relativamente à aula com o 5.º Dom de Froebel, a revisão que fiz sobre as frações, não foi muito pertinente, pois deveria ter sido mais direta e concisa nas explicações. Penso que isto deve-se ao facto de não saber quais os conhecimentos que os alunos possuíam até então, e por querer que todos percebessem o que eu explicava. No entanto, deveria ter a capacidade de ao longo da aula aperceber-me dos conhecimentos que os alunos já possuíam e adaptá-la a essas circunstâncias.

A colega deu um conteúdo gramatical: verbos irregulares. Inicialmente foi visível a dificuldade que os alunos tiveram em perceber, não só por ser um tema novo, mas também pela explicação que a colega deu.

Por vezes, os alunos sentem dificuldade na compreensão de conteúdos gramaticais. O conhecimento da língua é feito ao longo do desenvolvimento da fala de uma criança e apesar de muitas regras gramaticais serem aprendidas com o desenvolvimento da fala, nem todos são usados corretamente.

Segundo Sim-Sim (2006), “enquanto a aquisição do conhecimento implícito da língua não exige qualquer esforço por parte do sujeito falante (...), a explicitação do conhecimento implícito carece de aprendizagem consciente.” (p.126)

De acordo com a mesma autora, “o ensino da gramática é muitas vezes visto como algo “mal amado” pelos alunos, muito possivelmente porque associado a práticas respectivas e sem interesse” (p.126)

O professor deve criar atividades lúdicas com o intuito de praticar conteúdos gramaticais de forma divertida e motivadora. De acordo com a autora, “o ensino da gramática pode e deve adoptar a forma de uma reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua, orientada como uma actividade de descoberta.” (p.127)

Devemos incentivar os alunos para a compreensão de conteúdos gramaticais e para a sua aplicação na produção de textos escritos, optando por atividades e exercícios mais lúdicos.

## **Segunda-feira, 12 de novembro de 2012**

Esta manhã foi da responsabilidade da colega.



Na área de Português deu a pronominalização. De seguida deu aula de Matemática as “frações”. E, por último, em História de Portugal deu o condado de D. Manuel I.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Relativamente a esta manhã de estágio, quero referir a importância das aulas de História de Portugal. Esta área faz parte da cultura de cada indivíduo, inserida numa sociedade e num país com passado.

Na preparação de aula de História de Portugal, segundo Fabregat e Fabregat (1989), o professor deve ter em conta alguns aspetos importantes, tais como: “a) a sua estrutura cronológica; b) os seus conceitos básicos referidos no tema; c) o conteúdo do mesmo; d) a visão ou visões que existam do tema” (p.41) O professor deve ter claro tudo o que vai ensinar, tendo em conta o conteúdo das aulas anteriores e posteriores.

O professor deve ter em conta a didática praticada em sala de aula nesta área curricular e diversificar as suas estratégias de forma a manter os alunos motivados e com interesse. A hipótese de “utilização de diapositivos é uma das actividades da aula que permite melhor captação do tema.” (p.56). Contudo, o professor também deve optar por observações diretas, quando possível e na utilização de materiais inovadores.

O aluno deve ter a capacidade de analisar e explorar um texto, procurando extrair dele a mensagem essencial. De acordo com os autores, o saber “decifrar o conteúdo de um texto, a sua função de divulgação ou ideológica, a sua posição ou a sua crítica, é algo que resultará útil não só para o estudo da História mas também para a compreensão da sociedade actual.” (p.50)

Segundo Manique e Proença (1994), “se o conhecimento histórico é indispensável na construção da identidade, sob o ponto de vista pedagógico-didático é importante ter em conta o tratamento da memória longa das populações, que nos permite explicar diferentes ritmos de evolução” (p.24)

O conhecimento de história também enriquece o conhecimento e a cultura pessoal de cada indivíduo, criando opiniões e críticas da sociedade atual, tendo em conta o que sabe dos seus antepassados.

### **Terça-feira, 13 de novembro de 2012**

Nesta manhã os alunos estiveram a organizar trabalhos e a guardá-los nos *dossiers*.

Distribuíram as personagens da peça para a festa de Natal e começaram a ensaiar para a mesma.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Durante a arrumação dos *dossiers*, alguns alunos estiveram a terminar trabalhos.

O professor deve ter em atenção os alunos que necessitam de auxílio e ao ritmo de trabalho de cada um. De acordo com Arends (2008), “quando os professores ensinam conceitos devem ter presente a grande diversidade dos seus alunos e a necessidade de adaptarem o seu ensino a determinados alunos.” (p.327). Assim, o professor deve adaptar as fichas de trabalho a esses alunos, para garantir a eficácia no seu trabalho.

Os professores, tendo em conta o autor referenciado atrás, “devem estar atentos à existência de numerosas diferenças entre os seus alunos e nunca partirem do princípio que dois alunos compreendem um conceito exactamente da mesma maneira.” (p.328) este trabalho começa logo com a planificação das atividades, pois pretende-se que os professores, “durante a fase de planificação e preparação da aula, considerem as suas aulas às diversas necessidades dos seus alunos” (p.328)

Assim sendo, o docente deve saber quando e como agir, de forma a garantir que o desenvolvimento escolar dos seus alunos seja próximo o mais possível em toda a turma.

### **Sexta-feira, 16 de novembro de 2012**

Neste dia a professora da sala começou por fazer exercícios de cálculo mental, lançando dados em que os alunos tinham de fazer a adição dos valores rapidamente.

De seguida, a colega deu uma aula surpresa sobre a subtração de frações com o 5.º Dom de Froebell. A minha colega fez uma revisão da soma de frações, de forma a rever a regra e de seguida aplicou na subtração das mesmas.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A aula que a colega lecionou foi um pouco monótona e sem dinamismo. Também não revelou muitos conhecimentos relativamente à matéria que estava a lecionar na área de Matemática.

O professor deve incentivar os alunos e proporcionar-lhes momentos de maior interesse de forma a cativar a sua atenção, para tal, segundo Ponte e Serrazina (2000), referem o seguinte:

“cabe ao professor estabelecer objectivos de acordo com o currículo em vigor, planear e realizar com os alunos experiências de aprendizagem diversificadas e estimulantes, organizar momentos de discussão e de reflexão, fazer com que eles se comportem de acordo com as normas sociais valorizadas na comunidade e estabelecer uma atmosfera de aprendizagem” (p.15)

No que concerne à área de Matemática, o professor deve adquirir um vasto conhecimento da matéria que leciona, “para isso tem de conhecer bem os conceitos, técnicas e processos matemáticos que intervêm neste nível de escolaridade.” (p.15)

O professor deve ser completo a nível profissional e ter a vontade de evoluir neste aspeto. Quantos mais conhecimentos tiver, melhor será sua prática de ensino e aprendizagem, na transmissão de conhecimentos e valores em sala de aula.

### **1.8. 8.ª Secção**

**Período de Estágio:** 18 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013

**Faixa etária:** 8 anos/ 3.º Ano

**Professor Cooperante:** A

#### **1.8.1. Caracterização da turma**

A turma do 3.º ano é constituída por 27 alunos: 14 do género feminino e 13 do género masculino.

A turma, de uma forma geral, apresenta um nível de maturidade correspondente à faixa etária. Quatro alunos apresentam dificuldades.

No início do ano letivo, apesar de toda a turma ler, alguns alunos liam de forma considerada abaixo da média para o nível de ensino. No que refere à interpretação, respondiam à maioria das questões orais mas revelavam alguma dificuldade quando esta era escrita. No que toca à escrita, a maioria dos alunos cometia muitos erros ortográficos, mesmo quando copiava.

Na área de Matemática, revelavam dificuldades acrescidas no raciocínio lógico repercutindo-se na resolução de situações problemáticas. O cálculo mental de uma forma global estava abaixo do considerado razoável para a idade.

Apesar de conversadora e irrequieta, é uma turma que adere com curiosidade às propostas apresentadas, tendo no entanto períodos d concentração, no trabalho efetuado, abaixo do desejável para o nível de escolaridade.

Todas estas informações foram fornecidas pelo professor titular de turma.

### **1.8.2. Caracterização do espaço**

A sala do 3.º Ano localiza-se no 1.º piso. É uma sala grande, apesar de não haver muito espaço entre as mesas e as cadeiras (figura 13). Numa das paredes da sala está localizado o quadro interativo e na parede oposta, o quadro que giz que, atualmente, é usado para expor trabalhos feitos pelos alunos. Na parede onde também se encontra a porta, estão os cabides onde os alunos deixam os seus pertences e na parede oposta encontram-se as janelas que dão visibilidade para a parte da frente do jardim-escola.

A sala está bem organizada, com locais identificados para a arrumação de trabalhos.

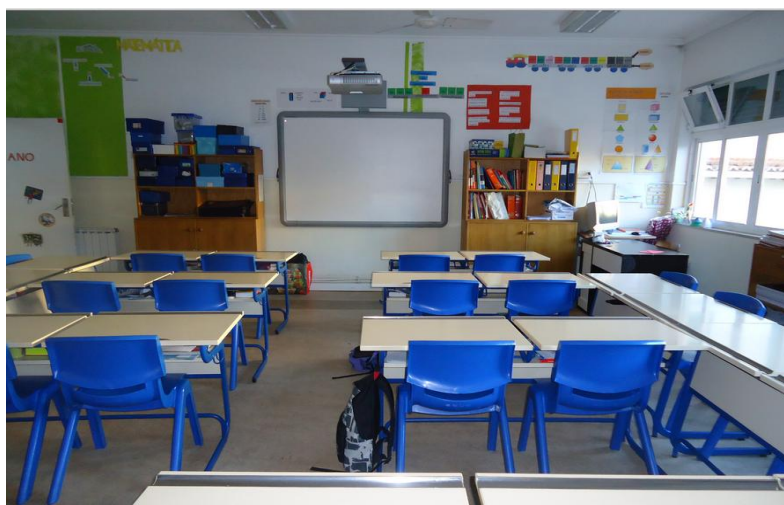


Figura 13 – Sala do 3.º Ano

### 1.8.3. Rotina diária

A rotina diária desta turma é idêntica às restantes turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### 1.8.4. Horário da turma

No quadro 10 encontra-se o horário da turma.

Quadro 10 – Horário do 3.º ano

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9.00 - 11.00	Matemática	Português	Matemática	Matemática	Português
11.00 - 11.20	RECREIO				
11.20 - 13.00	Português	Matemática	Português	Português	Matemática
				Estudo do Meio	
13.00 - 14.30	RECREIO E ALMOÇO				
14.30 - 15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Estudo do Meio	Inglês
15.20 - 16.10		Português			Música
16.10 - 17.00	Música *	Educação Física	Inglês	Educação Física*	Estudo do Meio
17.00 - 17.15	LANCHE				

### 1.8.5. Relatos diários

#### Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

O professor começou a manhã a corrigir o trabalho de casa de Matemática. Pouco tempo depois, fui solicitada para ir lecionar uma aula surpresa na turma do 4.º ano, visto que este era o primeiro dia com o 3.º ano.

Na minha aula trabalhei leitura de números inteiros com o material *Cuisenaire*.

Comecei por distribuir as caixas, perguntei como se chamava o material e pedi para abrirem as mesmas. Ditei as peças, umas ficavam unidas pela extremidade e outras cruzadas, em cima. Identificámos o número e foi lido por ordem e por classes. Também solicitei a um aluno que me dissesse se o número era par ou ímpar e a razão da sua resposta.

De seguida, num novo exercício, coloquei o número no quadro e as crianças representaram com as peças deste material. Explorei-o da mesma forma que o anterior e pedi para identificarem os algarismos de maior e menor valor absoluto e relativo. Para terminar, acrescentei zeros à direita do número de forma a torná-lo maior e voltei a lê-lo.

Depois da aula, seguiu-se a reunião com as Professoras da Equipa de Supervisão e, quando regressámos à sala do 3.º ano, os alunos estavam a fazer a distribuição das personagens da peça para a Festa de Natal.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

As reuniões que se seguem às aulas dadas pelas estagiárias, com as Professoras da Equipa de Supervisão, são bastante importantes para a nossa formação enquanto futuras professoras.

A nossa aprendizagem começa logo no primeiro contacto que temos com a realidade educativa e é aperfeiçoada ao longo do período de formação. As aulas que temos oportunidade de lecionar são avaliadas e, é através delas, que tomamos consciência dos erros que cometemos e onde colmatamos as nossas dificuldades.

É bastante importante registarmos a opinião das professoras que nos observam, quer seja a professora da sala ou a professora orientadora. No entanto, também devemos ter em conta a opinião das nossas colegas de estágio. Apesar de ser muito importante termos a consciência dos erros que cometemos, também devemos partilhá-los com as colegas e criar uma troca de experiências que sejam enriquecedoras e úteis para a nossa formação e vida profissional futura.

Segundo Arends (2008), “aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento para toda a vida, não se limitando ao período de tempo que decorre entre a primeira aula de métodos e a obtenção da habilitação profissional” (p.28)

Não é apenas no período de formação que a aprendizagem é feita, mas principalmente através da experiência profissional, ao cometer erros e corrigi-los.

Segundo o mesmo autor, os professores “tornam-se progressivamente mais competentes mediante a atenção prestada ao seu próprio processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das suas características e competências específicas” (p.28)

Ao longo da vida profissional, o professor deve tomar consciência das suas práticas educativas, com o objetivo de melhorar cada uma, apostando sempre na sua formação enquanto transmissor de conhecimento.

Para Arends (2008), “os professores eficazes devem aprender a executar métodos e procedimentos complexos mas muito eficazes. Devem também desafiar as suas próprias ideias e aprender a pensar como professores experientes.” (p.33)

O professor nunca deve ficar satisfeito com o que sabe, deve querer sempre evoluir e ser inovador nas suas práticas, apelando para o aperfeiçoamento das mesmas. Deve instruir-se ao longo da sua carreira para também adquirir maior conhecimento sobre a evolução das práticas de ensino.

A aula que lecionei não atingiu os objetivos que tinha pretendido. Gostei bastante de trabalhar com este material, no entanto, surgiu-me uma dúvida durante a aula, o que me impossibilitou de avançar nos exercícios e no grau de exigência dos mesmos. Seguidamente a esta, pude tirar a dúvida com uma das Professoras da Equipa de Supervisão.

Na minha opinião, é com a prática e com a aplicação dos nossos conhecimentos que vamos evoluindo. Ao encontrarmos as nossas dúvidas, devemos tirá-las de imediato e não induzir os alunos em erro. Certamente que na próxima vez que trabalhar com este material sentir-me-ei mais descontraída e aplicarei os meus conhecimentos sem receio de falhar.

### **Terça-feira, 20 de novembro de 2012**

No início da manhã, o professor começou por corrigir uns erros ortográficos que os alunos tinham cometido na proposta anterior.

De seguida analisaram um texto do manual, onde fizeram a leitura do mesmo. O texto era dramático por isso dividiram personagens e leram como se estivessem a

representar o mesmo. Quando terminaram a sua exploração, fizeram uma ficha de trabalho sobre o tema.

Seguidamente ao recreio, o professor explicou uma ficha de trabalho de matemática, que continha situações problemáticas. Resolveram e no fim, antes de irem almoçar, corrigiram no quadro.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Ao longo da correção das situações problemáticas houve bastante diálogo entre os alunos, partilharam opiniões e formas de resolução diferentes. A discussão na sala de aula, desde que moderada pelo professor, pode ser benéfica para a aprendizagem dos alunos, pois partilham opiniões e explicam a sua forma de pensar relativamente ao assunto em questão.

Por vezes, existem alunos que não conseguem perceber a explicação do professor mas, ao ouvirem um colega a explicar já percebem, visto que este usa uma linguagem no mesmo nível de compreensão.

Segundo Ponte e Serrazina (2000), “a discussão é o modo mais importante que pode assumir a interacção entre os alunos ou entre alunos e o professor.” (p.121)

A discussão numa sala de aula pode ter vários objetivos, pois como referem os autores “uma discussão tem sempre um objectivo, que pode ser a estratégia a seguir para a realização de uma tarefa, a avaliação de uma dada solução, o balanço do trabalho realizado ao longo de todo um período, etc.” (p.121)

Tal como referi anteriormente, o professor tem um papel fundamental na discussão, pois é ele que vai orientá-la, tendo em conta a sua estratégia. De acordo com os mesmos autores, o professor “poderá ter de assumir um papel de moderador, gerindo a sequência de intervenções e orientando, se necessário, o respectivo conteúdo.” (p.121)

O professor também deve manter-se atento durante uma discussão e conduzir os alunos para a resposta e raciocínio corretos. Na opinião dos autores, o professor “deve procurar que eles cheguem à ideia correcta, mas em vez de lhes dar de imediato a solução, poderá tentar que a alcancem através do desenvolvimento do conflito cognitivo que se evidencia nas suas intervenções” (p.122)



E ainda que “na resolução de um problema, os professores devem explorar as sugestões dos alunos, ajudá-los a avaliar as sugestões dos colegas e reflectir criticamente sobre elas, levantando objecções e implicações” (p.122)

Assim, o professor deve sempre aceitar as opiniões dos alunos e, no caso de estarem erradas, explorar com eles de forma a perceberem a razão. A discussão não se aplica apenas na área de Matemática mas em todas as outras, sempre que haja momentos de dúvida e confronto de ideias diferentes.

### **Sexta-feira, 23 de novembro de 2012**

Nesta manhã, o professor começou por dar uma aula sobre o perímetro e a área. Apresentou um *Powerpoint* e de seguida trabalhou com o material Geoplano – perímetro e áreas de figuras geométricas.

Depois do intervalo foram ver a apresentação da ilustradora Carla Nazaré no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Quando voltaram para a sala foram ensaiar para a festa de Natal.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Muitas vezes os alunos sentem dificuldade em distinguir o perímetro da área, não apenas na fórmula do seu cálculo como também na sua designação. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “é frequente pensarem que duas figuras com a mesma área também têm o mesmo perímetro e vice-versa.” (p.177)

Desta forma, o cálculo do perímetro e da área deve ser praticado e desenvolvido em sala de aula, para que os alunos tomem consciência destes dois conceitos e do que os diferencia. O Geoplano é um material usado na área de Matemática que para além de outros fins, é um excelente material para culminar estas duas matérias.

## **Segunda-feira, 26 de novembro de 2012**

Neste dia, o professor começou por corrigir uma ficha de trabalho de revisões para a ficha de avaliação de Português que se irá realizar no dia seguinte.

Depois do intervalo terminaram a correção e alguns alunos tiraram dúvidas sobre a matéria.

De seguida o professor deu leitura de números com o material Calculadores Multibásicos.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Nesta aula, o material Calculadores Multibásicos foi usado na leitura de números. Segundo as Normas (1991, citado por Caldeira, 2009b), "para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números... além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo" (p.203)

À medida que avançamos no ano de escolaridade, vamos acrescentando placas na extremidade, para que o numeral representado nas placas seja cada vez maior. As cores das peças nas unidades vão variando consoante as classes correspondentes e, os alunos vão tomando consciência disso, tornando-se mais hábeis na leitura dos números.

Confesso que estava à espera que estes alunos não revelassem tantas dificuldades.

## **Terça-feira, 27 de novembro de 2012**

Neste dia, os alunos fizeram a ficha de avaliação de Português. Depois do intervalo estiveram a ensaiar para a festa de Natal.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A preparação da festa de Natal proporciona grande entusiasmo aos alunos. Foi-lhes entregue o texto dramático, pelo qual começaram a ensaiar para a peça.

Segundo Sim-Sim (2007), “a leitura de textos de teatro e a representação dos mesmos pelas crianças é de grande importância no desenvolvimento sociocognitivo dos alunos.” (p.47)

A criança, ao ensaiar um texto dramático tem de compreendê-lo devido à expressividade que deve fazer na sua leitura. A autora refere que “o ensaio de um texto de teatro para o apresentar perante uma audiência fomenta o aprofundamento da compreensão do texto e, conseqüentemente, a expressividade da leitura oralizada.” (p.47)

Assim, “a repetição da leitura em voz alta aumenta a rapidez de processamento e permite o treino de aspectos prosódicos durante o acto de ler” (p.47)

O facto de o texto ser repetido em frente a um público, o aluno tem de pronunciar bem cada palavra e a leitura deve ser repetida na sua preparação. A autora defende que “um texto de teatro é um meio natural e autêntico para promover a repetição activa da leitura em voz alta, permitindo o ensaio para recitar ou actuar perante um público.” (p.47)

Para além da leitura, é importante ter em atenção os gestos e todos os movimentos necessários para que a compreensão do texto seja mais nítida pois, tal como indica a autora, “a leitura oralizada é mais atractiva quando acompanhada de gestos e movimentos, os quais contribuem para uma maior facilidade na memorização dos textos.” (p.47)

A representação traz muitas vantagens para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

## **Sexta-feira, 30 de novembro de 2012**

Neste dia os alunos terminaram umas fichas de trabalho de Matemática e de Português, que estavam em atraso do dia anterior.

Depois do intervalo, ensaiaram para a festa de Natal, no ginásio.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

A festa de Natal é um evento esperado com grande ansiedade pelos alunos. Este acontecimento requer uma grande preparação, tanto a nível da apresentação da peça como a organização a que esta obriga.

Uma das vantagens de todo este processo de preparação para festa recai sobre o facto de os alunos poderem socializar e comunicar uns com os outros.

Segundo Dias (2004), podemos definir a socialização como “o processo pelo qual os indivíduos recebem valores, símbolos, normas, noções de papéis sociais e sanções, que hão-de regular as formas de pensar, de sentir e de agir dos indivíduos no decorrer das suas vidas” (p.155).

Os agentes de socialização da crianças têm um papel muito importante e de acordo com Musgrave (1979, citado por Dias, 2004), esses agentes são “a família, a escola, o grupo de companheiros e os meios de comunicação de massa, pelo facto de serem estes os que mais influência exercem sobre os indivíduos, sobretudo nas fases de idade mais baixas” (p.158)

É na escola que as crianças passam a maior parte do tempo e esta têm um papel fundamental pois é aí que, de acordo com Dias (2004), “poderão colher valores e símbolos, regras de comportamento, noções de papéis sociais e sistemas de sanções sobre os quais poderão pautar os comportamentos e construir o seu projecto de vida” (p. 160).

Apesar dos ensaios para a festa de Natal serem um ponto a favor do processo de socialização, também devem ser criados momentos em sala de aula com esse objetivo. A conversa da manhã e a partilha de experiências também são muito importantes para este processo.

## **Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012**

Neste dia, dois alunos começaram por ler o “Vai e Vem”.

De seguida realizaram uma ficha de trabalho com um exercício ortográfico musical e outra ficha de trabalho sobre simetrias.

Depois do intervalo foram para o ginásio ensaiar para a festa de natal.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

O “Vai e Vem” é um caderno onde os alunos partilham as suas experiências durante um fim de semana, antecipadamente definido. O aluno responsável do caderno trá-lo na segunda-feira para a escola. Este apresenta à turma o que escreveu e desenhou, e explica o que fez. Depois dá-o a outro colega.

A partilha de experiências é bastante importante, pois enriquece a comunicação entre as crianças e com o professor.

Estanqueiro (2010), menciona que “uma boa comunicação do professor com os alunos e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem” acrescentando que “o diálogo é considerado a melhor estratégia de comunicação na sala de aula” (p.33).

Esta partilha de experiências tornam os alunos menos reservados e com maior disposição em partilhar o que pensam e sentem.

## **Terça-feira, 4 de dezembro de 2012**

Neste dia, os alunos começaram por fazer uma ficha de trabalho de Matemática com situações problemáticas. De seguida fizeram um exercício ortográfico.

Depois do reforço da manhã, os alunos foram ensaiar para a Festa de Natal, no ginásio.

## **Sexta-feira, 7 de dezembro a terça-feira, 11 de dezembro de 2012**

Durante esta semana, os alunos estiveram a ensaiar para a festa de Natal.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Uma das vantagens dos ensaios, neste caso para a festa de Natal, está assente no facto de os alunos terem de ensaiar perante muitas pessoas (colegas, professores e estagiárias) e, dessa forma, torna-os mais desinibidos. Muitas crianças são envergonhadas e quando estão perante um público, ficam ainda mais inibidas e introvertidas. Com o teatro, o aluno vê-se obrigado a perder a timidez e a falar em público.

Segundo Zimbardo (2002), “a timidez é mais frequente nas crianças do que nos adultos, pois muitos dos adultos que actualmente não se consideram tímidos conseguiram já vencer a timidez da sua infância.” (p.23)

O professor deve ser compreensivo com os seus alunos mais tímidos e deve apoiá-los de forma a conseguirem ultrapassar essa timidez. De acordo com o mesmo autor, “mostrando compreensão pelos seus problemas, ajudamo-las a vencer as dificuldades que sentem em aprender a viver num mundo adulto, complexo e instável” (p.200)

O autor também refere que as crianças “precisam talvez de que gostemos deles incondicionalmente, que os amemos aberta e livremente, de modo a poderem aceitar aquilo que são enquanto tentam tornar-se algo mais” (p.201)

O professor deve transmitir aos seus alunos que ser tímido não é ter um problema e muito menos uma doença. Por vezes essas crianças têm dificuldade em se relacionar com os seus colegas e devemos combater esse facto através do diálogo com a turma. E neste caso em particular deixar as crianças tímidas escolherem o que mais gostam de fazer, pois com certeza se sentirão mais confiantes.

## **Quarta-feira, 12 de dezembro de 2012**

Neste dia realizou-se a Festa de Natal.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Ao longo de toda a preparação para a Festa de Natal, muitos foram os intervenientes que colaboraram e ajudaram: professores, estagiários, família e pessoal não docente.

Morgado (1999) refere que “os múltiplos intervenientes e os seus diferentes papéis, torna imprescindível uma atitude de cooperação que julgamos poder ser entendida e assumida como um imperativo de natureza ética” (p. 82).

O evento requer a colaboração de muitos intervenientes pois apesar da peça ser ensaiada pelas crianças, são necessários apoios no vestuário, cenários e objetos adequados ao mesmo.

Senti-me útil como pessoa e estagiária, foi muito útil para a minha formação, pois aprendi como deve proceder e organizar futuras festas. Mais uma vez constatei que a família das crianças é essencial para partilhar e participar no que é solicitado. Segundo Lima (2002), “nos alunos, o envolvimento parental conduz a uma maior motivação, à mais aproveitamento escolar e um melhor comportamento disciplinar” (p.288).

A participação dos pais, de acordo com Bacete (1994 citado por Silveira, 2003), ajuda as crianças a terem “sentimentos mais positivos acerca da escola e consigo mesmas, um maior apreço pelo seu papel e uma percepção mais satisfatória da sua relação com os filhos”. (p.50)

As crianças, ao terem a percepção da importância que os pais têm nesta festa, sentem-se mais entusiasmadas e motivadas para garantirem uma boa atuação em palco.

## **Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012**

Nesta manhã, os alunos começaram por fazer uma ficha de Matemática em que tiveram de realizar três operações.

De seguida realizaram uma ficha de leitura e fizeram a autoavaliação do 1.º Período escolar.

## **Inferências/Fundamentação Teórica**

Os alunos estiveram a calcular e resolver operações aritméticas. De acordo com Ponte e Serrazina (2000), “calcular é lidar com certos símbolos – que representam conceitos matemáticos – transformando-os noutros símbolos de acordo com determinadas regras” (p.48)

Por vezes, conseguimos obter o resultado imediato de cálculos, através dos dados que nos são apresentados. No entanto, como referem os autores, “outros cálculos exigem um certo número de passos, tornando necessário o uso de um instrumento ou um modo de registo auxiliar” (p.48) Assim, podemos também podemos afirmar que “um cálculo aritmético pode ser executado de três maneiras basicamente diferentes: mentalmente, por escrito ou com recurso a uma calculadora” (p.48)

Quando o cálculo é composto por muitos dados ou por dados de grandes dimensões, recorremos ao uso da escrita para o resolver, ou seja, ao algoritmo.

O cálculo não é apenas realizado através de algoritmos mas também com o uso de objetos e materiais manipuláveis. O cálculo está presente no dia a dia de qualquer pessoa e é útil em qualquer ocasião. Deve ser desenvolvido o mais possível pelas crianças, garantindo assim uma boa eficácia na sua resolução.

## **Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013**

Esta manhã de estágio estava programada para ser da minha responsabilidade. Comecei por dialogar com a turma sobre as férias de Natal, à medida que ia fazendo o acolhimento dos alunos que chegavam, até que todos os alunos chegassem. Li a história do dia de António Torrado, intitulada “A gaivota que não queria ser”.

Na área de Português tive como tema “A notícia”. Apresentei um jornal e falámos sobre os diferentes jornais que existem, se são gratuitos ou não, a periodicidade com que saem, e os temas que podem ter. De seguida apresentei um *Powerpoint*, onde foi referido a estrutura de um texto noticiário. Quando terminei, distribui uma ficha formativa que continha, cada uma, uma notícia diferente e atual. Os alunos tiveram de identificar as diferentes partes constituintes da mesma e as informações essenciais que o Lead continha em cada uma.



Às 10h 30m, os alunos tiveram a “Hora do Conto”, no ginásio com as restantes turmas do 1.º ciclo e ouviram histórias sobre os reis.

Quando voltámos para a sala, já depois do intervalo, terminei a aula de Português e iniciei a aula de Matemática – múltiplos de um número inteiro. Comecei por apelar ao conhecimento dos alunos e perguntei se sabiam o que era um múltiplo. Apresentei um *Powerpoint* sobre esse conteúdo. De seguida, fizeram uma atividade em que distribui uma caixa a cada par de alunos que estava identificada com algarismos. Juntamente entreguei cartões com números. O objetivo da atividade era que procurassem os múltiplos do número que identificava a caixa. Por exemplo, quem tivesse uma caixa identificada com o 6, teria de colocar todos os números que fossem múltiplos de 6. Quando terminaram, fiz a correção no quadro.

Na área Estudo do Meio fiz interdisciplinaridade com a de Português e comecei por falar do jornal como um meio de comunicação. Dialogámos sobre este tema e distribui uma tabela e imagens de meios de comunicação. A tabela estava dividida em meios de comunicação social e pessoal. Os alunos, tiveram de colocar as imagens no local correto. De seguida apresentei um *Powerpoint* sobre o tema, onde referia e dava a conhecer a evolução dos meios de comunicação até à atualidade e a importância e os cuidados a ter com a Internet.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A área de Estudo do Meio é uma das que desperta bastante interesse nas crianças, pois são discutidos temas do dia-a-dia que estão relacionados com a vida das mesmas.

Nesta aula foram referidos os diferentes meios de comunicação e as suas funções. Este tema recai sobre o uso das novas tecnologias e segundo Catita (2007), “é conveniente explorar a excelente capacidade das crianças destas idades de se deslumbrarem com as novas tecnologias” (p.58)

O contacto entre as pessoas é muito importante, tal como o diálogo. Devemos mostrar aos alunos a importância que os meios de comunicação têm nas nossas vidas e dar especial atenção ao uso da internet, para que estejam ocorrentes das desvantagens do uso da mesma e os cuidados que devem ter.

O diálogo que mantive com os alunos agradou-me muito, pois percebi que estiveram interessados pelas questões que iam colocando e pelas experiências que queriam partilhar.

### **Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013**

Nesta manhã, o professor, os estagiários e os alunos foram a uma visita de estudo ao Diário de Notícias, na Avenida da Liberdade. Dirigimo-nos a pé, visto ser perto, e fomos acompanhados por dois polícias.

Na visita, conheceram a forma como é feito um jornal, os seus procedimentos, organização e também o tempo que demora. Também falaram da importância das notícias, da forma como são escolhidas, organizadas e toda a sua estrutura. Aprenderam o que deve conter e quais as partes da capa de um jornal. Por fim, dirigiram-se para os computadores e cada um fez a sua capa de jornal personalizada. Quando ficou pronta foi impressa e cada aluno ficou com a sua.

Quando regressaram à escola apresentaram à turma os postais que fizeram durante as férias.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na visita de estudo ao Diário de Notícias, as duas turmas do 3.º ano mantiveram-se juntas, quer na explicação cedida pelos responsáveis do jornal, quer na atividade que fizeram no final da mesma, partilhando ideias.

Segundo Freitas e Freitas (2002), “o ser capaz de partilhar sentimentos, de ouvir sem interromper, esperando pela sua vez de intervir, de mostrar simpatia pelas ideias dos outros, ainda que não concordando com elas, de encorajar quem se mostre desanimado” (p.31). A partilha de experiências e as questões que foram colocadas, deram muito dinamismo à visita.

Os alunos mantiveram a disciplina e o bom comportamento. Aproveitaram esta experiência mostrando-se empenhados e interessados.

### **Terça-feira, 8 de janeiro de 2013**

As colegas estagiárias, da Licenciatura em Educação Básica, deram uma aula, com a duração de 15 minutos cada uma.

A primeira deu a importância do ar e a poluição atmosférica. Apresentou um *Powerpoint* sobre o tema e explicou-o.

A outra colega deu o tema “Exposição Solar”. Também apresentou um *Powerpoint* sobre o mesmo. Levou material (um chapéu, um creme, baton, água e óculos) e colocou-os numa aluna que foi a figurante. Quando terminou distribuiu uma ficha formativa que realizaram em conjunto.

De seguida, dei uma aula “surpresa” - resolução de uma ficha formativa de Matemática sobre as medidas de comprimento. Explorei a ficha, lembrando as medidas de comprimento e a sua unidade principal. À medida que ia resolvendo a ficha apelei à participação dos alunos, oralmente e por escrito no quadro.

Depois do reforço da manhã, os alunos leram um texto do manual, ouviram a leitura no computador e descobriram alguns significados de palavras e expressões que o mesmo continha.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

É importante que antes das crianças aprenderem as medidas de comprimento, tenham bem presente nas suas mentes a noção de comprimento. Para Ponte e Serrazina (2000), “antes das crianças começarem a medir comprimentos de objectos ou distâncias entre objectos devem desenvolver um conjunto importante de destrezas e conceitos.” (p.195)

Quando iniciam a aprendizagem deste conteúdo “devem construir instrumentos para medir comprimentos e utilizá-los, por exemplo tiras de cartão, folhas de papel, fios, etc. estas actividades fazem com elas se familiarizem com unidades de medida de comprimento.” (p.195)

### **Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013**

Esta manhã de estágio foi da responsabilidade da colega.

No início da mesma, um dos alunos apresentou o livro que leu, através de um *Powerpoint*, que continha toda a informação.

De seguida, a colega iniciou a sua aula colocando um quebra-cabeças de Matemática no quadro. Os alunos conseguiram resolver o primeiro desafio, mas o segundo não, pois tratava-se de divisores de um número. O tema da aula de Matemática era os divisores e a colega não terminou o desafio. Explicou no quadro interativo o que era um divisor e deu o exemplo de 12 para calcularem os seus múltiplos. Distribuiu uma ficha formativa e o material *Cuisenaire* para descobrirem quais os divisores de números através das peças. De seguida explicou que através da tabela da multiplicação também conseguimos descobrir quais os divisores de determinado número.

Na área de Português, os alunos leram um texto e depois a colega leu-o em voz alta. O texto era constituído por falas, apenas com duas personagens. Depois foram escolhidos dois alunos que voltaram a fazer a sua leitura. De seguida foi feita a interpretação e exploração do texto. Quando terminou, dialogou sobre a diferença entre os determinantes e os pronomes.

Na aula de História de Portugal distribuiu imagens à medida que ia apresentando um *Powerpoint* e explicava o que aconteceu relacionado com a imagem.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Na preparação das aulas de História de Portugal, o professor deve reunir um grande leque de informação e de factos históricos. O professor não deve apenas basear-se nos manuais, mas também em toda a informação que conseguir reunir, sempre que possível.

Segundo Manique e Proença (1994), os arquivos locais “bem explorados e correctamente aproveitados, são um excelente recurso ao serviço do professor para desenvolver com os seus alunos projectos de aprendizagem que não se restrinjam à simples informação, mas contribuam para a sua formação intelectual e cívica.” (p.25)

De acordo os mesmos autores, “o professor dispõe de variadas fontes, de fácil acesso nos arquivos locais, que permitem realizar diversos trabalhos que, sem perder de vista o carácter global inerente a qualquer estudo histórico, podem incidir sobre os aspectos parcelares da realidade histórica” (p.28)

O professor deve reunir o máximo de informação e, se possível, equilibrando com o do meio envolvente da escola. Dessa forma as aulas tornam-se mais motivadoras e interessantes para os alunos.

### **Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013**

Esta manhã de aulas foi organizada, novamente, pela colega.

Em primeiro lugar, como é habitual, um aluno apresentou o livro que leu nas férias de Natal e outro aluno o “Vai e Vem”.

Na aula de Português, a colega deu a Banda Desenhada. Falou sobre algumas personagens da BD e apresentou um *Powerpoint*. De seguida distribuiu uma a cada aluno e escreveram as falas das personagens que se encontravam nas vinhetas.

Na aula de Matemática, a colega começou por contextualizar com um problema. Falou das medidas de capacidade, seu conceito e começou pela unidade principal - o litro. Trouxe um recipiente com um litro de capacidade. Começou pelos submúltiplos e depois passou para os múltiplos.

Na área de Estudo do Meio deu os perigos do consumo do tabaco, drogas e álcool. Começou por fazer uma experiência sobre o tabagismo em que mostrou como são os pulmões das pessoas que fumam. De seguida apresentou um *Powerpoint* sobre o tema e foi dialogando com os alunos sobre o mesmo.

### **Inferências**

Na aula de Matemática, achei interessante o facto de a colega levar para a aula recipientes com medidas de capacidade e água para apresentar à turma. Na minha opinião, devia ter usado corante alimentar para dar cor à água e, dessa forma, os alunos conseguirem visualizar melhor a medida respetiva de cada recipiente.

### **Terça-feira, 15 de janeiro de 2013**

No início da manhã, houve a apresentação dos livros que dois alunos leram. De seguida fizeram um desafio da divisão que consistiu em distribuir uma operação de

dividir e resolvê-la durante 3 minutos. Quem teve a operação certa recebeu um autocolante.

Terminaram uma ficha formativa e fizeram uma outra ficha para reverem os determinantes e pronomes demonstrativos.

De seguida a colega deu a aula “surpresa”, resolvendo uma ficha formativa de Matemática – medidas de capacidade.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A divisão é uma operação aritmética tal como a adição, subtração e multiplicação. Esta, por vezes, torna-se mais confusa para os alunos e requer mais empenho e treino por parte deles.

As crianças devem ser estimuladas para esta operação desde cedo, assim que o seu nível de ensino o permitir. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “as crianças devem ser desafiadas a resolver problemas de divisão através dos seus próprios processos, com o auxílio de materiais manipuláveis ou não.” (p.154) Inicialmente, o uso de materiais manipuláveis pode fazer toda a diferença na compreensão desta operação.

Com o avanço gradual da resolução de divisões, também é importante os alunos terem a ideia de que não existem apenas uma forma de descobrir o quociente de uma divisão. Tal como referem os mesmos autores, “a primeira ideia que os alunos devem adquirir é que não há um único processo para calcular um quociente” (p.154)

A divisão deve ser encarada como mais uma das operações que os alunos conhecem e não fazerem dela um impasse para a aprendizagem. O professor deve partir do verdadeiro significado de divisão e conduzir os alunos para a compreensão do mesmo, tornando, posteriormente, o seu cálculo de mais fácil compreensão.

### **Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013**

Os alunos apresentaram os seus livros e, de seguida, fui observar a aula “surpresa” de uma colega na sala do 3.º ano. Esta deu o perímetro com o material *Cuisenaire*. Trabalhou o perímetro sempre com a peça branca, não passando para a real medida das peças de cor.

Depois da reunião de estágio com os professores, os estagiários e os professores da Equipa de Supervisão, fomos ter com a turma que estava a assistir a uma peça de teatro.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A minha colega referiu, quando tirou a dúvida a uma criança que duas retas cruzadas chamavam-se perpendiculares (quando estas não faziam um ângulo reto entre si). Isto levou a que os alunos se sentissem um pouco confusos.

Na explicação do cálculo do perímetro, a colega explicou apenas de uma forma, sugerindo sempre que usassem apenas a peça branca.

O docente deve diversificar as suas estratégias e os métodos de ensino, pois nem todos os alunos compreendem de forma igual e ao serem diversificadas, tomam consciência as inúmeras formas de resolver, neste caso, o perímetro, aperfeiçoando a noção do conceito.

Segundo Sansão, Castro e Pereira (2002), “a maior parte das vezes, não são os assuntos que estimulam o interesse do aluno, que o motivam; tal é determinado pelas estratégias que o professor utiliza para ir ao encontro do diferente modo de aprender dos alunos” (p. 1).

Infelizmente a colega não dominava os conteúdos, o que a levou a enganar-se e a não conseguir diversificar as estratégias.

### **Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013**

Esta manhã de aulas foi organizada por mim. Comecei com a aula de Português com o tema de expressão escrita – texto narrativo. Distribui um texto da Alice Vieira. Fiz a leitura modelo e de seguida pedi a alguns alunos para lerem. As perguntas de interpretação foram feitas em *Powerpoint*, onde também explorei o texto narrativo, referindo a sua estrutura. O texto dado em aula falava de dois brinquedos que estavam dentro de uma caixa e, posteriormente, apresentei uma caixa com dois objetos – um pião e uma bola, e escrevemos uma composição coletiva baseada no texto mas com personagens diferentes.

Na aula de Matemática, tive como tema “perímetros equivalentes”. Apresentei um *Powerpoint* sobre o tema e fui apelando aos conhecimentos dos alunos. Depois dei material, tendo antes explicado a atividade que iam realizar. Cada aluno tinha figuras geométricas, régua, tabela, etiquetas, lápis e folha de cálculo. Tiveram de medir e achar o comprimento de cada lado da figura e, de seguida, calcular o perímetro de cada uma. Quando descobriam o perímetro, colocavam na tabela a etiqueta com o perímetro correto.

Na aula de História de Portugal, dei a “Formação do Condado Portucalense”. Fiz um pequeno resumo da matéria anterior e apresentei um livro sobre esta temática. De seguida fizemos um jogo de perguntas em que dividi a turma em dois grupos e a cada pergunta respondida corretamente, recebiam uma esfera que significava o número de terras conquistadas.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

A maior dificuldade que senti nesta manhã de aulas que programei, insere-se na aula de Português, quando tive de escolher uma das ideias dos alunos para colocar no texto escrito que produzimos em conjunto. Tentei sempre aproveitar as ideias de todos os alunos, mas foi bastante difícil pois eram muitas.

Na aula de Matemática, os alunos estiveram bastante motivados e interessados, pois disponham de várias materiais com que iam trabalhar. Isso levou-os a sentirem a responsabilidade de usarem tudo de forma adequada.

Segundo Martins *et al.* (2009), as aprendizagens que a criança realiza “decorrem principalmente da ação, da manipulação que faz dos objetos que tem à sua disposição (...)” (p. 12).

Como já foi referido neste relatório, o uso de materiais torna as aulas mais dinâmicas e interessantes, não só em Matemática mas também em todas as áreas curriculares, consoante os que se utilizavam.

A planificação da aula de Matemática encontra-se no Capítulo 2.



### **Terça-feira, 22 de janeiro de 2013**

Neste dia foram distribuídas fichas informativas para os alunos estudarem em casa.

Fizeram a divisão da semana e uma ficha de matemática que foi corrigida. De seguida começaram a ler o livro “O menino-árvore” de Luísa Costa Cabral.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

Nesta manhã de estágio quero referir a importância da leitura e exploração de uma obra infantil na sala de aula. O professor deve diversificar a forma como explora o livro e incentiva os alunos sempre para a sua leitura. A professora da sala, organizou a mesma de forma a criar condições mais agradáveis para a leitura do livro, fez algumas perguntas sobre o mesmo, diversificou a leitura e por fim realizou uma atividade com os alunos. Ou seja, ao longo da exploração da obra, a professora foi diversificando as estratégias e, desta forma, cativando os alunos para a mesma.

Segundo Guedes (1995) “a leitura pode e deve ser criativa, porque ela é uma provocação à escrita” (p.49) de acordo com o mesmo autor, “não se trata de transformar todo o leitor em escritor, mas de lhe dar esse desejo.” (p.49) Tendo em conta as últimas citações, a forma como a leitura é realizada implica muito o interesse e a motivação do aluno não só pela obra em questão, mas pela aspiração de escrever e produzir documentos escritos.

Por outro lado, segundo Magalhães (2009), “os textos destinados ao público infantil aparecem profusamente ilustrados e com um corpo de letra ampliado, ajustados a um leitor em fase de alfabetização” (p.129) Este facto também leva os alunos, numa primeira abordagem e contacto com o livro, a sentirem-se curiosos pelo mesmo.

### **Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013**

Para este dia o professor tinha preparado um desafio que lançou à colega e a mim – fazermos revisões para os testes que seriam na próxima semana. A minha colega lembrou as frações e eu lembrei alguns conteúdos gramaticais, tais como:

determinantes, pronomes, complemento indireto, pretérito mais-que-perfeito do indicativo e grau dos adjetivos.

Os alunos ficaram com as fichas informativas e puderam terminar as fichas de trabalho em casa, para treinarem para o teste.

### **Inferências**

Na minha opinião é bastante importante o facto de aproveitarmos todos os desafios que nos lançam enquanto estagiárias. Estamos em constante formação e a experiência que vamos adquirindo torna-nos mais confiantes e preparadas para a vida profissional.

### **Sexta-feira, 1 de fevereiro de 2013**

Neste dia, estive com a turma durante a parte da tarde. Desta forma, tive a oportunidade de assistir às aulas programadas para esse período e de também dar uma aula.

Depois da hora de almoço e de ficarem a brincar no recreio, tiveram aula de música na sala.

Seguidamente tiveram a aula de Estudo do Meio onde lecionei “Os primeiros socorros”. Apresentei um *Powerpoint* e os alunos realizaram uma ficha formativa sobre o tema.

### **Inferências/Fundamentação Teórica**

O tema da aula que lecionei foi bastante interessante e útil. Por vezes os adultos não têm noção que podem ajudar e, muitas vezes, evitar casos de saúde mais graves, por não terem conhecimentos sobre como intervir em caso de acidente.

Ao longo da evolução do Ser Humano, foram descobertas novas formas de evitar acidentes. Segundo Cordeiro (2010), o “aumento da informação, dos conhecimentos e dos saberes, embora com fragilidades nos comportamentos, levou a um progressivo

aumento do interesse pela segurança dos bens e dos produtos, das circunstâncias e dos espaços.” (p.544)

As crianças devem ter noção dos perigos que por vezes correm, no entanto, elas “precisam de adquirir uma autonomia progressiva, o que exige delas próprias e do seu corpo um constante poder de saber analisar e reafirmar-se em cada situação.” (p.549)

O docente deve “realçar a ideia da cultura de segurança e do valor que representa, o que pressupõe educação, ensino e aprendizagem, exemplo, rigor, coerência e um ambiente favorecedor.” (p.550)

Com esta aula, as crianças partilharam experiências de picadas de insetos ou queimaduras solares, por exemplo. Senti que gostavam do tema e estiveram sempre prontas a participar.

E assim termino este capítulo dedicado aos relatos diários.

# **Capítulo 2**

## **Planificações**



## **Descrição do capítulo**

Neste capítulo será desenvolvido o tema das planificações, respondendo a algumas questões sobre a temática apresentada, tais como: o que é planificar, para que serve, as suas vantagens, etc.. Será apresentado o Modelo T de planificação, usado na Escola Superior de Educação João de Deus. Seguidamente serão expostas quatro planificações, em que duas delas pertencem ao ensino Pré-Escolar e as outras duas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **2.1 Fundamentação Teórica**

A planificação é uma forma de organização do educador/professor dos temas que terão de ser abordados ao longo do ano letivo. É um modo do docente se organizar e orientar para atingir determinados objetivos, tendo em conta os conhecimentos que tem de transmitir aos seus alunos, apesar de exigir um grande esforço e dedicação.

Na planificação, o professor transmite os seus objetivos, as suas estratégias para os conteúdos a abordar e as suas ideias. Segundo Escudero (citado por Zabalza, 2000), trata-se “de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações, e metas num projecto” (p.47-48)

Para Zabalza (2000), o ato de planificar é um conjunto:

“de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo.” (p.48)

No Ensino Básico, o professor é responsável por atingir os objetivos propostos nos programas das diferentes áreas curriculares, criados pelo Ministério da Educação. Segundo Clark e Lampert (1986, citado por Arends, 2008) nestas situações, onde apenas um professor é responsável por todas as áreas, “as decisões de planificação sobre o que ensinar, quanto tempo dedicar a cada tópico, e qual a prática necessária, adquirem um significado e uma complexidade adicionais.” (p.93)

Uma planificação de sucesso, não está apenas refletida nos conteúdos e nos procedimentos a seguir numa aula. Mas, tendo em conta Arends (2008), “uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino

adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.” (p.92)

Segundo Clark e Lampert (1986, citados por Arends, 2008) “a planificação do professor é uma determinante muito importante do que é ensinado nas escolas” (p.93)

As planificações de aulas podem ter vários períodos de tempo. Fisher (2004), refere três fases do planeamento: “o planeamento a longo, médio e a curto prazo” (p.26)

Nas escolas podem ser feitas estes tipos de planificação. Apesar de serem planificações diferentes, pois planificar o que se vai fazer amanhã é bastante diferente do que planificar para um ano letivo inteiro, ambas são bastante importantes.

Neste período de Estágio Profissional, realizei planificações diárias, tendo em conta as aulas que lecionei. Arends (2008), refere que “as planificações diárias esboçam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a utilizar, as actividades e os passos específicos para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.118)

O docente ao realizar uma planificação diária também organiza os conteúdos a lecionar e deve ter em conta os objetivos da planificação do dia anterior, se foram cumpridos ou não. Este facto faz com que a planificação seguinte tenha de sofrer algumas alterações, de forma a atingir os objetivos pretendidos.

Segundo Arends (2008), “os planos realizados num dia específico são influenciados pelo que aconteceu antes e irão influenciar os planos para os dias e semanas seguintes.” (p.101)

As planificações devem ser flexíveis e estar em sintonia com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. O processo de aprendizagem varia de aluno para aluno e, por vezes, existe a necessidade de voltar a referir um assunto ainda mal clarificado. Como refere Escudero (citado por Zabalza, 2000), “pode chegar a ser contraproducente uma planificação rígida e que deixe pouca margem para a acomodação às características dos sujeitos” (p.55)

O facto de as planificações poderem ser flexíveis, torna o professor mais autónomo e livre de mudar de estratégia, caso os alunos não se enquadrem naquela pré-definida pelo professor.

Segundo Arends (2008), “ao fazerem uma planificação cuidadosa, os professores podem dar mais tempo para que alguns alunos completem os trabalhos, ajustar o nível de dificuldade dos materiais instrucionais e proporcionar actividades de ensino variadas para outros alunos.” (p.123)

Ao elaborar uma planificação, o professor também deve ter em conta o interesse dos seus alunos, pois, Fisher (2004), diz-nos que os professores “podem aperfeiçoar o planeamento, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos pelos quais são responsáveis” (p.26). A utilização de material manipulável pode ser uma forma de manter os alunos interessados.

Partilhar a planificação com os alunos, também é uma forma de os manter interessados e curiosos pela organização das temáticas e objetivos a cumprir. Tendo em conta Arends (2008), “os processos de planificação iniciados pelos professores podem dar um sentido de direcção tanto aos alunos como aos professores, e podem ajudar os alunos e terem consciência dos fins implícitos nas tarefas de aprendizagem que têm de cumprir.” (p.95)

O professor também não deve ficar sempre direccionado no cumprimento da planificação, pois, de acordo com Arends (2008), “a planificação também pode ter a consequência não intencional de tornar os professores insensíveis às ideias e necessidades dos alunos.” (p.96)

Na elaboração das planificações, o professor sente algumas dificuldades, principalmente na gestão e atribuição do tempo para cada aula e os conteúdos mais importantes a lecionar.

Segundo Arends (2008), “decidir o que ensinar está entre os aspectos mais difíceis da planificação do professor porque existe muito para aprender e tão pouco tempo para ensinar” (p.102)

Para o mesmo autor, “a gestão do tempo de aula é uma tarefa difícil e complexa para os professores, embora aparentemente pareça ser um assunto simples e directo.” (p.124)

No início de carreira, a planificação é bastante útil para os professores, pois sentem-se mais seguros e confiantes no cumprimento dos seus objetivos e na realização das atividades propostas. Zabalza (2000) refere que, para professores em início de carreira, a planificação serve “para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhe criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.” (p.48)

Ao longo de todo o meu percurso na Escola Superior de Educação João de Deus, realizei planificações baseadas no Modelo T de Aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez.



Este modelo de planificação designa-se de Modelo T, pois tem a forma de um duplo T no domínio dos conteúdos e procedimentos/métodos, e também a forma de T no domínio das competências (capacidades/destrezas e valores/atitude). De acordo com Pérez (s.d.), “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p.40), conforme se pode ver no quadro 11.

**Quadro 11 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem**

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades/Destrezas	Objetivos		Valores/Atitudes

A planificação é um suporte bastante importante no quotidiano de um educador e professor. Nela encontram-se os procedimentos que estes devem seguir para atingirem determinados objetivos, ao longo do ano letivo.

Não devemos esquecer que é muito importante conhecermos os nossos alunos e planificarmos em função deles e tendo em conta os seus interesses. Se os alunos estiverem motivados, é um passo em frente para atingirem mais facilmente todos os objetivos no seu percurso escolar.

A planificação deve ser um documento de todos e deve ser partilhada com os seus intervenientes, procurando assim melhores práticas pedagógicas.

## **2.2 Planificações**

De seguida, apresento quatro planificações, referentes ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, à área de Conhecimento do Mundo, Estudo do Meio e de Matemática.

## 2.2.1 Área Curricular – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conforme se pode ver no quadro 12, esta aula foi dada no dia 11 de outubro de 2011, a uma turma dos 5 anos. Estiveram presentes 26 crianças e estavam sentadas no chão em semi círculo.

Quadro 12 – Plano de aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Plano de aula		
<b>Bibe:</b> Azul (5 anos)	<b>Nome:</b> Ana Raquel Henriques	
<b>Data:</b> 11 de outubro de 2011	<b>Turma:</b> B N.º 6	
<b>Duração:</b> 20 minutos		
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		
Conteúdos Conceptuais		Procedimento/Métodos
<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Estimulação para a Leitura</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Ler o livro: “Camila não quer tomar banho” de Aline de Pétigny, usando um fantoche da personagem principal;</li><li>• Explorar a história, colocando perguntas sobre a mesma;</li><li>• Fazer uma breve abordagem aos outros hábitos de higiene;</li><li>• Usar o flanelógrafo para escrever algumas palavras e explorá-las da seguinte forma:<ul style="list-style-type: none"><li>• Ler uma palavra;</li><li>• Trocar as letras;</li><li>• Formar uma palavra a partir de letras móveis.</li></ul></li></ul>
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>- Interpretação</li></ul></li><li>• Escutar</li><li>• Relacionar</li><li>• Associar</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Promover o gosto pela leitura</li><li>• Criatividade<ul style="list-style-type: none"><li>- Imaginação</li><li>- Curiosidade</li></ul></li></ul>
<b>Material:</b> Livro, fantoche, flanelógrafo e letras móveis		
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		

## Fundamentação teórica/inferências

É fundamental, no início da aula, criarmos regras ou lembrarmos as mais importantes para o bom funcionamento da mesma de forma e assim evitarmos a indisciplina na aula. Tal como defende Carita & Fernandes (1999), “a existência de regras explícitas de conduta, que constituam um quadro normativo claro e preciso, constituem um instrumento precioso na regulação da vida social da turma.” (p.78). Devemos pois, estabelecer regras que todos os alunos compreendam para promover o bom funcionamento da aula.

- **Ler o livro: “Camila não quer tomar banho” de Alice de Pétigny, usando um fantoche da personagem principal;**

A leitura de uma história é sempre um bom começo para uma aula. As histórias, quando bem lidas pelo educador, motivam as crianças e facilitam uma série de progressos na aprendizagem da sua língua materna.

Segundo Teberosky e Colomer (2003), a leitura das histórias facilita “a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção” (p.32)

As crianças devem estar em contacto com a leitura e segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (2009), “o modo como o educador lê para as crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler.” (p.70). A leitura deve ser realizada de forma expressiva, mantendo sempre o contacto entre o educador e as crianças.

Na leitura e exploração do livro, utilizei um fantoche da imagem da personagem principal da história. Com a utilização do fantoche também é trabalhado o domínio da expressão dramática. De acordo com a mesma fonte, “através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de (...) histórias” (p.60).

O fantoche foi uma forma de interagir com as crianças, torná-las mais atentas e interessadas pela história.

- **Explorar a história, colocando perguntas sobre a mesma;**

Seguidamente à leitura do livro, tive como objetivo compreender se as crianças tinham interpretado de forma correta a informação do mesmo.

Segundo Teberosky e Colomer (2003), “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido” (p.119)

A forma como o educador lê também influencia a interpretação da informação, de acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (2009), é importante que “as crianças interpretem o sentido, retirem as ideias fundamentais e reconstruam a informação” (p.71)

Neste momento em que realizei questões às crianças, também criei um momento de comunicação e diálogo, mantendo uma relação de interesses e afinidade.

- **Fazer uma breve abordagem aos hábitos de higiene;**

Uma vez que o tema da aula inseria-se nos hábitos de higiene e tendo em conta o tema do livro, abordei os hábitos de higiene com as crianças.

Segundo Catita (2007), um dos objectivos a atingir é “levar a criança a adquirir e a reforçar as noções básicas dos cuidados e atitudes a ter com o corpo, no que respeita a: higiene, (...)” (p.211)

Na história, a personagem principal não queria tomar banho, mas foi convencida pela sua mãe que lhe explicou as consequências de tal teimosia. Assim sendo, e tomando como ponto de partida esta situação, levei as crianças a pensarem noutros cuidados de higiene que devemos ter.

- **Usar o flanelógrafo para escrever algumas palavras e explorá-las da seguinte forma:**
  - **Ler uma palavra;**
  - **Trocar as letras;**
  - **Formar uma palavra a partir de letras móveis.**

De forma a contactar com a escrita, tendo em conta os conhecimentos que os alunos tinham sobre as regras da Cartilha Maternal, optei pela estratégia acima apresentada. Num quadro forrado com feltro, coleí com velcro um conjunto de letras que formavam uma palavra. Os alunos leram-na, relembrando as regras da Cartilha Maternal. De seguida troquei uma letra dessa palavra apresentada, de forma a descobrirem qual foi. Por fim, construímos uma palavra nova com letras móveis que espalhei no flanelógrafo.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar (2009), “a forma como o educador utiliza e se relaciona com a escrita é fundamental para incentivar as crianças a interessarem-se e a evoluírem neste domínio” (p.71)

O educador pode optar por muitas estratégias de contacto com a escrita e o uso de letras móveis, por exemplo, é apelativo às crianças.

Segundo Ruivo (2009), “devemos ler preparando bem a leitura, usando o flanelógrafo para fazer exercícios de consolidação. Por exemplo escrever com letras móveis a palavra lida” (p.158)

O uso de materiais é sempre uma mais valia para o processo de aprendizagem, desde que seja bem construído e organizado de forma a atingir os fins pretendidos.

Também acho importante referir que nesta aula fiz exploração da Cartilha Maternal de forma mais lúdica e para a turma toda. Este método não deve ser utilizado apenas para as habituais lições mas, ao longo dos anos, ela pode ser explorada e dinamizada de diferentes formas. Neste caso explorei e utilizei algumas letras de forma mais dinâmica. Segundo Ruivo (2009), “as letras têm também um papel dinâmico dentro das palavras seleccionadas nas lições. Se por um lado ler é compreender, por outro, ler é entrar num jogo de regras e mnemónicas especiais que permitem encarar a decodificação como uma actividade lúdica de descoberta, raciocínio lógico e construção do pensamento” (139). Desta forma, a utilização de letras móveis permitiram uma dinâmica diferente em sala de aula.

Apercebi-me ao longo da manhã que devia ter tido material manipulativo para as crianças, pois passaram muito tempo a ouvir-me e sem fazer nada, o que tornou a atividade aborrecida. Como é referido por Reis (apud Serrazina e Matos, 1996, p.193), citado por Caldeira (2009) podemos definir materiais manipulativos como “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais do dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia.” (p.16). Também Abrantes, Serrazina & Oliveira (1999), defendem que “para haver uma apropriação de novas ideias e novos conhecimentos não basta que o aluno participe em actividades concretas, é preciso que ele se envolva num processo de reflexão sobre essa actividade.” (p.25). Assim sendo, é fundamental que as crianças tenham material relacionado com o tema da aula e que o possam manipular de forma a concretizarem também a sua aprendizagem.

Considero que cumpri os objetivos e desenvolvi as capacidades estipuladas na planificação que realizei.

### **2.2.2 Área Curricular – Conhecimento do Mundo**

No quadro 13 apresento a planificação da aula de Conhecimento do Mundo dada ao grupo dos 4 anos no dia 23 de janeiro de 2012. Os alunos permaneceram sentados em semi círculo.

Quadro 13 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo

**Plano de aula**

**Bibe:** Encarnado (4 ano)

**Nome:** Ana Raquel Henriques

**Data:** 23 de janeiro de 2012

**Turma:** B N.º 6

**Duração:** 20 minutos

**Conhecimento do Mundo**

Conteúdos Conceptuais		Procedimento/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Animal Mamífero:<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Vaca</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Dialogar com os alunos sobre alguns animais da quinta que conheçam para introduzir o tema;</li><li>• Explorar um livro que contém as diferentes características da vaca;</li><li>• Apresentar uma vaca de feltro dentro de uma cerca;</li><li>• Simular com as crianças como se ordenha este animal;</li><li>• Consolidar os conhecimentos adquiridos.</li></ul>	
Capacidades/Destrezas	Objetivos		Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"><li>- Observar</li><li>- Valorização crítica</li><li>- Tirar conclusões</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Atenção</li><li>- Participação</li><li>- Cooperação</li></ul>		
<b>Material:</b> Livro, vaca de feltro e cerca.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

## **Fundamentação teórica/inferências**

- **Dialogar com os alunos sobre alguns animais da quinta para introduzir o tema;**

Nas minhas aulas, tentei sempre iniciar com uma estratégia que não fosse direta ao tema da mesma, criando um diálogo com os alunos, para que o tema fizesse sempre sentido. O diálogo sempre fez parte dos meus objetivos, pois cria uma ligação e afinidade com as crianças. Para além do que foi referido, Cordeiro (2010), refere que através do diálogo, “as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração e tranquilidade” (p.371)

Se a aula for a primeira do dia, então este tempo também pode ser usado para que as crianças cheguem todas à sala, para que estas não percam conteúdos importantes.

- **Explorar um livro que contém as diferentes características da vaca;**

No seguimento do ponto anterior, orientei a conversa com as crianças até ao animal que pretendia: a vaca. As crianças conseguiram identificar algumas características desta. Apresentei um livro que construí, que continha todas as características da mesma. A capa do livro está apresentada na Figura 14.

Ao longo da aula, mantive o diálogo com a turma e quando as crianças tinham alguma dúvida, tive sempre o cuidado de a tirar, indo ao encontro do seu nível de linguagem e compreensão. Segundo Catita (2007), “o educador terá que se libertar dos termos e noções de carácter mais científico e “descer” à realidade do mundo da criança utilizando uma linguagem e terminologia simples adequada à idade da criança.” (p.67)

O livro apresentava imagens reais tendo em conta as características que eram referidas e estas eram exploradas pelas crianças.



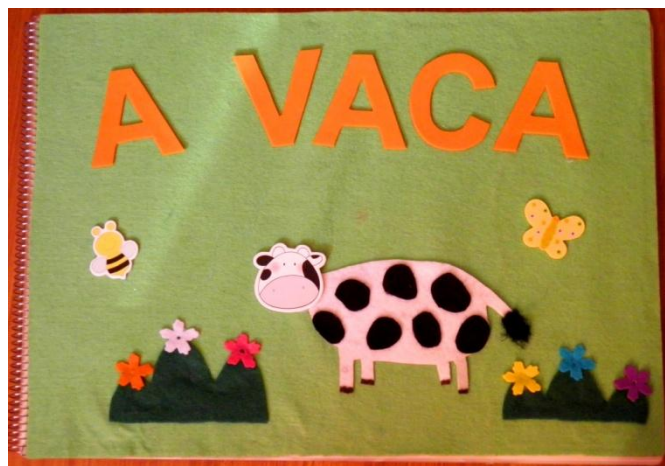


Figura 14 – Livro “A Vaca”

- **Apresentar uma vaca de feltro dentro de uma cerca.**

Após a exploração do livro, criei um momento de suspense na turma e apresentei uma vaca feita de feltro, com grandes dimensões, como está apresentada na figura 15.

Depois de referidas todas as características deste animal, e de serem visualizadas e exploradas em imagens, as crianças puderem observá-las na vaca de feltro. Ficaram bastante entusiasmadas com a “figura” apresentada e foi muito interessante ver como essa atenção foi captada.

Apesar de todas as crianças conhecerem a vaca, não tiveram contacto com nenhuma e, com este momento, muitas foram levadas pelo imaginário. O mundo animal é um tema que agrada muito às crianças e desde cedo que é um tema muito abordado. Segundo Catita (2007), é importante que se valorizem “as diferenças entre os diversos animais e o Homem e também se realcem as semelhanças, tendo sempre presente nos dois casos, que o Homem é também um animal, com diferenças e semelhanças físicas e comportamentais relativamente aos outros animais” (p.66)



Figura 15 – Vaca

- **Simular com as crianças como se ordenha;**

Para além das características deste animal mamífero, também referi a importância que este tem para o Homem. Segundo Catita (2007), é importante abordar com as crianças a utilidade que os animais têm para o Homem, relativamente no que concerne à “segurança e protecção, na alimentação, na ajuda (...), no vestuário e no trabalho e lazer” (p.72)

Tentei sempre aproximar o material disponível à realidade e expliquei como se ordenhava, de forma a obtermos o leite que é tão importante na alimentação.

- **Consolidar os conhecimentos adquiridos.**

De forma a terminar esta aula de Conhecimento do Mundo, retirei algumas dúvidas das crianças e estabeleci um momento em que puderam partilhar experiências e curiosidades.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “as estratégias e actividades de conclusão, visam a consolidação e revisão do aprendido” (p.441)

Realizei algumas perguntas sobre o que foi falado ao longo da aula, percebendo assim que as crianças estiveram com atenção e assimilaram a informação dada.

### **2.2.3 Área Curricular – Estudo do Meio**

No quadro 14 apresento a planificação da área de Estudo do Meio dada no dia 22 de outubro de 2012, ao 4.º ano.

Quadro 14 – Plano de aula de Estudo do Meio

**Plano de aula**

**Ano:** 4.º Ano

**Nome:** Ana Raquel Henriques

**Data:** 22 de outubro de 2012

**Turma:** B N.º 6

**Duração:** 60 minutos

**Estudo do Meio**

Conteúdos Conceptuais		Procedimento/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sismos                             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Medidas de Prevenção</li> </ul> </li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuir envelopes a cada aluno;</li> <li>• Dialogar sobre as medidas de prevenção dos sismos, a sua origem, as causas, etc., tendo em conta os conhecimentos prévios dos alunos;</li> <li>• Abrir os envelopes dos alunos de forma orientada e através da imagem identificar as medidas preventivas do sismo;</li> <li>• Dialogar sobre o que deveriam fazer os alunos, caso houvesse um sismo naquele momento;</li> <li>• Resolver uma ficha formativa.</li> </ul>
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reflexão:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tirar conclusões</li> <li>- Interpretar códigos</li> </ul> </li> <li>• Discutir e debater em grupo</li> <li>• Escutar/dialogar</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prevenção em relação ao tema</li> <li>• Solidariedade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Colaborar/cooperar</li> <li>- Ajudar</li> </ul> </li> <li>• Respeito                             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser tolerante</li> </ul> </li> </ul>
<b>Material:</b> Envelopes, imagens, palavras, ficha informativa, ficha formativa e quadro interativo.		

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

## **Fundamentação teórica/inferências**

- **Distribuir um envelope a cada aluno;**

Iniciei a aula por explicar a forma como se ia desenrolar a mesma, à medida que distribui os envelopes. Também comecei por dialogar com os alunos, levando-os ao tema pretendido.

O uso de material é muito importante para manter os alunos interessados, e esse material, quando distribuído por todos, facilita o controlo da disciplina por parte do professor, pois cada aluno tem o seu material e não necessita de usar o do colega, criando, por vezes, momentos de desconcentração.

- **Dialogar sobre as medidas de prevenção dos sismos, a sua origem, a causa, etc., tendo em conta os conhecimentos prévios dos alunos;**

É importante o professor ter a consciência do nível de conhecimento dos seus alunos quando dá um novo tema. Por vezes os alunos têm ideias erradas sobre o tema da aula, e é essencial que o professor retire essas ideias e vá de encontro à explicação e esclarecimento das mesmas. Esse levantamento de opiniões dos alunos, previamente antes de uma aula, designa-se por concepções alternativas, já referidas neste relatório de estágio profissional.

De acordo com Cachapuz (citado por Martins *et al* (2007), por concepções alternativas entende-se “as ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.” (p.28)

Desta forma, em primeiro lugar registei mentalmente o que os alunos sabiam sobre o tema da aula e de seguida, tendo em conta o que disseram, reconstruí os seus pensamentos, de modo a esclarecê-los.

- **Abrir os envelopes dos alunos de forma orientada e através da imagem, identificar as medidas preventivas do sismo;**

Cada envelope que foi distribuído pelos alunos, continha uma imagem que identificava uma medida de prevenção do sismo. Cada aluno, de forma organizada, abriu o seu envelope e, ao analisá-la, explicava essa medida.

Segundo Sobrino (2000), “a imagem pode ser utilizada para atingir os nossos objectivos” (p.45)

As imagens, para além de estarem inseridas nos envelopes, também eram apresentadas no quadro interativo, para que todos os alunos a pudessem visualizar.

Segundo Estanqueiro (2010), um “professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo. Como é habitual dizer-se, uma imagem vale por mil palavras” (p.37)

Optei por utilizar esta estratégia, utilizando as imagens como material.

- **Dialogar sobre o que deveriam fazer os alunos, caso houvesse um sismo naquele momento;**

O diálogo foi muito interessante para constatar a opinião que cada aluno tinha relativamente ao que deveriam fazer, caso houvesse um sismo. As opiniões foram diversas, muitas por já saberem, outras por acharem que seria o correto.

Tendo em conta o Programa do 1.º Ciclo do Ministério da Educação (2004), “todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia” (p.101)

É importante mudar as ideias erradas dos alunos, consciencializando-os do correto e da razão.

- **Resolver uma ficha formativa.**

De forma a consolidar a matéria dada, distribui uma ficha formativa pelos alunos, para aplicarem os conhecimentos adquiridos.

## 2.2.4 Área Curricular – Matemática

No quadro 15 apresento a planificação de uma aula de Matemática lecionada no 3.º ano, do dia 2 de janeiro de 2013.

Quadro 15 – Plano de aula de Matemática

Plano de aula		
<b>Ano:</b> 3.º Ano		<b>Nome:</b> Ana Raquel Henriques
<b>Data:</b> 21 de janeiro de 2013		<b>Turma:</b> B N.º 6
<b>Duração:</b> 60 minutos		
Matemática		
Conteúdos Conceptuais	Procedimento/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Perímetros equivalentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dialogar com os alunos sobre o significado de perímetro e sua determinação;</li> <li>• Apresentar um <i>Powerpoint</i> sobre o tema;</li> <li>• Distribuir figuras geométricas e réguas plastificadas para calcularem o perímetro, descobrindo os equivalentes;</li> <li>• Registrar os perímetros numa tabela;</li> <li>• Fazer a correção da atividade no quadro.</li> </ul>	
Capacidades/Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização da informação</li> <li>• Comparar informações</li> <li>• Orientação espacial:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Responsabilidade:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Esforçar-se</li> </ul> </li> <li>• Respeito:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeitar o ritmo individual de cada aluno</li> </ul> </li> </ul>	
<b>Material:</b> <i>Powerpoint</i> , figuras geométricas, réguas, tabelas e ficha informativa.		
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem		
Plano sujeito a alterações		

## Fundamentação teórica/inferências

- **Dialogar com os alunos sobre o significado de perímetro e sua determinação;**

O significado de perímetro muitas vezes é confundido com a forma como o calculamos. É essencial que essa diferença seja esclarecida com os alunos, como já foi referido neste relatório de estágio profissional e assim sendo, comecei a aula por abordar esse conceito, esclarecendo a diferença que existe entre a forma como o calculamos o perímetro e como o designamos.

- **Apresentar um *Powerpoint* sobre o tema;**

No seguimento do ponto anterior, apresentei um *Powerpoint* com o que foi referido anteriormente e com alguns exercícios para calcular o perímetro de figuras diferentes. Esta apresentação continha animações e estava bastante adequada para o tema da aula, tornando os alunos atentos e interessados nos diapositivos que foram apresentados. Tendo em conta o uso das novas tecnologias, Silveira-Botelho (2009) refere o seguinte:

“uma utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares. Portanto, as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido” (p.124)

Também no *Powerpoint* foi mostrada a forma correta de utilização da régua para medir comprimentos, visto que iriam usá-la na atividade que se seguiu.

- **Distribuir figuras geométricas e réguas plastificadas para calcularem o perímetro, descobrindo os equivalentes;**

Todos os alunos tinham o seu material para trabalhar. O objetivo era medirem com a régua o comprimento dos lados das figuras, individualmente, e calcularem o seu perímetro.

Segundo Ponte e Serrazina (2000), “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição” (p.115)

Todo o material disponível era bastante atrativo pelas cores que tinha e estava bem construído, de forma a atingir o fim pretendido.

- **Registar os perímetros numa tabela;**

Para além do material referido anteriormente, também foram distribuídas tabelas devidamente identificadas com as figuras geométricas e com o local definido para colocar o perímetro de cada uma.

Desta forma, os alunos também percebem o sentido e a importância do número, pois, de acordo com Moreira e Oliveira (2003), a partir do número “conta-se, medem-se comprimentos, representam-se e estimam-se quantidades, localizam-se e ordenam-se objectos, estudam-se padrões, conta-se o tempo, avaliam-se lucros e prejuízos, estudam-se e preveem possibilidades e joga-se” (p.112)

Depois de registarem os valores na tabela, os alunos identificaram os perímetros que eram equivalentes, ou seja, aqueles que eram iguais, em figuras diferentes.

- **Fazer a correção da atividade no quadro.**

Ao longo da aula fui circulando na sala e corrigindo alguns alunos. No entanto, após ter dado algum tempo para resolverem a atividade, fiz a correção da mesma no quadro, solicitando a resposta para cada perímetro. Mais tarde, arrumaram o material.



Dou por terminado o Capítulo 2, referente às planificações. Na preparação de todas as aulas que lecionei, realizei um plano de aula. Senti que as planificações foram muito úteis para a organização das mesmas, pelos procedimentos a seguir e pelos objetivos que me propus a cumprir.

Ao longo de todo o estágio, notei diferença na elaboração de planificações na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Considero que neste último, os procedimentos são mais pormenorizados, o que se torna mais difícil de planificar.

Em todas as aulas que lecionei, nem sempre consegui seguir minuciosamente os procedimentos pré estabelecidos na planificação. Por vezes senti necessidade de gastar mais tempo num item, deixando outro com menos. No entanto, a planificação é flexível, pode estar sujeita a alterações, tendo em conta o decorrer da aula e o ritmo da turma.

Ao longo deste percurso, também fui aprendendo e melhorando as minhas planificações. É importante ter a noção dos objetivos, dos conteúdos do tempo estabelecido para cada aula. O professor é o promotor duma série de atividades que pretendem que a criança tente o “prazer de aprender”.

# **Capítulo 3**

## **Dispositivos de Avaliação**



## **Descrição do Capítulo**

Neste capítulo são apresentadas as quatro avaliações obrigatórias para efeito deste relatório, relativas às propostas de trabalho realizadas durante o estágio. A avaliação está presente em todos os níveis de ensino e, sendo assim, acho importante estar registado neste capítulo. Em primeiro lugar, encontra-se a avaliação do Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita e a avaliação do Domínio da Matemática, ambas realizadas na turma dos 5 anos. Em segundo lugar apresento os dispositivos aplicados no 4.º ano, na área de Matemática, e no 3.º ano na área de Estudo do Meio.

Este capítulo respeita uma determinada ordem de organização, estando estruturado da seguinte forma: é apresentada uma contextualização do que é a avaliação, os parâmetros e os critérios definidos, a grelha de avaliação e a apresentação dos resultados em gráfico.

### **3.1 Fundamentação Teórica**

A avaliação é um elemento fundamental no ensino. Podemos defini-la, segundo o Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro, como um “elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.” (p.71).

Ferreira (2007) menciona que o processo de avaliação pressupõe três etapas: a recolha de informação, a análise da informação recolhida e a emissão de um juízo de valor. É a partir da avaliação que o docente pode classificar, controlar e diagnosticar os seus alunos e os conhecimentos que vai adquirindo ao longo da sua vida escolar. Segundo Ribeiro & Ribeiro (1989), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337). Desta forma, a avaliação também auxilia o professor a organizar e estruturar as etapas que tem de atingir ao longo do ano letivo.

O educador/professor baseia-se muitas vezes na avaliação para tomar decisões acerca das aprendizagens que deve concretizar. Todos os alunos possuem conhecimentos e capacidades diferentes e, o docente, tem de se certificar que a matéria foi bem leccionada e atingiu os seus objetivos. Assim, segundo os mesmos autores atrás mencionados, a avaliação é “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem.” (p.338). Portanto, este processo orienta as aprendizagens pretendidas e certificam a sua execução. Tal como defende Pacheco e Zabalza (1995), “sem avaliação (...) não há possibilidade de saber se as coisas correram bem ou não, se se entenderam bem os conceitos explicados, se se levaram a cabo ou não, e de que maneira, os trabalhos planificados, se os recursos utilizados facilitaram ou não o processo de aprendizagem”. (p.16). Da mesma forma que a avaliação está direccionada para os alunos, esta também pode estar focalizada no professor, e, de alguma forma, avaliar as competências do mesmo, conduzindo para um crescimento a nível profissional. Como é defendido por Fisher (2004), “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade de ensino” (p.35).

Muitas vezes, a avaliação é vista pelos alunos como um momento embaraçoso, que dá origem a algum nervosismo. No entanto, como anunciam Ribeiro e Ribeiro (1990), podemos encontrar vantagens na avaliação:

“motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens”; (ii) “fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas”; (iii) “permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos”; (iv) “proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos uma base indispensável à classificação de resultados” (pp.337-338).

Podemos então definir quais as finalidades da avaliação e, como é indicado na Circular n.º 4/DGIDC/2011, são as seguintes:

(i) “contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a ação”; (ii) “refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens”; (iii) “recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual”; (iv) “promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma”; (v) “envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando”; (vi) “conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo”.

Devido à diferença de idades, a avaliação no ensino pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico, é realizada de forma diferente, tendo em conta as capacidades das faixas etárias correspondentes.

No ensino pré-escolar, a avaliação deve ser definida consoante a prática educativa que se observa em sala de aula, não esquecendo as limitações de cada criança/grupo e a sua evolução. Como é referido na circular n.º17/ DSDC/DEPEB /2007, “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa que implica procedimentos adequados à especificidade da actividade educativa no Jardim de infância, tendo em conta a eficácia das respostas educativas.”. O educador ao longo do ano, observa cada criança e vai registando a sua evolução, que pode ser diferente entre si. Também com a elaboração do Projeto Curricular de Grupo/Turma, o docente vai alistando uma série de informações importantes para a avaliação. Com todos os registos, o educador elabora um relatório sobre cada criança e informa os encarregados d educação sobre o mesmo. Como está indicado na circular n.º17/2007, compete ao educador:

- “(i)elaborar o Relatório de Avaliação do Projecto Curricular de Grupo/Turma
- (ii)produzir um documento escrito com a informação global das aprendizagens mais significativas de cada criança, realçando o seu percurso, evolução e progressos.
- (iii)comunicar aos pais/encarregados de educação, bem como aos educadores/professores o que as crianças sabem e são capazes de fazer.”

Neste processo de avaliação não é apenas o professor e o aluno os responsáveis pela tomada de decisão. Nele recai a responsabilidade, de acordo com o Despacho Normativo n.º1/2005, “do professor, do conselho de docentes, do conselho de turma, dos órgãos de gestão da escola ou agrupamento e da administração educativa.” (p.72).

Existem três tipos de avaliação no 1.º Ciclo: diagnóstica, formativa e sumativa.

A avaliação diagnóstica tem como objetivo, segundo Ribeiro & Ribeiro (1989), “proceder a uma análise de conhecimento e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342), ou seja, é uma avaliação que é realizada normalmente no início de uma unidade ou mesmo do ano letivo, para se testar os conhecimentos que os alunos possuem nessa altura, para fazer um diagnóstico. É uma forma do docente saber se deve rever algum conceito mal apreendido ou se pode dar continuidade na matéria.

A avaliação formativa pode ser definida, como está referido no Despacho Normativo n.º1/2005, como “a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.” (p.72). Este tipo de avaliação dá conhecimento do desenvolvimento das aprendizagens do aluno e competências do professor, e aquando uma contradição, a sua resolução poderá ser mais eficaz. Segundo Ribeiro & Ribeiro (1989), esta avaliação “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantarem dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.” (p.348). Para finalizar, esta avaliação contínua é realizada no decorrer das unidades de ensino, de acordo com o plano de avaliação estabelecido entre os intervenientes.

A avaliação sumativa é aquela que vai definir uma classificação de cada uma das unidades curriculares, e é realizada depois das duas avaliações referidas anteriormente. Sendo assim, segundo o Despacho Normativo n.º1/2005, esta avaliação consiste “na formulação de juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.” (p.73).

Para recorrer a uma cotação que facilitasse a classificação dos alunos nas determinadas áreas curriculares, usei uma escala de avaliação. Segundo Tendbrink (2002) refere que as “escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes” (p. 257). Segundo este autor, “uma escala

de observação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia” (p. 259). Assim, “o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado” (p. 259). Ao longo da escala, cada ponto representa níveis diferentes de avaliação.

Para a avaliação recorri à escala de Likert, que vai de 0 a 10 valores conforme de pode ver no quadro 16:

Quadro 16 – Escala utilizada na avaliação

Fraco (de 0 a 2,9 valores)
Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
Bom (de 7 a 8,9 valores)
Muito Bom (de 9 a 10 valores)



## **3.2 Dispositivo de avaliação do Domínio da linguagem e abordagem à escrita**

### **3.2.1 Contextualização**

O dispositivo de avaliação que se segue refere-se a uma proposta de trabalho realizada na turma dos 5 anos, no dia 22 de junho, inserida no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi realizada fora do período de estágio em que permaneci nesta sala, com o objetivo de ser usada para este fim.

Os conteúdos da proposta de trabalho estão adequados ao nível de conhecimento dos alunos, avaliados, antecipadamente, pela professora titular de turma. A proposta de trabalho encontra-se no anexo 1.

Neste dia estavam presentes 24 crianças e tiveram cerca de 20 minutos para realizarem a proposta.

### **3.2.2 Parâmetros e critérios de avaliação**

No quadro 17 podemos observar a grelha dos parâmetros e critérios de avaliação atribuídos no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 17 - Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios de correção		Cotações
Questão 1. Construção frásica	Ordena corretamente as duas frases	2,5	2,5
	Ordena corretamente uma frase	1	
	Identifica a letra maiúscula como o início da frase.	0,5	
	Identifica o ponto final como o fim da frase.	0,5	
Questão 2. Associação da frase à imagem	Escreve a frase certa	2,5	2,5
	Desconta 0,2 por cada erro ortográfico	- 0,2	
Questão 3. Divisão de palavras e identificação da sílabas forte	Dividiu corretamente as sílabas das 9 palavras, identificando a sílabas forte	5	5
	Dividiu corretamente as sílabas de 6 a 8 palavras, identificando a sílabas forte	4	
	Dividiu corretamente as sílabas de 4 a 5 palavras, identificando a sílabas forte	3	
	Dividiu corretamente as sílabas de 3 a 4 palavras, identificando a sílabas forte	2	
	Dividiu corretamente as sílabas de 1 a 2 palavras, identificando a sílabas forte	1	
	Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.2.3 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Na primeira questão o parâmetro de avaliação centra-se na capacidade que o aluno tem em ordenar frases, construindo um raciocínio correto e tendo em conta a letra maiúscula como início de frase e o sinal de pontuação que caracteriza o fim de frase.

Neste ponto, atribuir-se-á a cotação máxima de 2,5 valores, se o aluno for capaz

de ordenar correctamente as duas frases. Se ordenar correctamente apenas uma frase será cotado coa com 1 valor. No entanto, se errar, mas se tiver em consideração a posição da letra maiúscula e da palavra que contém o ponto final, será acrescentado 0,5 valores por cada.

Na segunda questão, o parâmetro prende-se na atribuição de uma frase referente à imagem apresentada. Estão à escolhas duas frases e o aluno terá de escolher, e escrever, a que corresponde à descrição da imagem. Caso atribua a frase adequada, a questão será cotada com 2,5 valores. Se escolher a frase correta, mas se for escrita com erros ortográficos, será descontado 0,2 valores por cada.

Na terceira questão e última questão, o parâmetro centra-se em dois objetivos. O primeiro será a divisão das palavras apresentadas e, o segundo, a identificação da sílaba forte. Se o aluno dividir e rodear corretamente todas as palavras terá a cotação máxima de 5 valores. Também terá a cotação de 5 valores, se dividir e rodear corretamente 9 palavras. Se dividir e rodear corretamente 6 a 8 palavras atribuir-se-á 4 valores. Se dividir e rodear corretamente 4 a 5 palavras, terá 3 valores. Se dividir e rodear corretamente 3 a 4 palavras terá 2 valores. Caso apenas divida e rodeie uma a duas palavras receberá uma cotação de 1 valor.

### **3.2.4 Grelha de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita**

No quadro 18 apresento a grelha de avaliação com as respetivas cotações, atribuídas a cada questão.

Quadro 18 - Grelha das cotações da proposta do anexo 1

<b>Questões</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>Total</b>
<b>Cotações</b>	2,5	2,5	5	<b>10</b>
<b>Alunos</b>				
A	1,5	2,5	4	8
B	2,5	2,5	4	9
C	1,5	2	0	3,5
D	2,5	2	2	6,5
E	1,5	2,5	0	4
F	2,5	2,5	4	9
G	2,5	2,5	4	9
H	2,5	2,5	5	10
I	2,5	2,5	0	5
J	2,5	2,5	5	10
K	2,5	2,5	0	5
L	2,5	2,5	5	10
M	2,5	2,5	0	5
N	2	2,5	5	9,5
O	2,5	2,5	5	10
P	2	2,5	4	8,5
Q	2,5	2,5	4	9
R	0	2,5	4	6,5
S	2,5	2,5	0	5
T	2	2	4	8
U	2	2,5	0	4,5
V	1	2	3	6
W	2,5	2,5	4	9
X	2,5	2,5	4	9
	<b>Média aritmética</b>			<b>7,5</b>

Podemos observar na grelha de avaliação que relativamente à questão número 1 houve 15 alunos com a cotação máxima de 2,5 valores, 3 alunos obtiveram 1,5 valores (A, C e E), 4 alunos obtiveram 2 valores (N, P, T e U) e 1 aluno obteve 1 valor (V).

Na questão 2 a maioria dos alunos atingiu a cotação máxima de 2,5 valores, em que apenas 4 alunos obtiveram a cotação de 2 valores (C, D, T e V).

Relativamente à última questão, 5 alunos atingiram a cotação máxima de 5 valores (H, J, L, N e O), 10 alunos obtiveram 4 valores (A, B, F, G, P, Q, R, T, W e X),

1 aluno obteve a cotação de 3 valores (V), 1 aluno obteve 2 valores (D) e 7 alunos obtiveram 0 valores (C, E, I, K, M, S e U).

### 3.2.5. Apresentação dos resultados e gráfico

De seguida, na figura 16, apresento o gráfico da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

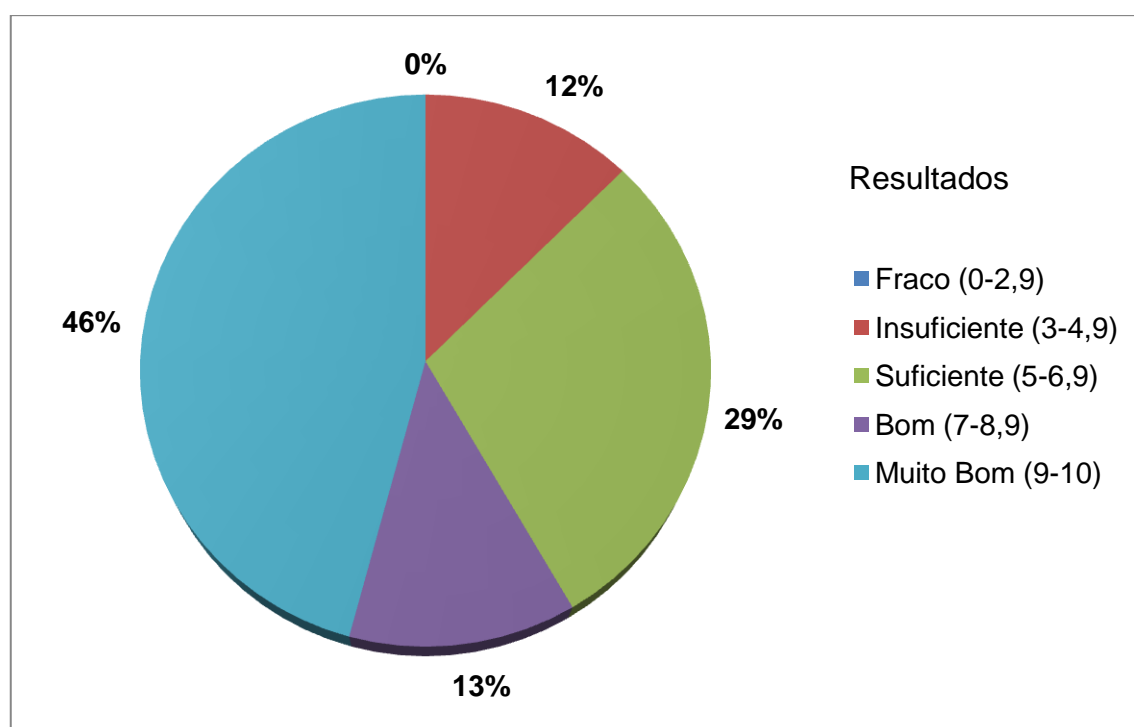


Figura 16 – Gráfico da avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

### 3.2.6. Descrição do gráfico

No gráfico circular (figura 16), apresenta-se a percentagem das classificações da avaliação de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Podemos concluir que a maior percentagem da turma teve a classificação de Muito Bom, com 46%, correspondendo a 11 alunos. Três alunos tiveram a classificação de Bom, tendo uma

percentagem de 13%. Sete alunos obtiveram Suficiente, com uma percentagem de 29%. Os restantes alunos (3) tiveram a classificação de Insuficiente com uma percentagem de 12%.

Podemos concluir que a proposta de trabalho estava adequada ao nível de aprendizagem da turma pois 88% dos alunos tiveram nota positiva.

### **3.3 Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática**

#### **3.3.1 Contextualização**

Esta proposta de trabalho foi realizada pela turma dos 5 anos, no dia 25 de junho de 2012, na área de Domínio da Matemática, onde estiveram presentes 24 crianças. A proposta foi realizada em 20 minutos.

Tal como o dispositivo de avaliação anterior, esta proposta de trabalho foi realizada fora do período de estágio que permaneci nesta sala, propositadamente para este fim. Apresenta exercícios adequados ao nível de ensino desta faixa etária, na data e na altura do ano indicadas. Esta proposta de trabalho encontra-se no anexo 2.

#### **3.3.2 Parâmetros e critérios de avaliação**

Apresento de seguida o quadro 19 com os parâmetros, critérios e respetivas cotações do Domínio da Matemática.

Quadro 19 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios de correção		Cotações
Questão 1. Identificação do numeral	Escreveu 6 numerais	2,5	2,5
	Escreveu 5 numerais	2	
	Escreveu 4 numerais	1,5	
	Escreveu 3 numerais	1	
	Escreveu entre 1 a 2 numerais	0,5	
	Não escreveu nenhum numeral	0	
Questão 2. Associação das indicações ao seu resultado	Fez todas as correspondências	2,5	2,5
	Fez 2 correspondências	1,5	
	Fez 1 correspondência	0,5	
	Não fez nenhuma correspondência	0	
Questão 3. Identificação de sequências numéricas	Completa 6 sequências corretamente	2,5	2,5
	Completa 5 sequências corretamente	2	
	Completa 4 sequências corretamente	1,5	
	Completa 3 sequências corretamente	1	
	Completa 2 sequências corretamente	0,5	
	Completa uma sequência corretamente	0,25	
	Completa 0 sequências corretamente	0	
Questão 4. Identificação dos números por ordem crescente	Completa corretamente todos os números por ordem crescente	2,5	2,5
	Completa corretamente 7 números por ordem crescente	2	
	Completa corretamente entre 5 a 6 números por ordem crescente	1,5	
	Completa corretamente entre 3 a 4 números por ordem crescente	1	
	Completa corretamente entre 1 a 2 números por ordem crescente	0,5	
	Não completa nenhum número por ordem crescente	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### **3.3.3 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Na primeira questão, o parâmetro de avaliação centra-se na identificação do numeral. No exercício são apresentados números escritos por extenso e o aluno tem de fazer a leitura do mesmo e escrever, no local indicado, o numeral correspondente a cada número. Se o aluno escrever todos os numerais, terá a cotação máxima de 2,5 valores. Caso o aluno escreva 5 numerais, terá 1,5 valores. Se o aluno escrever 4 numerais, terá 1,5 valores. Caso o aluno escreva 3 numerais, terá 1 valor. Se o aluno apenas escrever entre 1 a 2 numerais, atribuir-se-á a cotação de 0,5 valores. O aluno terá 0 valores se não escrever nenhum corretamente.

Na segunda questão, o parâmetro centraliza-se na associação das indicações ao seu resultado. São apresentadas indicações e têm de ser ligadas ao seu resultado. Se o aluno fizer todas as correspondências, tem a cotação de 2,5 valores. Caso faça duas correspondências, obterá 1,5 valores. Se fizer uma correspondência terá 0,5 valores e 0 se não associar nenhuma indicação correta aos resultados.

Na terceira questão, o parâmetro incide na identificação de sequências numéricas. São apresentados números em que o aluno tem de escrever o número anterior a esse e o seguinte, criando uma sequência de três números. Ao completar 6 sequências corretamente, obterá a classificação máxima de 2,5 valores. Se completar 5 sequências corretamente, terá 2 valores. Se completar 4 sequências corretamente, atribuir-se-á 1,5 valores. Ao completar 3 sequências corretamente, terá 1 valor. Se completar 2 sequências corretamente, obterá 0,5 valores, se só completar uma sequência corretamente terá 0,25 valores e, caso não complete nenhuma sequência terá 0 valores.

Na quarta questão, o parâmetro de avaliação recai na identificação dos números por ordem crescente. São apresentados 8 números que têm de ser colocados por ordem crescente, no local indicado. Se o aluno completar corretamente todos os números por ordem crescente, terá a cotação máxima de 2,5 valores. Caso o aluno complete corretamente 7 números por ordem crescente, terá 2 valores. Se o aluno completar corretamente entre 5 a 6 números por ordem crescente, terá 1,5 valores. Caso o aluno complete corretamente entre 3 a 4 números por ordem crescente, terá 1 valor. Se o aluno completar corretamente entre 1 a 2 números por ordem crescente, terá 0,5 valores. Caso o aluno não complete nenhum número por ordem crescente, terá 0 valores.



### 3.3.4 Grelha de avaliação do Domínio da Matemática

De seguida, no quadro 20, apresento a grelha das cotações da proposta de trabalho do Domínio da Matemática.

Quadro 20 – Grelha das cotações da proposta do anexo 2

Questões	1	2	3	4	Total
Cotações	2,5	2,5	2,5	2,5	10
Alunos					
A	1,5	2,5	2	2,5	8,5
B	2,5	2,5	2,5	2,5	10
C	1,5	2,5	1,5	1	6,5
D	1,5	0,5	2	2	6
E	1,5	2,5	2,5	2,5	9
F	2,5	2,5	2,5	2,5	10
G	2,5	2,5	2,5	2,5	10
H	2,5	2,5	2,5	2,5	10
I	2,5	2,5	2,5	2,5	10
J	2,5	2,5	2,5	2,5	10
K	2,5	2,5	2,5	2,5	10
L	2,5	2,5	2,5	2,5	10
M	1,5	0,5	2,5	2,5	7
N	2,5	2,5	0,5	0,5	6
O	2,5	2,5	2,5	2,5	10
P	2,5	2,5	2,5	2,5	10
Q	2,5	2,5	2,5	2,5	10
R	2,5	2,5	2,5	2,5	10
S	2,5	2,5	2,5	2,5	10
T	2,5	2,5	2,5	1	8,5
U	2,5	2,5	2,5	2,5	10
V	1,5	2,5	2,5	2,5	9
W	1,5	2,5	2,5	2,5	9
X	2,5	2,5	2,5	2,5	10
Média aritmética					9,1

Na questão 1, a maioria da turma obteve a cotação máxima de 2,5 valores e 7 alunos obtiveram a cotação de 1,5 valores (A, C, D, E, M, V e W).

Relativamente à questão 2, apenas 2 alunos obtiveram a cotação de 0,5 valores (D e M), sendo que os restantes obtiveram a cotação máxima de 2,5 valores.

No que concerne à questão 3, a maioria da turma obteve a cotação máxima de 2,5 valores, 2 alunos obtiveram a cotação de 2 valores (A e D), 1 aluno obteve a cotação de 1,5 valores (C) e 1 aluno obteve a cotação de 0,5 valores.

Na questão 4, a maioria da turma obteve a cotação máxima de 2,5 valores, 1 aluno obteve a cotação de 2 valores (D), 2 alunos obtiveram a cotação de 1 valor (C e T) e 1 aluno obteve a cotação de 0,5 valores (N).

### 3.3.5. Apresentação dos resultados e gráfico

Na figura 17 apresento o gráfico circular com os resultados da avaliação do Domínio da Matemática.

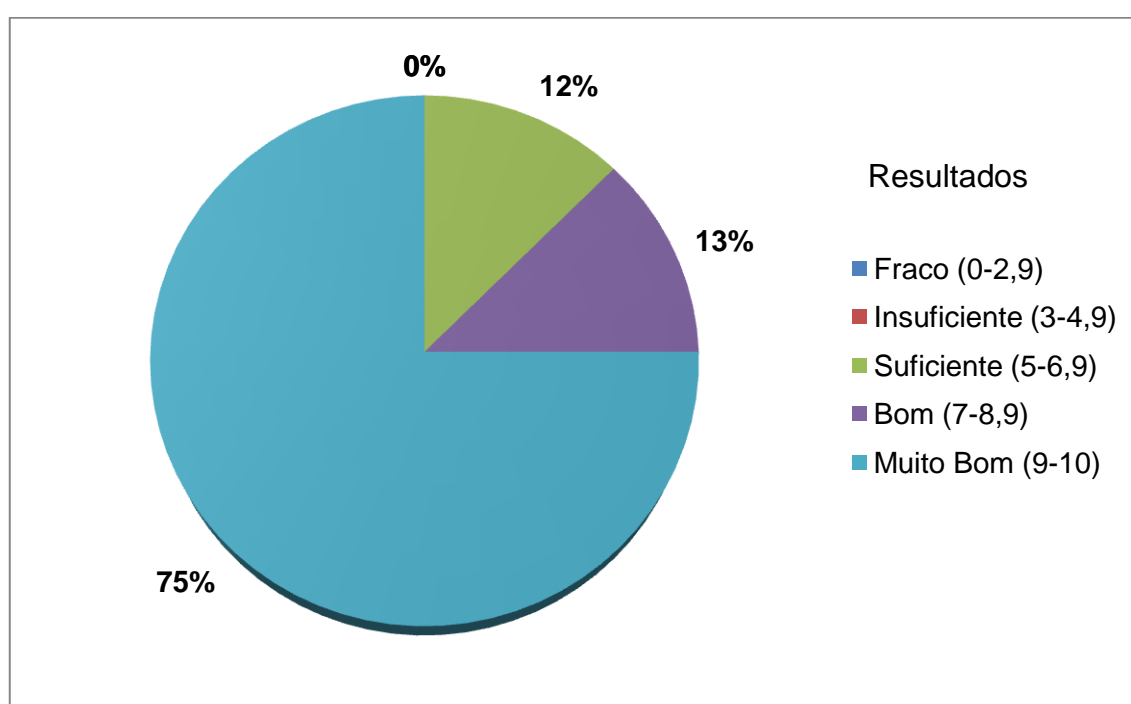


Figura 17 – Gráfico da avaliação do Domínio da Matemática

### **3.3.6 Descrição do gráfico**

Com a observação do gráfico (figura 17), referente às classificações da avaliação do domínio da Matemática, podemos concluir que houve uma grande percentagem da turma que obteve a classificação de Muito Bom, com 75%, o que corresponde a 18 alunos. Com a percentagem de 13%, que equivale a 3 alunos, obteve-se Bom e três alunos tiveram a classificação de Suficiente que representa 12%.

Concluo que esta proposta foi adequada aos conhecimentos das crianças do grupo, visto que os resultados positivos alcançaram 100%.

## **3.4 Dispositivo de avaliação da área de Matemática**

### **3.4.1 Contextualização**

Esta proposta de trabalho foi realizada pelos alunos do 4.º Ano, no dia 22 de outubro de 2012, na área de Matemática. Estiverem presentes 26 alunos e esta proposta foi realizada durante 15 minutos.

Esta proposta de trabalho, ao contrário das anteriores, foi realizada dentro do período de estágio que permaneci nesta sala, numa das manhãs de aulas que lecionei. Apresenta exercícios adequados ao nível de ensino desta faixa etária, na data e na altura do ano indicadas. A proposta de trabalho encontra-se no anexo 3.

### **3.4.2 Parâmetros e critérios de avaliação**

Apresento de seguida, no quadro 21, a grelha dos parâmetros e critérios de avaliação aplicados na ficha de Matemática.

Quadro 21 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação na área de Matemática

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios de correção</b>		<b>Cotações</b>
Questão 1. Definição de poliedros	Explica corretamente os dois conceitos	<b>5</b>	<b>5</b>
	Explica corretamente um conceito	<b>2,5</b>	
	Resposta incorreta	<b>0</b>	
Questão 2. Identificação de sólidos geométricos	Associa corretamente todos os sólidos	<b>5</b>	<b>5</b>
	Associa corretamente 5 sólidos	<b>4,5</b>	
	Associa corretamente 3 a 4 sólidos	<b>2,5</b>	
	Associa corretamente 1 a 2 sólidos	<b>1</b>	
	Resposta incorreta	<b>0</b>	
<b>Total</b>			<b>10</b>

### 3.4.3 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Na primeira questão, o parâmetro de avaliação centra-se na definição correta de poliedro e não poliedro. No exercício são apresentados estes dois conceitos e o aluno tem de defini-los de forma correta. Se o aluno explicar corretamente ambos os conceitos, terá a cotação máxima de 5 valores. Caso o aluno explique corretamente apenas um deles, terá a cotação de 2,5 valores. Se o aluno não explicar nenhum dos conceitos será cotado com 0 valores.

Na segunda questão, o parâmetro de avaliação recai na identificação de sólidos geométricos, como sendo poliedros ou não poliedros. Se o aluno associar corretamente todos os sólidos geométricos, terá a cotação de 5 valores. Caso o aluno associe corretamente 5 sólidos, terá a cotação de 4,5 valores. Se o aluno associar corretamente 3 ou 4 sólidos geométricos, obterá 2,5 valores de cotação. Caso o aluno associe corretamente apenas 1 ou 2 sólidos, receberá uma cotação de 1 valor. Caso o aluno não associe nenhum dos sólidos, será cotado com 0 valores.

### 3.4.4 Grelha de avaliação da área de Matemática

De seguida apresento no quadro 22, a grelha das cotações da proposta de Matemática.

Quadro 22 – Grelha das cotações da proposta do anexo 3

Questões	1	2	Total
Cotações	5	5	10
Alunos			
A	0	5	5
B	5	4,5	9,5
C	5	4,5	9,5
D	2,5	5	7,5
E	5	4,5	9,5
F	2,5	5	7,5
G	0	5	5
H	5	4,5	9,5
I	5	4,5	9,5
J	5	4,5	9,5
K	5	4,5	9,5
L	5	5	10
M	5	5	10
N	5	5	10
O	5	4,5	9,5
P	5	5	10
Q	5	4,5	9,5
R	5	4,5	9,5
S	5	5	10
T	5	4,5	9,5
U	5	5	10
V	5	4,5	9,5
W	0	2,5	2,5
X	2,5	5	7,5
Y	5	2,5	7,5
Z	0	5	5
Média aritmética			8,5

Através da grelha de avaliação, podemos constatar que na questão número 1, as cotações estiveram divididas entre 2,5 e 5, em que nesta última, a maioria dos alunos respondeu acertadamente, o que nos leva a concluir que a maior parte da turma consegue explicar corretamente o conceito. Na questão número 2, apenas três alunos associaram entre 3 a 4 sólidos, e que os restantes estiveram divididos entre a cotação de 4,5 e 5, sendo esta última atribuída a 12 alunos.

### 3.4.5 Apresentação dos resultados e gráfico

Na figura 18 apresento o gráfico circular com os resultados da avaliação da área de Matemática.

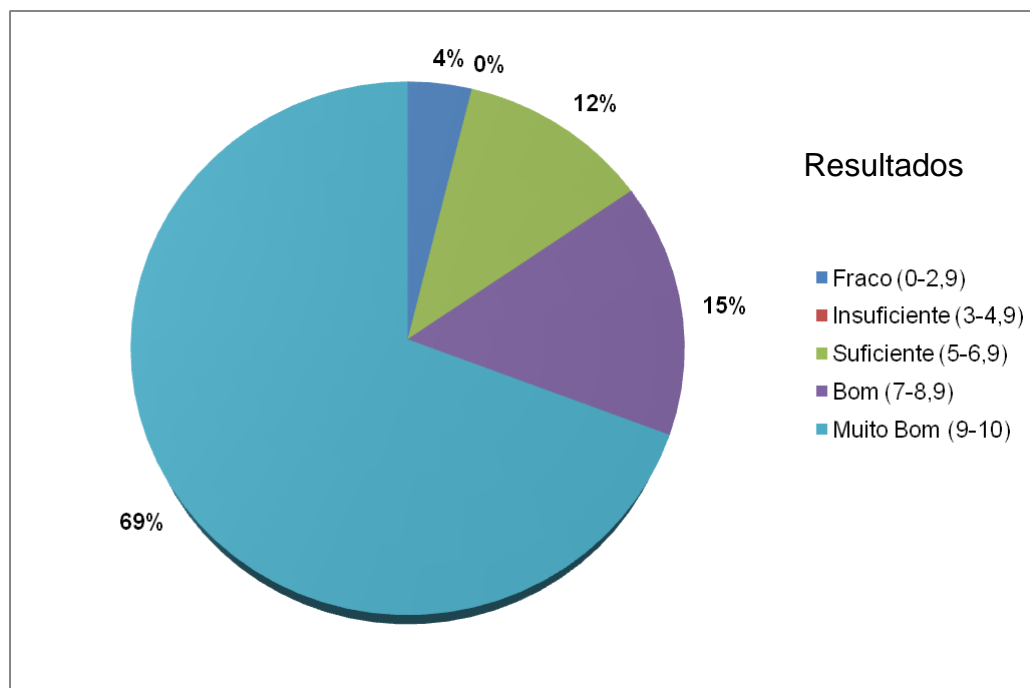


Figura 18 – Gráfico da avaliação da área de Matemática

### 3.4.6 Descrição do gráfico

Com a observação do gráfico (figura 18), referente às classificações da avaliação da área de Matemática, podemos concluir que uma grande percentagem da turma obteve a classificação de Muito Bom, com 69%, o que corresponde a 18 alunos. Com a percentagem de 15%, referente a 4 alunos, tiveram Bom. Três alunos tiveram a classificação de Suficiente, o que representa 12% e, um aluno, com uma percentagem de 4%, obteve Insuficiente.

Concluo que esta ficha de trabalho foi adequada ao nível de aprendizagem da turma.

### **3.5 Dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio**

#### **3.5.1 Contextualização**

Esta proposta de trabalho foi realizada pelos alunos do 3.º Ano, no dia 1 de fevereiro de 2013, na área de Estudo do Meio, com a seguinte temática: Primeiros Socorros. Estiveram presentes 27 alunos e a ficha foi realizada durante 25 minutos.

A mesma foi realizada fora do período de estágio que permaneci nesta sala, para este efeito. Apresenta exercícios adequados ao nível de ensino desta faixa etária, na data e na altura do ano indicadas. A proposta de trabalho encontra-se no anexo 4.

#### **3.5.2 Parâmetros e critérios de avaliação**

De seguida, no quadro 23, apresento a grelha dos parâmetros e critérios de avaliação da ficha de trabalho de Estudo do Meio.

Quadro 23 – Grelha dos parâmetros e critérios de avaliação na área de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios de correção		Cotações
1. Aplicação de conhecimentos sobre Primeiros Socorros	Descreve corretamente todos os passos	2	2
	Descreve corretamente 3 a 4 passos	1,5	
	Descreve corretamente 2 passos	1	
	Descreve corretamente 1 passo	0,5	
	Resposta incorreta	0	
1.1 Aplicação de conhecimentos caso numa situação de hemorragia no nariz	Descreve corretamente todos os passos	2	2
	Descreve corretamente 3 a 4 passos	1,5	
	Descreve corretamente 2 passos	1	
	Descreve corretamente 1 passo	0,5	
	Resposta incorreta	0	
2. Aplicação de conhecimentos sobre atitudes num caso de picada de abelha	Seleciona todas as frases corretas	2	2
	Seleciona 2 frases corretas	1,5	
	Seleciona 1 frase correta	0,5	
	Resposta incorreta	0	
3. Aplicação de conhecimentos sobre casos com queimaduras solares	Indica todas as frases corretamente	2	2
	Indica 4 frases corretamente	1,5	
	Indica 3 frases corretamente	1	
	Indica 1 a 2 frases corretamente	0,5	
	Resposta incorreta	0	
4. Identificação dos produtos que uma caixa de primeiros socorros deve conter	Identifica corretamente todos os produtos	2	2
	Identifica corretamente 5 a 6 produtos	1,5	
	Identifica corretamente 3 a 4 produtos	1	
	Identifica corretamente 1 a 2 produtos	0,5	
	Resposta incorreta	0	
<b>Total</b>			<b>10</b>



### **3.5.3 Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

Na primeira questão, o parâmetro de avaliação centra-se na aplicação de conhecimentos sobre Primeiros Socorros. O aluno tem de descrever corretamente todos os passos que deve seguir para socorrer alguém que tenha sido mordido por um cão. Se o aluno descrever todos os passos corretamente, ser-lhe-á atribuída uma cotação de 2 valores. Se o aluno descrever 3 a 4 passos que deve seguir, terá a cotação de 1,5 valores. Caso o aluno descreva 2 passos, terá uma cotação de 1 valor. Se o aluno apenas descrever 1 passo, será cotado com 0,5 valores. Se o aluno não descrever nenhum dos passos a seguir, será cotado com 0 valores.

No que concerne à segunda questão, que se encontra no seguimento da primeira, o parâmetro de avaliação refere-se à aplicação de conhecimentos num caso de uma situação de hemorragia no nariz. O aluno terá de saber quais os procedimentos que deve seguir, na situação anteriormente descrita. O aluno terá a cotação de 2 valores, caso descreva corretamente todos os passos. Se descrever 3 a 4 passos, será cotado com 1,5 valores. Caso o aluno descreva 2 passos, receberá a cotação de 1 valor. Se descrever 1 passo, é cotado com 0,5 valores. O aluno terá 0 valores se não descrever nenhum dos passos a seguir.

Relativamente à questão 2, o parâmetro de avaliação recai sobre a aplicação de conhecimentos sobre atitudes a ter em caso de picada de abelha. O aluno tem de observar as cinco frases e apenas selecionar as que estão corretas tendo em conta o caso que é apresentado. Se o aluno selecionar todas as frases corretas, terá 2 valores na cotação. Caso o aluno selecione 2 frase corretas, é cotado com 1,5 valores. Ao selecionar apenas uma frase correta, ser-lhe-á atribuída uma cotação de 0,5 valores. No caso de não selecionar nenhuma frase correta, terá a cotação de 0 valores.

No que se refere à questão 3, o parâmetro de avaliação recai na aplicação de conhecimentos sobre casos com queimaduras solares. Tendo em conta a frase inicialmente dada, “em caso de queimadura solar devemos...”, o aluno tem de identificar as frases apresentadas como sendo verdadeiras (V) ou falsas (F). Se o aluno indicar todas as frases corretamente, terá a cotação máxima de 2 valores. Se indicar 4 frases corretamente terá a cotação de 1,5 valores. Se o aluno indicar 3 frases de forma correta terá a cotação de 1 valor. Caso o aluno indique uma a duas frases corretamente, receberá a cotação de 0,5 valores. Se o aluno não indicar nenhuma das frases corretamente, terá 0 valores na cotação.

Por último, e relativamente à questão 4, o parâmetro de avaliação incide na escolha correta dos produtos que uma caixa de primeiros socorros deve conter. O aluno terá uma lista de 12 produtos e apenas deve selecionar aqueles que devem estar presentes numa caixa de primeiros socorros. Se o aluno identificar corretamente todos os produtos, terá a cotação máxima de 2 valores. Se o aluno identificar corretamente 5 a 6 produtos, receberá 1,5 valores. Ao identificar corretamente 3 a 4 produtos, o aluno será cotado com 1 valor. Caso o aluno apenas identifique corretamente 1 a 2 produtos, terá 0,5 valores. Se o aluno não identificar nenhum dos produtos indicados, terá 0 valores na cotação.

### 3.5.4 Grelha de avaliação da área de Estudo do Meio

No quadro 24 apresento a grelha das cotações da proposta de trabalho.

Quadro 24 – Grelha das cotações da proposta do anexo 4

<b>Questões</b>	<b>1</b>	<b>1.1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>Total</b>
<b>Cotações</b>	2	2	2	2	2	<b>10</b>
<b>Alunos</b>						
A	1,5	1,5	2	2	2	9
B	1,5	0,5	2	2	2	8
C	1	1	2	0	1,5	5,5
D	2	2	2	1	2	9
E	1	1	1,5	1,5	2	7
F	1,5	1,5	2	0,5	2	7,5
G	1,5	1,5	2	2	2	9
H	1	1	2	2	2	8
I	1	1,5	2	2	2	8,5
J	1	1	2	2	2	8
K	2	2	2	2	2	10
L	2	1,5	0,5	1,5	1,5	7
M	1,5	1,5	1,5	2	2	8,5
N	2	1	2	2	2	9
O	1,5	1,5	2	1	2	8
P	1,5	1,5	2	1	2	8
Q	1	1,5	2	1,5	2	8
R	1	0,5	2	2	2	7,5
S	1,5	2	2	1,5	1,5	8,5
T	1	1	1,5	2	2	7,5
U	1,5	1,5	2	2	2	9
V	1,5	1	2	2	2	8,5
W	0,5	1	2	1	1,5	6
X	1,5	2	2	2	2	9,5
Y	1,5	1,5	2	2	2	9
Z	1,5	1,5	2	1,5	2	8,5
A1	1,5	1,5	2	1,5	2	8,5
<b>Média aritmética</b>						<b>8,2</b>

Através da grelha de avaliação, podemos constatar que no que concerne à questão número 1, as cotações estiveram divididas entre 1 e 1,5. Apenas 4 alunos obtiveram a cotação máxima nesta questão, identificando todos os passos de forma correta. Na questão número 1.1, os resultados são bastante idênticos à questão anterior, verificando-se que apenas 4 alunos responderam totalmente à questão. No que concerne à questão número 2, a maioria dos alunos obtiveram a cotação máxima, sendo que apenas 4 alunos tiveram uma cotação inferior. Na questão número 3, houve uma grande variedade de cotações, uma vez que 15 alunos tiveram a cotação máxima, 6 alunos tiveram 1,5 valores, 4 alunos com 1 valor, e os restantes com 0,5 valores à exceção de uma que obteve a cotação de 0 valores. Na última questão, os resultados foram bastante positivos, pois apenas 4 alunos tiveram uma cotação de 1,5 valores, sendo que os restantes tiveram a cotação máxima de 2 valores.

### 3.5.5 Apresentação dos resultados e gráfico

Na figura 19 apresento o gráfico circular com os resultados da avaliação da área de Estudo do Meio.

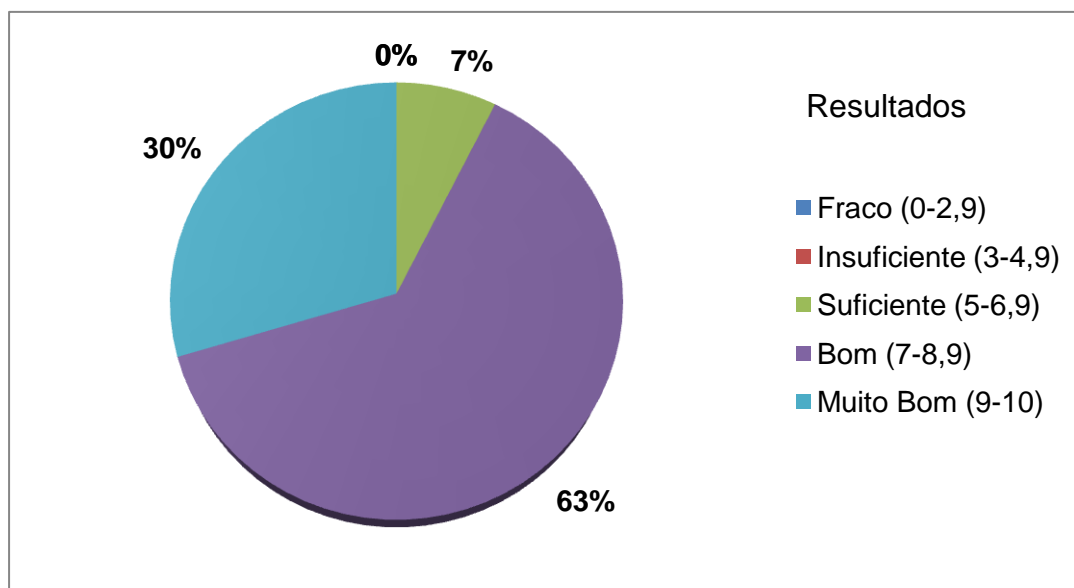


Figura 19 – Gráfico da avaliação da área de Estudo do Meio

### **3.5.6 Descrição do gráfico**

Com a observação do gráfico (figura 19), referente às classificações da avaliação da área de Estudo do Meio, podemos concluir que houve uma grande percentagem da turma que obteve a classificação de Bom, com 63%, o que corresponde a 17 alunos. Apenas 8 alunos tiveram a classificação de Muito Bom, com uma percentagem de 30%. Com a percentagem de 7%, que equivale a 2 alunos, obteve-se Suficiente. Nenhum aluno teve a classificação de Insuficiente ou Fraco.

Dou por terminado o Capítulo 3, referente aos Dispositivos de Avaliação. Na elaboração deste capítulo, senti mais dificuldade em definir os parâmetros e as cotações atribuídas a cada questão. Avaliar não é fácil e cabe ao professor ser justo na distribuição das cotações para cada parâmetro.

A elaboração deste capítulo também fez parte da minha formação e aprendizagem. A avaliação fará parte de toda a minha vida profissional e para além de avaliar os meus alunos, avaliarei também os meus comportamentos e cada uma das minhas práticas em sala de aula, de uma forma crítica e construtiva.



# **Reflexão Final**



## Considerações Finais

Ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram muitas as aprendizagens e os conhecimentos adquiridos, importantes para a minha formação.

Os Estágios Profissionais I, II e III tiveram um papel crucial neste processo, pois foram nestas unidades curriculares que estive em contacto com a realidade educativa, onde pude experimentar e vivenciar as minhas estratégias, melhorá-las e aprender a avaliá-las, de forma a tornar-me melhor profissional no futuro. Day (2004), refere que “espera-se que os professores sejam competentes, responsáveis pela elevação dos níveis de aproveitamento escolar de todos os alunos e que o façam de forma a estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem.” (p.38)

A relação pedagógica que tive com as crianças foi muito agradável e motivadora e tentei dar sempre o melhor de mim. Cada comportamento de carinho, dava-me determinação para ir mais além, preparar as aulas pensando na sua aprendizagem e no que as pudesse motivar.

A relação que criei com as educadoras e os professores titulares por onde passei, permitiu-me criar um modelo em que a relação pedagógica entre é valorizada. Todos os docentes se mostraram disponíveis para me ajudar ao longo desta fase. Ao lidarmos com diferentes pessoas, também tomamos consciência daquelas que queremos como modelos a seguir no futuro, e as que queremos eliminar porque não representam o ideal para nós.

Para Day (2004) “ser apaixonado pelo ensino não é unicamente demonstrar entusiasmo, mas também exercer a sua actividade de uma forma inteligente, baseando-se em princípios e valores” (p.36)

Os vários docentes que observei apresentaram estratégias de ensino diversas e isso levou-me a ter diferentes percepções, observando aquelas que resultavam melhor, as que me identificava mais, tentando construir a minha própria aprendizagem.

Segundo Arends (2008), “o ensino eficaz requer pessoas que sejam academicamente competentes, que dominem as matérias que vão ensinar e que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens.” (p.17). Para além disso, o mesmo autor, refere que também é necessária a presença de “pessoas que sejam capazes de produzir resultados, sobretudo a nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos” (p.17)



É neste modelo de professor, referido por Arends, que me quero tornar futuramente. Dar o melhor de mim crescer, desenvolvendo competências profissionais. Ao longo do curso a minha aprendizagem foi aumentando e tentarei que seja sempre assim ao longo da minha carreira. De acordo com o mesmo autor, “é necessário compreender que aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida, durante o qual se vai gradualmente descobrindo um estilo próprio, mediante reflexão e juízos críticos.” (p.28)

Apostar na minha formação será sempre um objetivo, para me atualizar sobre novas práticas pedagógicas. As metodologias e estratégias mudam e é fundamental que um professor acompanhe essas mudanças, promovendo o processo de aprendizagem dos seus alunos.

Gostei bastante das experiências que tive durante o Estágio Profissional, quer no Pré-Escolar, quer no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Não houve nenhum que me tivesse desagradado, no entanto para lecionar no futuro, sinto que o 1.º Ciclo é mais desafiante.

Ao longo deste Estágio Profissional, fui melhorando as práticas educativas e todas as minhas aulas me fizeram refletir sobre cada estratégia, constatando se eram as mais adequadas ou não. É essencial que um professor saiba autoavaliar-se, tomando consciência das estratégias que resultam e daquelas que tem de modificar, garantindo que todos os seus alunos cumpram com o que é pretendido no projeto curricular. Tudo o que referi anteriormente apenas foi possível pela aprendizagem que tive ao longo do curso. Os Professores da Equipa de Supervisão tiveram um papel muito importante, pois através das avaliações e das reuniões que tivemos juntos, fui aprendendo a autoavaliar-me e a refletir sobre as minhas práticas.

Todas as aulas teóricas que tive na Escola Superior de Educação João de Deus, foram um grande suporte para as que lecionei. O facto de relacionar a parte teórica com a prática é uma grande vantagem para a formação e para mim enquanto futura docente.

Neste meu percurso foi positivo ter tido esta oportunidade única e de grande utilidade para a minha formação, de vivenciar situações reais e de refletir sobre elas, de comunicar experiências e sobretudo constatar que a minha é contínua.

Desta forma chega ao fim mais uma etapa da minha vida.

## **Limitações**

Na realização deste Relatório de Estágio Profissional, senti algumas limitações no que concerne aos livros na biblioteca da escola. Na minha opinião, aquela tem uma boa base bibliográfica, no entanto, foram muitas as vezes em que procurei um livro que estava requisitado. Ter mais exemplares seria uma boa estratégia para combater esta limitação, assim como os colegas serem mais cumpridores, na data de entrega dos livros.

Outra limitação com que me deparei na realização deste documento, refere-se à utilização do espaço de estudo. Alguns alunos usam-no para conversarem, o que dificulta o trabalho de quem está a trabalhar.

Se o relatório for realizado com organização e o tempo adequados, com atenção e dedicação que exige, será mais fácil terminá-lo.

## **Novas pesquisas**

Como já foi referido nesta reflexão final, terei sempre como objetivo evoluir e desenvolver o meu conhecimento com novas estratégias.

Futuramente gostaria de tirar uma formação em Necessidades Educativas Especiais. Exercendo a minha profissão, posso ter alunos com necessidades e será mais facilitador se souber como lidar com essa criança, de forma a integrá-la na sala adequadamente, contribuindo para o seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo.

Também me interessa pelo 2.º Ciclo do Ensino Básico, por isso pretendo também fazer essa formação.



# **Referências**

# **Bibliográficas**



- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Agüera, I. (2008). *Brincar e Aprender na Primeira Infância – Actividades, Rimas e Brincadeiras para a Educação de Infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Pedago.
- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Alcántara, J. A. (1998). *Como educar as atitudes*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Concepções e eficácia da aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Alonso, L. & Roldão, M. C. (Ed.). (2005). *Ser professor no 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Amado, J. S. (2000). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: Edições ASA.
- Amaral, S. B. M. (2004). *Expressão Musical: significados e significantes. Perspectiva vivencial no Jardim de Infância*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Madrid: Mc Graw Hill.
- Baptista, A. (2000). *Perturbações do medo e da ansiedade: uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental*. In Soares, I. (Coord.) (2000). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in) Adaptativas ao Longo da Vida*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Baptista, A., Viana, F. L. e Barbeiro, L. F. (2011). *O Ensino da Escrita: Dimensões Gráfica e Ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bento, J. O. (1989). *Para uma formação desportivo-corporal na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boujon, C. & Quaireau, C. (2001). *Atenção e sucesso escolar*. Porto: Rés Editora.
- Brown, S., Race, P. & Smith, B. (2000). *Guia de avaliação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brunner & Zeltner (2000). *Dicionário de psicopedagogia e psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Caldeira, M. F. T. H. S. (2009a). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Educacion.
- Caldeira, M. F. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Calixto, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Carita, A., Silva, A. C., Monteiro, A. F. & Diniz, T. P. (1997). *Como ensinar a estudar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carita, A. & Fernandes, G. (1999). *Indisciplina na sala de aula. Como prevenir. Como remediar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados. Textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias Metodológicas para o ensino do Meio Físico e Social*. Lisboa: Areal Editores.
- Coll, C. & Edwards, D. (1998). *Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula*. Porto Alegre: Artmed.

- Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coquet, E. (2002). *A ilustração tridimensional* (as imagens que querem fugir dos livros). In Viana, F. L., Martins, M. & Coquet, E. (2002). *Leitura Literatura Infantil Ilustração. Investigação e Prática Docente*. Braga: Universidade do Minho.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Cortesão, L. et al (1995). *E agora tu dizias que... jogos e brincadeiras como dispositivos pedagógicos*. Porto: Afrontamento.
- Cosme, A. & Trindade, R. (2001). *Área de Estudo Acompanhado. O essencial para ensinar e aprender – Teoria*. Lisboa: Edições ASA.
- Costa, F., Garcia, M. A., Gameiro, M. I., Terça, O. M. (1997). *Biologia. À procura de conceitos sobre a vida*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Day, C. (2004). *A Paixão pelo Ensino*. Porto: Porto Editora.
- DCRP (coord). (2009). *Orientações da União Europeia para a actividade física: políticas recomendadas para a promoção da saúde e do bem-estar*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. (8.<sup>a</sup> ed.). Lousã: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Dias, F. N. (2004). *Relações Grupais e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fabregat, C. H. & Fabregat, M. H. (1989). *Como preparar uma aula de História*. Rio Tinto: Edições ASA
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.



- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Fourez, G. (2008). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Francia, A. & Azevedo, O. (2001). *Desenhos que falam*. Lisboa: Paulus Editora.
- Freitas, L. V. de & Freitas, C. V. de (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA.
- Freitas, M. J., Alves, D. & Costa, T. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. & Oliveira, T. (2006a). *Avaliação de competências em ciências. Exemplos de intervenção em contextos educativos – visitas de estudo, recolha e classificação de material, realização de projectos e actividades experimentais, discussões-tipo, portefólios*. Porto: Edições ASA.
- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. e Oliveira, T. (2006b). *Avaliação de competências em ciências. Planear, ensinar, desenvolver e avaliar competências – síntese do que se sabe*. Porto: Edições ASA.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.
- Grosso, C. (2004). *Grandezas e Medida. Áreas e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Guedes, T. (1995). *Ensinar a Poesia*. Lisboa: Edições ASA.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Edições ASA.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Jolibert, J. (coord.). (1994). *Formando crianças produtoras de textos* (vol. II). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Jonassen, D. H. (2007). *Computadores, Ferramentas Cognitivas. Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Jucquois, G. (1998). *Redacção e Composição*. Lisboa: Editorial Presença.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Lima, J. Á. de (org.) (2002). *Pais e professores - um desafio à cooperação*. Porto: ASA.
- Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Magalhães, V. F. (2009). *Sobressalto e Espanto. Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Manique, A. P. & Proença, M. C. (1994). *Didáctica da História. Património e História local*. Lisboa: Texto Editora.
- Martínez, M. P., Garcia, M. C. & Montoro, J. M. (1992). *Dificuldades de aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mendonça, M. A. (2002). *Redes de Aprendizagem, redes de conhecimento*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). (4.<sup>a</sup> ed.). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, F. (1997). *Interpretação e Educação Musical*. Porto: Fermata Editora.

- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Not, L. (1991). *Ensinar e Fazer Aprender*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Odriozola, E. E. (2001). *Perturbações da ansiedade na infância*. Amadora: Mc Graw Hill.
- Oliveira, C. M. (2005). *A apropriação do princípio alfabético – compreensão do processo*. Brasil: Revista Virtual de Estudos da Linguagem.
- O'Meara, P., Shirley, D. & Walshe, R. D. (1988). *Como estudar melhor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ostrower, F. (2008). *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Pacheco, J. A. & Zabalza, M. (1995). *A avaliação dos alunos dos ensinos básico e secundário*. Braga: Universidade do Minho/Instituto de educação e psicologia.
- Palhares, P. (coord) (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Amadora: McGraw-Hill.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante, Portugal: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula. Desenho e avaliação*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade. Reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Poslaniec, C. (2006). *Incentivar o prazer de ler. Actividade de leitura para jovens*. Porto: Edições ASA.
- Rebelo, J. A. S. (1993). *Dificuldades da Leitura e da Escrita em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: Edições ASA;
- Reis, M. P. I. F. C. P. dos (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de doutoramento inédita, Universidade Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.
- Reis, C. & Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Robinson, N. (2006). *Enciclopédia do Origami*. Lisboa: Dinalivro.
- Roldão, M. C. (1995). *O Estudo do Meio no 1.º Ciclo*. Lisboa: Texto Editora.
- Ruas, B. M. & Grosso, C. (2002). *Números e Operações Aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sá, A. J. C. (1995). *A Aprendizagem da Matemática e o Jogo*. Cidade: Associação de Professores de Matemática.
- Saló, E. (2000). *Primeiros Recortes*. (s/c): Fleurus e Família.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sansão, M. O., Castro, M. L., & Pereira, M. P. (2002). *Mapa de conceitos e aprendizagens dos alunos*. Instituto de Inovação Educacional: Biblioteca Digital.

- Santos, E. M. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Serrazina, L. & Matos, J. M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Serrazina, L. (Org.). (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora. Inafop.
- Sherwood, E. A., Williams, R. A. & Rockwell, R. E. (1987). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silveira, D. M. A. da (2003). *A participação de famílias na educação Pré-Escolar: Um estudo de caso*. Monografia apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus.
- Silveira - Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As técnicas de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o ensino da Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Sim-Sim, I. (coord.) (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Lisboa: Edições ASA.
- Sim-Sim, I. (2007). *Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sobrinho, J. G. (org.) (2000). *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (1979). *A dança educativa na escola*. Aveiro: Básica Editora.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, M. R. & Neto, F. (2003). *A educação intercultural através da música. Contributos para a redução da música*. Lisboa: Gailivro.
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed.

Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluacion. Guia practica para profesores*. Madrid: Narcea S. A.

Vale, F. (2001). *Teatro, Histórias e Rimas para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.

Valsassina, M. M. (1998). *Técnicas de desenho, pintura e trabalho manual*. Lisboa: Quatro Margens Editora.

Verderi, É. B. L. (2000). *Dança na escola*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.

Vieira, F., Moreira, M. A., Barbosa, I., Paiva, M., Fernandes, I. S. (2010). *No Caleidoscópio da Supervisão: Imagens da Formação e da Pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e Família. Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Williams, R. A., Rockwell, R. E. & Sherwood, E. A. (1995). *Ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.

Zabalza, M. A. (1998a). *Didáctica da Educação Infantil*. Rio Tinto: ASA.

Zabalza, M. A. (1998b). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA.

Zimbardo, P. (2002). *A Timidez*. Lisboa: Edições 70.

## **Legislação**

Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007

Circular n.º14/DGIDC/2011

Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro de 2005.



# **Anexos**





# **Anexo 1**

Dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita







# **Anexo 2**

Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática









# **Anexo 3**

Dispositivo de avaliação da Área de Matemática







# **Anexo 4**

Dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

## Jardim-Escola - Lisboa

### Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

5 anos

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

1. Ordena as seguintes frases:

do família A foi João praia. à

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

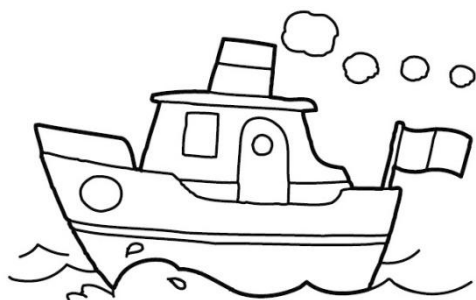
muito na brincar É praia. divertido

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



2. Escolhe a frase adequada à imagem e copia:



● O barco anda à deriva no mar.

● O João está a nadar no mar.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Divide as sílabas e rodeia a sílaba forte das seguintes palavras:

conchas	barco	balde
golfinho	mergulhar	nadar
sandes	brincar	chinelos

# Jardim-Escola - Lisboa

## Domínio da matemática

5 anos

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

1. Lê os seguintes números e coloca o numeral correspondente no quadrado:

dez -

trinta -

quinze -

quarenta e dois -

vinte e quatro -

cinquenta e cinco -

2. Liga corretamente as indicações das operações ao seu resultado.

$25 + 5 = \bullet$

$\bullet 36$

$31 + 5 = \bullet$

$\bullet 48$

$43 + 5 = \bullet$

$\bullet 30$



3. Completa o quadro seguinte.

antes		depois
	10	
	12	
	15	

antes		depois
	19	
	8	
	11	

4. Coloca os números por ordem crescente.

7 - 15 - 10 - 3 - 18 - 9 - 1 - 20

<  <  <  <  <  <  <



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

**Sólidos Geométricos – Poliedros e não Poliedros**

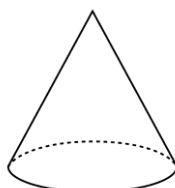
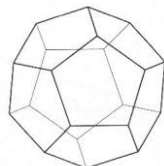
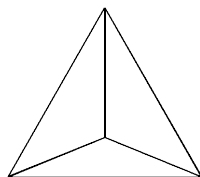
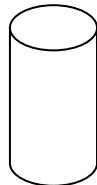
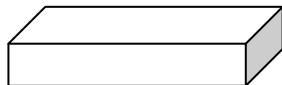
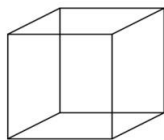


1. Define poliedro e não poliedro:

Poliedro
_____
_____
_____

Não Poliedro
_____
_____
_____

2. Liga corretamente os seguintes sólidos geométricos às opções que encontra.



**POLIEDRO**

**NÃO  
POLIEDRO**

Jardim-Escola - Lisboa  
Estudo do Meio - 3.º ano  
Ficha Formativa

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

# Primeiros Socorros

1. O que deves fazer se um colega teu for mordido por um cão e o quiseres ajudar?

---

---

---

- 1.1 E se tiver uma hemorragia no nariz?

---

---

---

2. Selecciona as frases que indicam atitudes corretas a tomar no caso de uma picadela de abelha, circulando a letra da mesma.

- a. Retirar o ferrão com uma pinça.
- b. Retirar o ferrão com as unhas.
- c. Lavar muito bem a zona da picada.
- d. Aplicar um saco de água quente na zona afetada.
- e. Aplicar gelo no local da picada.



3. Lê as seguintes frases e indica se são verdadeiras (V) ou falsas (F).

**Em caso de queimadura solar, devemos....**

- a. Aplicar gelo na queimadura.
- b. Arrefecer a região queimada com soro fisiológico ou água.
- c. Aplicar cremes hidratantes na zona queimada.
- d. Passar água quente na queimadura até arrefecer.
- e. Procurar a exposição ao sol até a queimadura não desaparecer.


4. Sublinha as opções que dizem respeito a produtos que uma caixa de primeiros socorros deve conter.

- |                     |                             |
|---------------------|-----------------------------|
| a. cola             | g. termómetro digital       |
| b. sabão            | h. autocolantes             |
| c. gaze e ligaduras | i. luvas descartáveis       |
| d. copo de água     | j. pensos rápidos           |
| e. tesoura          | k. palitos                  |
| f. luvas de algodão | l. compressas esterilizadas |